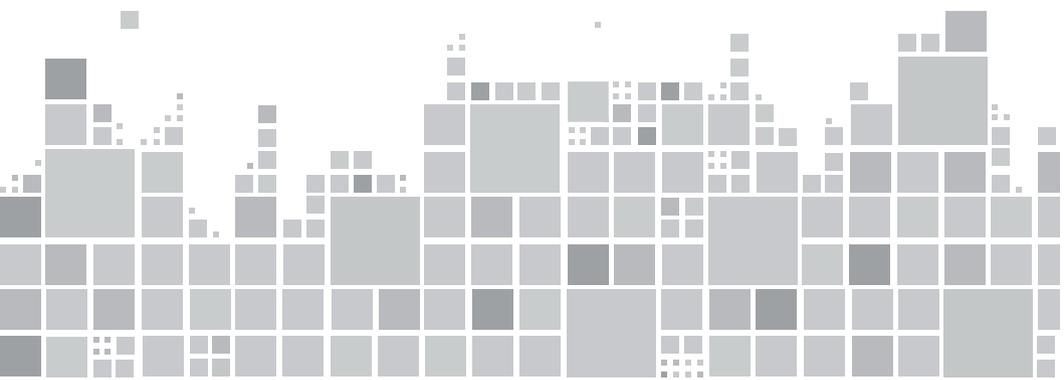


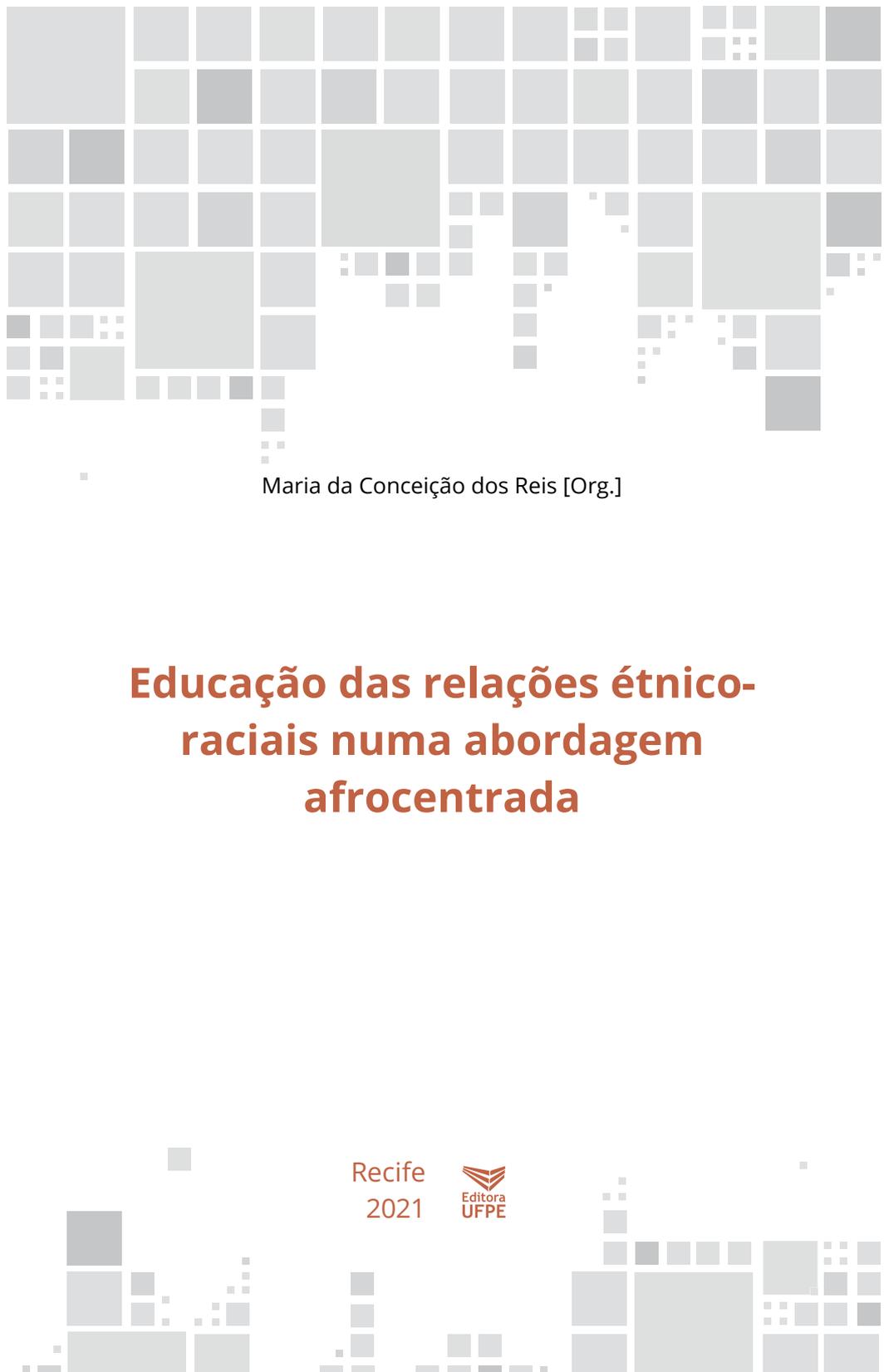
# Educação das relações étnico-raciais numa abordagem afrocentrada



Maria da Conceição dos Reis [Org.]



Série Livro-Texto



Maria da Conceição dos Reis [Org.]

# Educação das relações étnico- raciais numa abordagem afrocentrada

Recife  
2021



## Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho



### Pró-Reitoria de Graduação

Pró-Reitora: Magna do Carmo Silva

Diretora: Fernanda Maria Ribeiro de Alencar

### Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

### Comitê de avaliação

Adriana Soares de Moura Carneiro, Ana Célia Oliveira dos Santos, Andressa Suely Saturnino de Oliveira, Arquimedes José de Araújo Paschoal, Assis Leão da Silva, Ayalla Camila Bezerra dos Santos, Chiara Natercia Franca Araujo, Deyvylan Araujo Reis, Djailton Cunha, Flavio Santiago, Hyana Kamila Ferreira de Oliveira, Isabel Cristina Pereira de Oliveira, Jaqueline Moura da Silva, Jorge Correia Neto, Keyla Brandão Costa, Luciana Pimentel Fernandes de Melo, Márcia Lopes Reis, Márcio Campos Oliveira, Márcio Vilar França Lima, Maria Aparecida Silva Furtado, Maria da Conceição Andrade, Michela Caroline Macêdo, Rodrigo Gayger Amaro, Rosa Maria Oliveira Teixeira de Vasconcelos, Shirleide Pereira da Silva Cruz, Tânia Valéria de Oliveira Custódio, Waldireny Caldas Rocha

### Editoração

Revisão de texto: Mariana Andrade Gomes

Projeto gráfico: Diogo Cesar Fernandes | Gabriel Santana

Diagramação: Adele Pereira

### Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

---

E26 Educação das relações étnico-raciais numa abordagem afrocêntrica [recurso eletrônico] / organizadora : Maria da Conceição dos Reis. – Recife : Ed. UFPE, 2021. (Série Livro-Texto)(Série Livro-Texto)

Vários autores.  
Inclui referências.  
ISBN 978-65-5962-091-3 (online)

1. Negros – Educação – Brasil. 2. Negros – Identidade racial – Brasil. 3. Educação – Aspectos sociais – Brasil. 4. Cultura afro-brasileira – Estudo e ensino. 5. Brasil – Relações étnicas. 6. Brasil – Relações raciais. I. Reis, Maria da Conceição dos (Org.). II. Universidade Federal de Pernambuco. Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais. III. Título da série.

371.829

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2022-018)

---

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



## SÉRIE LIVRO-TEXTO

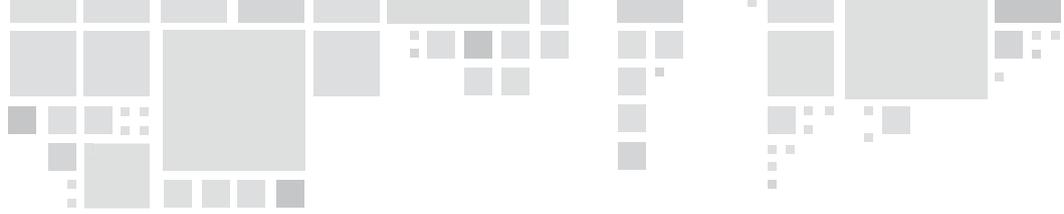
A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pautada pelos princípios da democracia, da transparência, da qualidade e do compromisso social, assume a Educação Superior como um bem público e um direito de todas e todos. Nesse sentido, estimula a melhoria das condições do trabalho docente, a inserção de metodologias de ensino inovadoras e a articulação dos conhecimentos teóricos e práticos nas diferentes áreas do saber como instrumentos de promoção de uma formação científica, humanística e artística que prepare nossos estudantes para a intervenção na realidade, segundo o compromisso com o desenvolvimento integral e sustentável, a equidade e a justiça social. Assim, a UFPE, por intermédio da Pró-Reitoria de Graduação e da Editora UFPE, oferta à comunidade acadêmica e à sociedade mais uma seleção da Série Livro-Texto, com o objetivo de contribuir para a formação da biblioteca básica do estudante de graduação e para a divulgação do conhecimento produzido pelos docentes desta Universidade. Os 34 livros selecionados para esta coleção, que contemplam diferentes áreas do saber, foram aprovados segundo as condições estabelecidas no Edital 14/2021 (Edital simplificado de incentivo à produção e publicação de livros digitais Prograd/ Editora UFPE) e representam o esforço de discentes (de graduação e pós-graduação) e servidores (docentes e técnicos) e da gestão da Universidade em prol da produção, sistematização e divulgação do conhecimento, um de seus principais objetivos.

**Alfredo Macedo Gomes** – Reitor da UFPE

**Moacyr Cunha Araújo Filho** – Vice-Reitor da UFPE

**Magna do Carmo Silva** – Pró-Reitora de Graduação (Prograd)

**Fernanda Maria Ribeiro de Alencar** – Diretora da Prograd



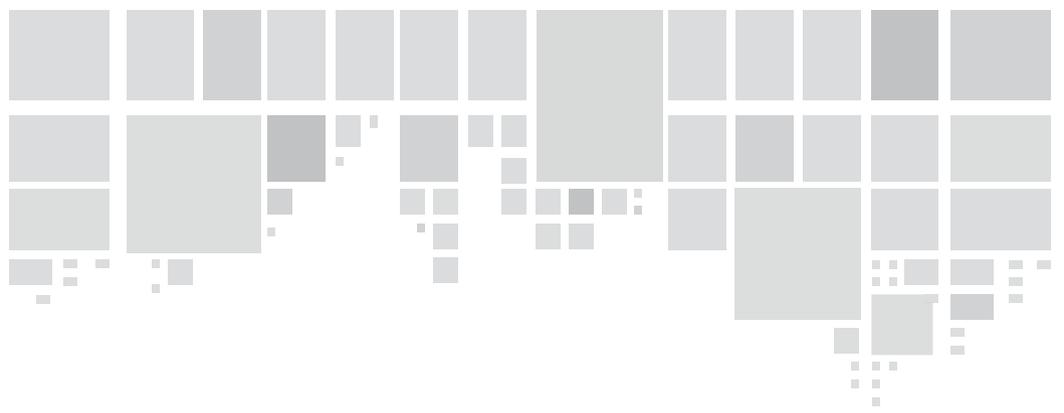
## SUMÁRIO

### Apresentação 6

1. **LABERER: uma história de representatividade afrocêntrica** 10
2. **Educação das relações étnico-raciais: o Quilombo Acadêmico que afrocentrou o PPGedu/UFPE** 28
3. **Identities, memórias e desigualdades: ensino remoto em tempos de pandemia no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE** 47
4. **Pedagogias afrocêntricas do projeto música e arte afrocentrada** 67
5. **Projeto inglês afrocentrado: aprender inglês para além do idioma** 81
6. **Memória e presença viva de autorias negras: contribuições para a ERE e para a centralização do povo negro** 98
7. **Visibilidade intelectual negra na biblioteca do Centro de Educação/UFPE** 111

### Sobre os autores 120





## APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que apresento aos leitores e leitoras a obra intitulada: *Educação das relações étnico-raciais numa abordagem afro-centrada*. Nela, o Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) reúne e apresenta suas experiências e vivências que aqui são registradas por técnicos(as), docentes, estudantes de graduação e pós-graduação da UFPE e ativistas do movimento negro que compõem esse grupo.

Esta obra se completa com outro livro produzido pelo LABERER, também publicado através da aprovação no Edital da PROGRAD/UFPE, *Os Múltiplos Olhares do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais da UFPE*, organizado por Paulo Roberto Pergentino das Candeias. Uma coletânea de textos resultantes de pesquisas desenvolvidas por membros desse Laboratório e de grupos parceiros que discutem a Educação das Relações Étnico-Raciais.

O LABERER é lotado no Centro de Educação da UFPE, com registro no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), desde 25 de julho de 2018. Como líder do grupo, coordenei o laboratório durante dois anos e, no início de 2021, passei a coordenação para a vice-líder,

a professora Elizama Pereira Messias e para o professor Cledson Severino de Lima, respectivamente estudante e egresso do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE, com o objetivo de formar novas lideranças no grupo.

O laboratório, conforme registro no CNPQ, desenvolve estudos, pesquisas, ações de extensão e de intervenção para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e inserção de pessoas negras na academia e na sociedade, a partir do processo de construção de identidades, histórias e memórias da população negra. Como perspectiva teórico-metodológica no desenvolvimento de suas ações, o laboratório é guiado pela teoria da Afrocentricidade, buscando afrocentrar a temática étnico-racial na UFPE através de autores, conteúdos, histórias e culturas africana e afrodiaspórica.

Este livro se configura como uma coletânea temática sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais, composto por relatos de experiências que revelam como a abordagem afrocentrada, na perspectiva da teoria da Afrocentricidade, faz-se presente no Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais. Seu objetivo é revelar como a universidade pode ser um espaço de acolhimento da diversidade, em que se constitui o povo brasileiro, as possibilidades para o processo de construção de identidades, fortalecimento, aprofundamento e aprimoramento das relações étnico-raciais para a inclusão e promoção da igualdade racial no âmbito acadêmico, político e social.

O capítulo intitulado “LABERER: uma história de representatividade afrocêntrica”, escrito por Allysson Leonan, Cláudia Vicente e Cledson Lima, apresenta como surge e se desenvolve o Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de Pernambuco. Além disso, traz para o centro do debate a importância das atividades de ensino-pesquisa-extensão que o grupo realiza. O diálogo proposto é pautado à luz da teoria da Afrocentricidade que problematiza o campo das relações sociais para o fortalecimento da identidade negra. Os autores acenam, também, para a necessidade de registrar para a posteridade o comprometimento e atuação do LABERER na luta antirracista na UFPE.

O segundo e o terceiro capítulo são experiências de ensino desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da UFPE através de duas disciplinas ministradas por mim, com a presença de vários membros do LABERER, seja enquanto estudante vinculado(a) ao PPGEdu/UFPE ou na condição de aluno(a) especial. A primeira disciplina foi realizada no semestre letivo 2019.1 e está relatada no segundo capítulo. A segunda disciplina foi realizada no

semestre remoto em 2020, durante o isolamento social causado pela pandemia do Covid-19.

“Educação das Relações Étnico-Raciais: o Quilombo Acadêmico que Afrocentrou o PPGEduc/UFPE” é o texto do segundo capítulo, escrito por Tulane Silva de Souza Pedrosa, Maria Lúcia Gomes dos Prazeres e Emerson Raimundo do Nascimento. O relato apresenta o desenvolvimento da disciplina a partir de sessões que dialogam com a epistemologia afrocentrada e com caminhos bibliográficos de intelectuais negros(as), bem como elabora uma síntese dos frutos gerados na disciplina, a exemplo da Exposição “Autoria Negra na Construção do Conhecimento”, elencando também apresentações em congressos e artigos publicados em revistas científicas.

No terceiro capítulo, intitulado “Identidades, Memórias e Desigualdades: ensino remoto em tempos de pandemia no programa de pós-graduação em educação da UFPE”, Catarina da Silva Souza, Dianne Kéthully Delfino da Silva e Maria da Conceição dos Reis apresentam uma pesquisa que respondeu como se deu o desenvolvimento da disciplina remota “Identidades, memórias e desigualdades” oferecida pelo PPGEduc/UFPE e quais as contribuições para os(as) seus(suas) estudantes no período de isolamento social. Como resultado, as autoras discorrem sobre o aprofundamento de como as reflexões sobre desigualdades, memórias e identidades em um contexto de pandemia contribuiu para a formação profissional e humana, assim como as discussões e análises sobre os impactos do ensino remoto na vida dos(as) discentes.

Os três capítulos seguintes são relatos de experiências de projetos de extensão iniciados em 2019 de forma presencial e, posteriormente, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, adaptados para uma experiência em formato remoto.

No capítulo intitulado “Pedagogias Afrocêntricas do Projeto Música e Arte Afrocentrada”, Cledson Severino de Lima, Joice Carla Silva de Oliveira e Marcelo Ragner Guerra da Silva apresentam a experiência desenvolvida através do Projeto de Extensão Música e Arte Afrocentrada. À luz da teoria da Afrocentricidade, escrevem as pedagogias desenvolvidas, seus valores civilizatórios africanos e afro-diaspóricos ampliando o legado para as pesquisas e práticas pedagógicas afrocêntricas.

O quinto capítulo, “Projeto Inglês Afrocentrado: aprender inglês para além do idioma”, de Sarah de Paula Morato, Yure Gonçalves da Silva e Elizama Pereira Messias, tem como objetivo descrever como as atividades do Projeto Inglês Afrocentrado foram construídas e

contribuíram para o desenvolvimento de habilidades de leitura, tradução e interpretação de textos acadêmicos na língua inglesa, utilizando as abordagens e teorias da Afrocentricidade como recursos metodológicos e teóricos. O texto aponta que o Projeto Inglês Afrocentrado e o uso de referências de intelectuais negros e negras para compor material contribuiu para o desenvolvimento da leitura, tradução e interpretação de textos acadêmicos na língua inglesa.

O capítulo escrito pelas professoras Elizama Messias, Cláudia Vicente e Suzana Santos tem como título: “Memória e Presença Viva de Autorias Negras: contribuições para a Erer e para a centralização do povo negro”. Trata objetivamente de apresentar a importância da experiência pedagógica realizada a partir do projeto de extensão “Memórias e Presença Viva de Autorias Negras”. As autoras trazem, entre outros aspectos, reflexões sobre como o referido projeto contribuiu para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para a centralização do povo negro.

Finalizando o livro, tem-se o sétimo capítulo, “Visibilidade Intelectual Negra na Biblioteca do Centro de Educação/UFPE”, de Adilson dos Ramos e Amanda Carla Ganim do Nascimento. O texto relata a experiência da parceria do LABERER com a Biblioteca Setorial do Centro de Educação durante o desenvolvimento do Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras, em formato presencial, que aconteceu no segundo semestre de 2019 nas dependências da supracitada biblioteca. O capítulo apresenta uma abordagem conceitual em construção sobre memória social, em seguida aborda a preservação desta, discutindo o sentido da biblioteca como lugar de memória e, também, faz uma reflexão sobre os enfrentamentos à invisibilidade.

Espero que este livro contribua com a formação crítica e antirracista de seus leitores e leitoras e que possa ser utilizado como recurso didático-pedagógico para aprender e ensinar sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais enquanto componente curricular e conteúdo de diversas áreas do conhecimento, a exemplo de Letras, Educação, Política, Artes, Música, História e Sociologia.

Desejo uma boa leitura e muito axé para nós!

*Maria da Conceição dos Reis*

Líder do LABERER/UFPE  
Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais



## LABERER

### Uma história de representatividade afrocêntrica

Allysson Leonan Cunha da Silva

Cláudia Vicente da Silva

Cledson Severino de Lima

## INTRODUÇÃO

Este capítulo se refere a um relato de experiência do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da Universidade Federal de Pernambuco. Seu objetivo é relatar e socializar como as atividades desenvolvidas por esse laboratório inspiram representatividade afrocêntrica à luz da teoria da Afrocentricidade, aporte teórico que, segundo Asante (2014); Mazama (2012); Lima, Reis e Nascimento (2019), opera em um movimento intelectual, político, social e cultural que centraliza valores inatos dos povos africanos e afrodiaspóricos.

Em 25 de julho de 2018, a Professora Dra. Maria da Conceição dos Reis pôs a público o Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER). A data escolhida para sua fundação não poderia ter sido mais significativa, uma vez que este dia marca, também, as comemorações do dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha. Acreditamos que sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal enquanto mulher negra, militante de movimentos sociais e pesquisadora da educação contribuiu de forma decisiva com o processo de elaboração e construção deste projeto.

Os anos que acumularam vivências de militância social e acadêmica permitiu que as trocas de saberes dos povos tradicionais e dos conhecimentos das ciências consolidando nessa professora um capital intelectual e cultural visto em suas atitudes emocionais e práticas, os quais sempre estão atentos ao protagonismo de pessoas pretas, despertando o melhor dos interesses desses povos (LIMA, 2020)

Em tempos de alargamentos de desigualdades, da enorme dificuldade que a Educação em nosso país vem passando, um olhar acadêmico mais sensível e humano, voltado às questões identitárias, tem o poder de tornar os espaços mais afetivos e, conseqüentemente, ricos de espírito e verdade, como defendeu Gonzalez (1982, p. 3):

Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla dá-se o nome de sexismo, racismo e elitismo.

O Laboratório é, neste sentido, a síntese de quem o criou e também de quem o compõe. Surge com o interesse de contribuir com a pesquisa, extensão e intervenção pedagógica que, por sua vez, o tem consolidado como importante agente/promotor da discussão antirracista na Universidade Federal de Pernambuco, sobretudo no Centro de Educação onde está situado.

O LABERER, enquanto grupo de pesquisa, desenvolve estudos no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais e suas articulações com as questões relacionadas ao “fortalecimento da identidade negra no âmbito da UFPE”. Além de problematizar as práticas educativas no processo formativo que a Instituição propõe. Com isso, o referido Laboratório fortalece o âmbito acadêmico, intelectual e social, pois aprofunda a discussão sobre as questões raciais, fundamentais para a luta antirracista.

Através de sua atuação, no campo da pesquisa, o LABERER vem se tornando importante canal de debates, compartilhamento de dúvidas e opiniões acerca da teoria da Afrocentricidade, referencial teórico metodológico no qual os seus pesquisadores apoiam-se. É importante ressaltar que seu espaço agrega estudantes da

graduação e pós-graduação, militantes de movimentos sociais, professores(as) técnicos(as), e outras pessoas vinculadas ou não à UFPE. As pesquisas desenvolvidas buscam trazer para o centro do diálogo a questão étnico-racial, bem como fortalecer a história e cultura africana do continente ou no processo da diáspora negra.

No que tange à extensão acadêmica e intervenção pedagógica, o Laboratório coordena e realiza atividades através de três projetos simultaneamente, são eles: Projeto Música e Arte Afrocentrada, Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras e Projeto Inglês Afrocentrado. Em resumo, esses projetos cumprem a necessidade da atuação universitária para além do campus.

Ademais, eles buscam desenvolver atividades relacionadas à educação das relações étnico-raciais num espaço (a universidade) onde a produção do conhecimento científico, durante muito tempo, não privilegiava essa temática. Neste ponto, a execução de tais projetos possibilita a superação de práticas de desigualdades sociais que ainda hoje permeiam nossa sociedade.

Ao privilegiar as questões identitárias, criou-se uma relação muito próxima entre teoria e prática, ou seja, o fortalecimento de uma identidade negra valorativa, a qual contribui significativamente para a transformação de uma sociedade mais justa e equânime do ponto de vista racial.

Dessa feita, a atuação e produção acadêmica do LABERER caracteriza-se como ação de caráter afirmativa, uma vez que prioriza uma pedagogia de base afrocêntrica. Ao propor atividades de caráter antirracista se abre caminhos para ampliar a participação do povo negro na academia e conseqüentemente acabar com as diferenças históricas que permearam estes lugares.

Para se entender bem essa relação, desde a criação do grupo, mais que a realização de atividades, buscou-se desenvolver uma filosofia de pensar e repensar a história e cultura africana na perspectiva da alteridade. E isto permitiu a criação de uma agenda afro-acadêmica, comprometida cientificamente com a produção do saber (Ciência) e sensível à transmissão do conhecimento (Educação).

Diante da necessidade de deixar registrado para a posteridade a história do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais na UFPE, condensamos as atividades realizadas por este Laboratório, analisando sua relação com a teoria da Afrocentricidade e a importância disso para a construção e fortalecimento das identidades e abertura de novos olhares para a questão étnico-racial no campo educacional.

## A CONSOLIDAÇÃO DE UMA AGENDA ANTIRRACISTA E OS CAMINHOS PROPOSTOS PELA AFROCENTRICIDADE

As relações étnico-raciais são um tema muito caro à sociedade brasileira. O racismo, como se apresenta hoje em dia, requer de todas as pessoas observação-reflexão e ações em prol de sua desconstrução. Para se entender os acontecimentos no presente é preciso entender também o passado. Uma volta na história do Brasil nos permite tecer, resumidamente, algumas considerações acerca das questões relacionadas ao racismo no país. Como se sabe, a problemática com relação à questão étnico-racial é algo que remonta aos primórdios da formação social do povo brasileiro.

Desde a sua colonização por volta do século XVI, quando os europeus ocuparam as terras do território onde hoje se encontra o país, que a estratificação social por um sistema econômico baseado na acumulação de capital e discriminação racial foi estabelecida.

Deste modo, os povos europeus, não apenas tomaram o espaço físico como trouxeram consigo uma cultura impositiva e segregadora. A perseguição e o extermínio dos povos nativos, a vinda e o tratamento desumano dispensado aos milhares de homens e mulheres africanos e africanas deixou marcas profundas na história do povo brasileiro. A crueldade e marginalização com que a história e cultura desses povos foram tratadas, ainda hoje reverbera sobre os(as) seus(as) descendentes.

Muito embora saibamos que o preconceito étnico-racial não está vinculado apenas à população negra, porém, é marcadamente a ela associado. Haja vista as características africanas, em toda sua dimensão, terem sido alvos de estigmas sobretudo com relação a cor. Para muitos estudiosos essa seria a principal via histórica para compreensão da gênese do preconceito racial no Brasil. Em sua obra *Racismo e Sociedade* Ruiz (1988, p. 100) nos dá a base para esta defesa,

Há uma relação muito próxima entre a escravidão que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra... “O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão”.

Creemos que estas constatações históricas nos servem, pois tornam insólita a ideia de que o racismo é algo recente, ou até mesmo inexistente na sociedade brasileira. É por bem salientarmos que mesmo que a agenda proposta pelo LABERER se incline para o

desenvolvimento de atividades que visam o respeito à pluralidade étnica de nosso povo, trataremos neste trabalho de apresentar como as atividades do grupo são importantes construtos sociais para a afirmação da identidade da população negra.

Trouxemos esta discussão a fim de criar um elo com a proposta temática desse tópico, e assim discutir a importância deste Laboratório e de sua agenda afrocêntrica para a efetivação de uma educação emancipadora e identitária, pautada em práticas, ideias e ideais antirracistas.

Neste sentido, não podemos negar que a teoria da Afrocentricidade foi fundamental para a criação dos eventos propostos pelo LABERER. Ela ampliou e fortaleceu o complexo sistema de saberes culturais e sociais tão necessários às relações humanas. Isto porque a referida teoria, proposta por Molefi Kete Asante, na década de 1980, tem como princípio basilar; a criação de uma “proposta epistemológica do lugar” (ASANTE, 2009, p. 93). Assim, a partir deste ponto analisaremos como as atividades propostas pelo LABERER se caracterizam como afrocêntricas.

Ao problematizar e formular a ideia de Afrocentricidade, Asante (2014) cria categorias cognitivas-sociais que apontam para a reflexão e luta contra as injustiças históricas que os povos africanos foram submetidos durante anos. A unidade étnica proposta pelo autor é, acima de tudo, para que seja considerada a importância africana para a humanidade no âmbito acadêmico, linguístico, político, cultural, social, gastronômico, etc. No qual proferiu:

[...] Eu escrevi o livro *Afrocentricity: The Theory of Social Change* [Afrocentricidade: A teoria de mudança social] em 1980 como uma lança no ventre do eurocentrismo que tinha estrangulado a criatividade intelectual dos povos africanos em uma gaiola do pensamento imperial ocidental (Asante, 1980). Tentei enfatizar o lugar dos africanos como agentes de ação, mudança, transformação, ideias e cultura. Por causa do deslocamento físico dos africanos durante o comércio europeu de escravos, fomos afastados de nossos centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e colocados à força na cosmovisão e no contexto europeus. (ASANTE, 2016, p. 2)

Coadunamos com o autor, pois é necessário que a sociedade entenda os danos causados por nosso passado colonial para poder entender o preconceito relacionado ao homem e à mulher negro(a) na atualidade, bem como a importância de uma agenda afrocêntrica para este processo. Lutar contra o modelo perverso de uma

sociedade negacionista, fascista, racista, é, também, ter compreensão histórica e sociológica da razão crítica.

O Brasil, país em que vivemos, é uma nação paradoxal. A desigualdade social ligada à questão étnico e racial limita de modo profundo e num sentido nocivo a personalidade do homem e da mulher negro(a) brasileiro(a). É justamente com energia, militância, propriedade e arcabouço teórico metodológico à luz da Afrocentricidade que a agenda coletiva proposta pelo grupo mostrou, desde a primeira atividade realizada, seu engajamento com as questões sociais e seu potencial de representatividade, que permeou os eventos por ele propostos.

[...] O LABERER, ele, com as suas ações, vem contribuindo para consolidar a discussão das relações étnico-raciais numa perspectiva de valorização, de visibilidade das memórias e da produção acadêmica do povo negro e tem algumas dimensões, de ações, a dimensão da produção do conhecimento, mais teórico relacionado a pesquisa, mas também a dimensão da atuação política em termos de combate ao racismo numa perspectiva que está para além da academia. (SOARES, 2021)

E é sobre isso que iremos decorrer a partir de agora. Há um antigo provérbio africano que, de maneira metafórica, diz-nos que “o conhecimento não é a coisa principal, mas as ações”. A sabedoria erudita que compõe esses versos nos dá fôlego para iniciarmos nossa narrativa.

No ano de 2018, logo após sua criação, o LABERER participa de atividades acadêmicas ministrando e oferecendo oficinas, minicurso, rodas de diálogo, grupo de pesquisa, aulas de inglês afrocentrado, apresentação cultural, comunicação de trabalho científico e publicação de artigos. Como no caso da:

- Premiação na Mostra Científica da Semana Pedagógica do Centro de Educação da UFPE (2018) com o trabalho “Afrocentricidade e Educação: um legado epistêmico para estudantes negros(as) na sociedade brasileira”, do integrante Professor Msc. Cledson Severino de Lima e das Professoras Dra. Maria da Conceição dos Reis e Dra. Delma Josefa da Silva;
- Minicurso “Epistemologias contra-hegemônicas: Decolonialidade, Afrocentricidade e Filosofia Africana Da Educação”, no 7º Encontro de Pesquisadores de Educação de Pernambuco-EPEPE (2018), ministradas pelos Professores Msc. Cledson Severino

- de Lima, Msc. Emerson Raimundo do Nascimento, Ms. Deyvson Barreto Simões da Silva e Ms. Deybson Henrique Silva de Albuquerque;
- Comunicação acadêmica “Teoria da Afrocentricidade na Educação: uma revisão da literatura acadêmica”, no *X Congresso de Pesquisadores/as Negros/as-COPENE* (2018), pelos integrantes Dra. Maria da Conceição do Reis; Msc. Cledson Severino de Lima e Msc. Emerson Raimundo do Nascimento;
  - A roda de diálogo “Afrocentricidade enquanto paradigma” (2018), que contou com a participação da Profa. Dra. Claudilene Silva da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e do Prof. Dr. Gabriel Swahili da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia;
  - Minicurso “Afrocentricidade e Pós-Colonialidade no ambiente escolar” na *Semana Pedagógica do Centro de Educação da UFPE* (2019) ministradas pelos Professores Msc. Cledson Severino de Lima, Ms. Emerson Raimundo do Nascimento, Msc. Deyvson Barreto Simões da Silva e Msc. Renata dos Santos Gusmão;
  - Publicação do artigo (qualis B2) “Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira”, *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* (RESAFE), n. 31, maio/out. 2019. ISSN 1679-8775, dos integrantes Dra. Maria da Conceição do Reis, Msc. Cledson Severino de Lima e Msc. Emerson Raimundo do Nascimento;
  - Formação Continuada de Professores de Jaboatão dos Guararapes-PE (2020) “Educação das Relações Étnico-Raciais”, ministrada pelos integrantes Dra. Maria da Conceição do Reis, Msc. Cledson Severino de Lima, Msc. Emerson Raimundo do Nascimento e a Graduanda Sarah Morato;
  - *Inglês Afrocentrado* (2020), aulas de inglês instrumental a partir de autores(as) negros(as) organizado pela Graduanda Sarah Morato, integrantes do Laboratório e convidados(as) externos(as);
  - *Ciclos de Leitura e Debates Afrocentrados* (2020), organizados por integrantes e convidados(as) externos(as);
  - *Lives Performáticas e Formativas* (2020), organizadas por integrantes e convidados(as) externos(as);
  - Defesa de três dissertações no PPGEdU da UFPE: I – *A Educação em Terreiro Afrocentrada da Nação Xambá*, defendida por Emerson Raimundo do Nascimento; II – *Teoria da Afrocentricidade: um olhar Afrocentrado para a Educação do povo negro*, defendida

por Cledson Severino de Lima; e III – *A Educação Afrocentrada do grupo étnico Sena e suas resistências à educação colonizadora em Moçambique*, defendida por Carlos Horácio Correia.

A maioria das atividades foram abertas ao público, o que efetivamente pode ser caracterizado como práticas de ações afirmativas propostas pelo grupo. Essa leitura nos permite dizer que, desde o início de sua formação, o LABERER atua no despertar da agência afrocêntrica dos povos negros que conhecem o Laboratório, e aos povos não negros ajudam na construção de uma perspectiva de mundo antirracista. A representatividade do LABERER ajuda as pessoas negras e pobres a olharem para a UFPE como um lugar possível de estar, despertando a vontade de frequentar o ambiente universitário público federal (LIMA, 2020).

Ainda em 2019 foi anunciada a agenda de atividades para o mês de janeiro. O *Janeiro cultural* do LABERER foi um conjunto de atividades voltadas para o público interno e externo ao grupo e à Universidade. As atividades ousaram criar perspectivas históricas, estéticas, geográficas, gastronômicas entre outras, que trouxessem uma experiência essencialmente africana.

Dentro dessas ações foi realizada uma visita à mostra fotográfica “Expressões de Negritude” do fotógrafo Renan Peixe. Num segundo momento foi feita uma visita ao restaurante Altar Cozinha Ancestral, especializado em receitas do Candomblé. Esteve presente na agenda, também, a ida ao espetáculo *Bacnaré*, atração cultural voltada à memória da vida e cultura africana, além de um passeio intitulado “Rota dos Baobás vivências de um caminho afrocentrado”.

A compreensão humana na elaboração dessas atividades nos mostra o quão devastador foi a perpetuação de um sistema de valorização de uma cultura única e de um único povo (branco). Pensar os lugares, os sabores, os sons e a estética negra nos leva a refletir como o pensamento ocidental padece, ainda hoje, de uma ignorância irreparável e insensível às causas dos povos oprimidos. A lógica afrocêntrica por trás das atividades propostas também nos revela a importância da descolonização do ser africano da diáspora.

Coutinho (2003, p. 85), neste sentido, diz-nos que:

[...] não se pode mais pensar a história em termos de um esquema linear e unicultural, mas apenas como a articulação de sistemas que se imbricam, superpõem e transformam constantemente; se não se pode mais restringir a produção de um povo a um espaço

arbitrariamente construído por razões de hegemonia político e econômica, mas, ao contrário, encarar esse espaço como um locus móvel e plural.

A citação acima sugere que representatividade é artigo de primeira grandeza e tão positiva que precisa estar no cerne da questão, no que toca à identidade negra. A partir do momento que o LABERER pensa e elabora tais ações é possível rever os espaços, as práticas e os saberes como algo real.

Neste sentido, o processo de intervenção pedagógica passa a existir de maneira efetiva, pois ao estar em contato com o mundo exterior a Universidade será lugar de justiça, ciências e concretização de utopias. O entrelaçar dos conceitos de raça e cor ensaiam sobre os valores que estão por trás da prática de alteridade, pelos quais tais práticas são desenvolvidas, bem como de sua relação com a Afrocentricidade e os valores por ela defendidos.

Ensinar é ser instrumento de efetiva transformação na vida de outros(as). Por isso, o que falamos até aqui é muito mais que ações antirracistas, pois se configuram como propósitos de vida, ao que tudo indica, firmado por todos(as) que compõe o grupo.

Os desafios na construção de tais atividades são igualmente repletos de sensações e emoções, pois a impressão que se tem é que tudo está muito além da contribuição para a Educação das Relações Étnico-Raciais; é a ideia de reparação como senso de promoção de justiça.

Não obstante, em março deste mesmo ano (2019) foi promovida uma videoconferência sobre a Afrocentricidade Internacional contando com a participação de grandes nomes que discutem esta temática como Dra. Ama Mazama, Presidente da Afrocentricidade Internacional e Professora na Universidade de Temple-EUA, e o Professor Dr. Gabriel Swahili, Presidente da Afrocentricidade Internacional no Brasil e Professor da UFBA.

O Laboratório em parceria com o Programa de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu/UFPE), através de sua líder, Profa. Dra. Maria da Conceição, ofertaram a disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais. Que teve sua aula de abertura no dia 15 de março de 2019, e contou com a palestra do Professor Dr. Edilson Fernandes, tendo como tema “A Educação das Relações Étnico-Raciais no PPGEdu/UFPE”. Vale pensarmos nesta discussão como de suma importância para contemplar a pluralidade étnica e cultural do nosso país, uma vez que estes debates motivam a aprendizagem e permitem que esta tenha continuidade.

A oferta de uma disciplina eletiva como essa faz parte da ação para ampla formação dentro da História e Cultura africana. Cumprindo com o objetivo esperado de uma formação de nível superior. O público participante foi dos mais variados; integrantes de Movimentos Sociais, Estudantes de Mestrado, Doutorado, Funcionários(as) da UFPE, Professores(as) da rede pública e Alunos(as) ouvintes de outras unidades da Federação.

A Afrocentricidade aparece de forma muito evidente ao sugerir uma imersão no universo africano de todas as maneiras possíveis. Desta feita, os(as) estudantes da referida disciplina realizaram importante exposição intitulada “Autorias Negras na Construção do Conhecimento Científico”.

Uma mostra com 19 quadros<sup>1</sup> pintados com óleo sobre tela, nos quais as imagens representam diferentes personalidades negras que contribuíram para o desenvolvimento das Ciências, Letras e Artes. Como desdobramento dessa ação foi criado o “Projeto Autorias Negras na Construção do Conhecimento Científico”. Um projeto de intervenção e extensão com o propósito de pensar a atualidade dos(as) intelectuais negros(as) e suas contribuições para o desenvolvimento das Artes e Ciências, bem como da luta antirracista.

Quanto à abertura da exposição, é por bem registrarmos que entre outras pessoas, o Professor Kabengele Munanga, um dos grandes nomes da discussão étnico-racial na atualidade, e também um dos homenageados, esteve presente. Neste momento, o LABERER ganha, ainda mais, notoriedade e institui novas parcerias, como com o Instituto Federal de Pernambuco-IFPE.

Entender a Educação para as Relações Étnico-Raciais através do trabalho deste grupo requer a compreensão de que suas atividades estabelecem critérios de reparações, reconhecimento e valorização ao povo africano. E que na medida em que um povo queira se estabelecer é necessário ter em quem se espelhar. A representatividade produz novos sentidos para o sistema de valorização étnico-racial, com isso há um estímulo, um incentivo maior para se ter consciência do que se é, mais ainda, para se orgulhar disso.

Imaginemos que até bem pouco tempo isto era uma dificuldade para o homem e a mulher negro(a) do continente africano ou da diáspora, vez que a questão da cosmovisão europeia foi um problema substancial, como nos mostra Santos (2009, p. 32):

1 O acervo foi ampliado no ano de 2020 e hoje encontra-se com 27 telas no total.

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.

Ou seja, é com esse espírito de comprometimento de novos olhares para com a realidade histórico e social que o LABERER se inspira. Prova disso são os variados convites recebidos. De palestras à confecção de oficinas, realização de simpósios, seus membros vão traçando novas rotas para tratar a educação e cultura da população negra.

Vamos descrever um exemplo: a convite do consulado da Costa do Marfim em Pernambuco, em agosto de 2019, o Laboratório esteve presente na reunião que recebeu uma delegação de intelectuais e artistas deste país. Ela foi realizada por ocasião de missão diplomática proposta pela ONU. Na medida em que vai ganhando espaço no âmbito acadêmico as oportunidades para debates em relação a Afrocentricidade vão surgindo.

Paralelo a este processo, o Laboratório tem projeto aprovado para desenvolver a pesquisa científica "A Educação das Relações Étnico-Raciais nos Cursos de Pedagogia da Região Nordeste". Ela traça uma narrativa investigativa a fim de lançar as bases para entendimento do processo de surgimento e desenvolvimento da problemática étnico-racial nas Universidades Públicas dos Estados da Região Nordeste do Brasil.

Outro projeto de grande relevância desenvolvido pelo grupo é o *Inglês Afrocentrado*, que tem como objetivo a leitura de textos acadêmicos que trazem autores(as) negros(as) para provocar a leitura e novas perspectivas teóricas, mais principalmente, torna-se uma crítica ao pensamento europeu e às relações criadas em torno do pensamento e intelecto africano.

O "Projeto Música e Arte Afrocentrada" é uma outra proposta de extensão cultural criado e desenvolvido pelo LABERER. Ele busca traçar um paralelo entre a música enquanto expressão cultural e universal e de como esta se traduz na cultura negra como fonte de poder e conectividade.

No ano de 2020, grandes transformações ocorreram. Neste período, todo o mundo foi afetado pela pandemia da Covid-19. O que acarretou a necessidade de novas metodologias ativas que levassem em conta a realidade do momento frente à criação e desenvolvimento

de atividades propostas, que por sua vez não poderiam mais existir de forma presencial.

O Programa do LABERER ganha novo impulso ao propor atividades de formas remotas. A utilização da internet como meio de interação e entretenimento propiciou a criação e expansão das redes sociais do Laboratório, permitindo a continuidade de suas ações. Todas as atividades desenvolvidas por esse programa podem ser revisitadas e consultadas pelas páginas oficiais do Laboratório<sup>2</sup>.

Julgamos necessário, portanto, devido ao grande volume de atividades realizadas, agrupá-las em tabela com o intuito de evitar o risco de uma leitura demasiadamente extensiva. Ao todo foram realizadas 47 atividades, afora as participações de membros do LABERER em palestras, realizações de oficinas, cursos, entre outros.

Paralelo a isto, foram oferecidos: Minicursos, Seminários, *Lives*, *Lives* Musicais e, também, estudos dirigidos sobre autorias negras do passado e na contemporaneidade. Mesmo em face das limitações impostas pelas novas condições sanitárias as ações tiveram grande alcance e participação de público.

Através de muito trabalho e comprometimento neste mesmo ano, 2020, a REDE ERER é concebida. Esta surge durante a realização de Seminário organizado remotamente pelo Laboratório. Esta Rede assume a necessidade de buscar “articular, compartilhar e fortalecer as ações na área temática, em parceria com professores e professoras de toda a Região Nordeste do Brasil”.

O grupo traz a questão da representatividade como artigo de primeira necessidade, ações que levem o pensar e a desconstrução do pensamento eurocêntrico são atuais e fazem toda a diferença. A importância da descolonização dos corpos e mentes negros(as) esteve presente de forma transversal em todas as atividades propostas.

Como foi observado acima, o objetivo norteador do grupo aparece de forma transversal se observarmos a descrição das atividades propostas. Isso nos permite compreender que os critérios adotados pelo grupo se encontram dentro das categorias centrais que definem o que é Afrocentricidade. Agenciar, Localizar, Centralizar e Marginalidade são os conceitos centrais da teoria e que de forma muito evidente estão presentes em tudo o que o grupo LABERER realiza.

E o que isto de fato significa? Em linhas gerais, o avançar dos estudos científicos e ações em prol de novas perspectivas da história e cultura africana fortalecem as bases para que, de fato, uma

2 Site: <https://sites.ufpe.br/laberer/>, Instagram, Facebook e YouTube: @labererufpe.

sociedade mais consciente, crítica e participativa possa sair do plano da teoria e passe a existir enquanto realidade assertiva.

A leitura proposta pelo ativista sul-africano Steve Biko nos permite reflexões sobre a capacidade de transformação sobreposta no pensamento afrocêntrico defendido pelo Laboratório.

A Consciência Negra é, em essência, a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar suas forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude de sua pele- e de agir como grupo, a fim de se libertar das correntes que os prendem a uma servidão perpétua. Procura provar que é mentira considerar o negro uma aberração “normal” que é ser branco. E a manifestação de uma nova percepção de que, ao procurar fugir de si mesmos e imitar o branco, os negros estão insultando a inteligência de quem os criou negros. (SILVA, 2001, p. 34)

O que em particular nos chama atenção é o entendimento dado ao termo consciência, que ao ser trazido para esta realidade se configura no ato de se comprometer com o deslocamento psicológico do povo africano a fim de que surja um posicionamento mais firme com relação à centralidade das Áfricas existentes nos seus variados aspectos.

Defendemos neste ponto que o que permite ao LABERER se manter coerente dentro do que se propõe é o sentimento de identificação e apropriação da Afrocentricidade como parte de sua formação política. Esta, por sua vez, possibilita a construção e o entendimento de que é possível resgatar a história africana e utilizá-la como objeto capaz de retirar do imaginário social o não lugar a que a civilização africana foi relegada. A única certeza é de que há um longo caminho a ser percorrido em busca de uma sociedade racialmente mais justa, e que esse caminho só é possível através da construção de instituições mais humanas e acessíveis a todos os pensamentos.

## **O LABERER IMPULSIONANDO NOVAS FRENTES DE AÇÕES ANTIRRACISTAS**

*O tempo não gosta daquilo que se faz sem ele.  
(Ditado da Umbanda)*

O Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais foi coordenado por sua líder, Profa. Dra. Maria da Conceição dos Reis, no biênio 2018-2020, especificamente 25 de julho de 2018 a 25 de julho

de 2020. Em outubro do mesmo ano foi convidada para assumir o Núcleo de Políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de Pernambuco (Núcleo ERER) da UFPE, tomando posse no dia 20 de novembro de 2020, data simbólica para o povo negro brasileiro.

O Núcleo ERER da UFPE surge na Universidade com o intuito de atuar no combate ao Racismo Estrutural e Institucional, os quais permeiam a sociedade e as instituições, também para demarcar o comprometimento da UFPE com o fortalecimento de pautas dos povos negros, indígenas e ciganos. O que por sua vez irá contribuir para proporcionar vivências diferenciadas à toda comunidade acadêmica e consequentemente à sociedade de modo geral.

Podemos nesse passo afirmar que a criação de um Núcleo ERER na Instituição é fruto da luta histórica desse país, de caráter contra-hegemônico travada durante anos, por homens e mulheres de todos os componentes que formam uma sociedade em busca de relações raciais e sociais mais equânime, antirracista e mais humana.

Não obstante, essa proposta encaminhada pela gestão da UFPE, Profs. Alfredo Gomes e Moacyr Araújo e pela gestão do Núcleo ERER, Profa. Maria da Conceição dos Reis, encontra-se dentro do que é posto pela teoria da Afrocentricidade, sobretudo se pensarmos na conjuntura do Brasil. Sabe-se que a Universidade foi durante muito tempo espaço que, em certa medida, contribuiu para o alargamento das desigualdades, tendo sido espaço majoritariamente pensado na lógica de grupos dominantes.

Isso, por sua vez, passa também pelo entendimento de que para que existam perspectivas de um futuro melhor é necessário criarmos condições no agora. Paulo Freire em seu livro *A educação na cidade* (2006) nos dá possibilidades de interpretação dessas ações afirmativas como pontes que nos possibilitam a travessia para um novo tempo. “[O futuro] existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro: por isso, então a história é possibilidade e não determinação” (FREIRE, 2006, p. 90).

Entendemos que a mudança histórica defendida por Freire passa a existir somente quando conjugamos as práticas político-pedagógicas no campo tangencial. Como vimos discutindo, a importância da representatividade está não apenas na promoção de atividades sobre ERER<sup>3</sup>, mas, também, na representatividade positiva, ocasionada pela ocupação de lugares estratégicos pelo povo negro.

3 Optamos por abreviar a palavra Educação das Relações Étnico-Raciais. Por isso, utilizamos em alguns momentos a sigla ERER.

E em tempo, ter uma mulher negra à frente de um grupo criado com a finalidade de (re) direcionar a universidade rumo a um formato mais inclusivo é algo de extrema grandeza. E isto se torna emblemático se levarmos em conta a realidade que permeia a população negra no nosso país. Os indicadores sociais apontam que a situação desta parcela da população, ainda hoje, está ligada aos índices mais baixos de escolaridade, às condições de moradia e acesso à saúde mais precárias e não coincidentemente aos cargos de menor prestígio social.

Nossa análise possui uma crítica, muito embora seja mesmo uma constatação, que foi incutido durante nosso processo de formação histórico um lugar menor e de subalternização social ao homem e à mulher negro(a). Isso foi naturalizado de tal maneira que entender a colocação de uma intelectual orgânica do Movimento Negro e respeitada acadêmica no comando de um Núcleo como o Núcleo ERER é uma forma de pensarmos como as políticas de inclusão são importantes e que as pessoas alçadas para a liderança devem ser avaliadas por seu saber notório, neste caso, o saber acadêmico, por suas posturas altruístas no trato com as demandas dos outros, e nunca pela cor da sua pele.

[...] Assim, eu já chego negra na UFPE, com a esperança de contribuir para a descolonização de um espaço acadêmico tão resistente às mudanças. Tão resistente a se tornar uma pluriversidade. Mas, também, esta UFPE vai compondo a minha vida. Eu fui aluna do Centro de Educação no curso de Pedagogia, no mestrado em Educação, no doutorado em Educação. [...] (REIS, 2020)

A partir desta narrativa é possível, segundo Asante (2009), entender o que é uma “proposta epistemológica do lugar”, que nos leva a refletir sobre a impossibilidade da mobilidade social a qual, durante muito tempo, foi relegado o povo negro brasileiro. Logo, não há nada mais oportuno para isso do que discutirmos as relações de poder no trabalho levando em consideração uma perspectiva étnico-racial.

A Afrocentricidade defende que isso é ter consciência, pois é percebido o lugar que foi negado na história aos(às) africanos(as), e que isso não é apenas no plano físico, podemos dizer que também nos âmbitos mental, psicológico, cultural e epistêmico.

Após a primeira gestão bienal e atento ao debate de gênero, o LABERER elegeu para o novo biênio gestacional (2020-2022) os Professores, pesquisadores e integrantes Ms. Cledson Severino de

Lima e a Doutoranda Elizama Messias Soares. Inaugurando a forma de gestão compartilhada e de gêneros. Assim sendo, assumem a coordenação executiva do Laboratório e do Programa LABERER.

Essa nova configuração permitiu a continuidade e organização das atividades propostas, bem como a execução de trabalho para gerar conhecimento. O que queremos dizer com isso? Simples, quando um grupo se reorganiza é possível um perfil diferenciado e autêntico.

Na verdade, a nova configuração confirmou apenas o princípio democrático do grupo, haja vista que durante a gestão (2018-2020) da Profa. Dra. Maria da Conceição dos Reis os projetos já tinham coordenações executivas e autônomas. Por exemplo, o Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras tem como coordenadores Tulane Pedrosa e Adilson Ramos, já o do Música e Arte Afrocentrada são Cledson Severino e Amanda Ganimó, enquanto o projeto Inglês Afrocentrado tem Sarah Morato. Cabe lembrar que todos e todas são membros do Laboratório.

Para concluir, entendemos que a noção de coletividade sempre esteve na filosofia presente não apenas na delegação de tarefas, mas também no estímulo para que todos os membros se sintam pessoas necessárias ao desenvolvimento do grupo. O que se configura como base também da filosofia africana do *Ubuntu* “Eu sou porque nós somos”, ou seja, é um traço da conduta de valores éticos e sociais tão necessárias aos coletivos. Ao passo que o grupo é pensado desta maneira, ele revela ainda mais sua ligação com os princípios da Afrocentricidade ao ir de encontro à lógica colonizadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, ao longo do texto discorreremos sobre o caráter educador e representativo do LABERER e de sua trajetória na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para isso, elencamos as atividades por ele desenvolvidas, elegendo a Educação para as Relações Étnico-Raciais como a mais importante.

Como vimos, as atividades desenvolvidas pelo Laboratório passam pelo caráter de formação acadêmica e social de seus membros, que são replicadas em formações para a comunidade da UFPE e externa à ela. Ajudando pessoas negras e não negras na construção de uma perspectiva afrocêntrica para uns(umas) e antirracista para ambos.

A representatividade do LABERER é para além de uma formação pessoal; elas ajudam na construção de conhecimentos e saberes, uma vez que influenciam artigos acadêmicos, dissertações e teses, e até nas políticas de ações afirmativas para além do Laboratório, como o caso do Núcleo ERER da UFPE.

Optamos nesta abordagem por considerar a importância da teoria da Afrocentricidade como base epistêmica e que, na nossa percepção, possibilita novas perspectivas de lugar na história social, ao homem e à mulher negro(a). Fazendo das experiências do LABERER um ponto catalisador de agência africana nos campi da UFPE. Sua representatividade auxilia na luta antirracista e das práticas acadêmicas hegemônicas que assombam o Brasil.

Por fim, considerando uma série de fatores que ajudaram a UFPE a se alinhar a uma gestação antirracista, a qual foi desenvolvida por anos através dos grupos acadêmicos, por ações de Professores(as) e/ou estudantes sem grupo de pesquisa, bem como a pressão dos Movimentos Sociais e em especial o Movimento Negro de Pernambuco. Desta forma, podemos afirmar que o LABERER, com sua compreensão didática, também ajudou na formulação de propostas de mudanças estruturais no âmbito da UFPE. O Núcleo ERER foi fruto da luta histórica na UFPE, estabelecendo um compromisso da universidade com o respeito à diversidade étnica do nosso povo.

## REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Tradução de Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. **Ensaios Filosóficos**, v. XIV, dez. 2016.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura comparada na América Latina**: Ensaios. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

- GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, estamos aí. **Mulherio**, São Paulo, ano II, n. 5, p. 3, jan./fev. 1982.
- LIMA, Cledson Severino de. **Teoria da Afrocentricidade e Educação: um olhar afrocentrado para a educação do povo negro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, PPGedu, Recife, 2020.
- LIMA, Cledson Severino; REIS, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Emerson Raimundo. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 31, p.119-135, mai./out. 2019.
- MAZAMA, Ama. **L'Impératif Afrocentrique**. Pennsylvania: Afrocentricity International, 2012.
- REIS, Maria da Conceição dos Reis. Discurso de posse proferido durante lançamento do Núcleo de Educação das Relações Étnico-Raciais/Núcleo ERER/UFPE. **Youtube**, 20 nov. 2020. Disponível em <https://bit.ly/3u0cjOH>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- RUIZ, Maria Tereza. **Racismo algo más que discriminación**. São José-Costa Rica: Colección Análisis. 1988.
- SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. **Construindo as epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.
- SILVA, Nelson Fernando Inocêncio. **Consciência negra em cartaz**. Brasília: UnB, 2001.
- SOARES, Elizama Messias. [01. 2021]. Entrevistadora: Cláudia Vicente da Silva, 2021. arquivo mp3 (05:06 min).



## EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

### O Quilombo Acadêmico que afrocentrou o PPGEduc/UFPE

Tulane Silva de Souza Pedrosa  
Maria Lúcia Gomes dos Prazeres  
Emerson Raimundo do Nascimento

Quando povo negro tem seu ponto de vista centrado,  
tomando nossa própria história como centro;  
então, nos enxergamos como agentes, atores  
e participantes ao invés de marginalizados  
na periferia da experiência política ou econômica.  
(ASANTE, 2014, p. 97)

## INTRODUÇÃO

No dia 15 de março de 2019 foi dada a largada para uma trilha afrocêntrica sem precedentes no Programa da Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aconteceu nesta data a aula inaugural da disciplina Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais.

Os frutos colhidos pelos participantes desta matéria foram desde a curadoria da “Exposição Autoria Negra na Construção do Conhecimento”, inserção de conteúdo afrocentrado nas mídias locais, à publicação de artigos em periódicos de renome. Sem dizer o contato com textos de intelectuais negros e negras, em certa medida, invisibilizados pela academia eurocêntrica.

A disciplina EREER nos relacionou com as artes cênicas, plásticas e gráficas, proporcionou-nos uma afinidade com outras áreas de conhecimento que não são convencionais nas disciplinas de PPGs, revolucionou nosso entendimento de práticas pedagógicas na Pós-Graduação, fez-nos enxergar fora da caixa, fora do padrão.

Danças, conversamos, comemos, aquilombamos, ao passo que aprendíamos, conhecíamos e nos empoderávamos. Ao final da disciplina, no dia 9 de julho de 2019, só havia a sensação de satisfação em ter feito parte de um grupo inovador, militante e empoderado. Como já dito, uma trilha renovadora, revolucionária sem precedentes na história do PPGEduc/UFPE.

Acreditamos que a sensação foi, na hora, de surpresa, hora instigante e por vezes melancólica, por entender que as experiências de lutas, vitórias e frustrações atravessavam a maioria dos discentes naquela ocasião. Um momento de aprendizado mútuo, de extrema relevância para nossa formação enquanto sujeitos agentes de transformação social.

Aquele espaço não só ressaltou o sentimento de pertença e pulsão desejosa em aquilombar, mas sobretudo, o sentimento de fazer parte de algo que de fato representasse nossa vivência de enfrentamento dos racismos cotidianos. Fomos embriagados(as) com conceitos antirracistas e sentimos a ressaca desse movimento gradual de mudança, de dentro para fora.

Essa mudança é política, portanto, a disciplina EREER agiu estrategicamente no campo político das consciências, reformulando nossa visão positivista e eurocêntrica, frente às nossas pesquisas, numa visão mais holística que pôde passar a enxergar para além da literatura tradicional europeia, elitizada e branca. Transformando um grupo de pessoas num verdadeiro Quilombo Acadêmico.

## **BASES DA CONSTRUÇÃO DO QUILOMBO ACADÊMICO**

A presente seção tem como finalidade dialogar com os planos de aula da disciplina promovida pela professora Conceição Reis, tendo a carga horária de 60h/a, proporcionando 04 créditos e tendo sido iniciada no período de 2019.1, a disciplina possibilitou uma reflexão sobre epistemologias outras e suas relações com a teoria da Afrocentricidade.

Permitiu ainda que estudantes, pesquisadores(as) e militantes negros(as) de outras universidades e Movimentos Sociais estudas-

sem e discutissem sobre temáticas que lhe são pertinentes. Essas mesmas pessoas que não se viam neste espaço acadêmico (UFPE), pois que é fruto do discurso hegemônico. Hoje elas estão no centro desta universidade, que tem 75 anos e um Programa de Pós-Graduação com mais de 40 anos, mas que não pautava uma disciplina tão transformadora. Só em 2019.1 há a oferta de uma disciplina na qual o debate étnico-racial se torna centro, conforme a concepção de Asante 2014, quando diz:

Uma das suposições-chave da (o) Afrocentrista é que todas as relações são baseadas em centros e margens e nas distâncias de cada lugar do centro ou da margem. Quando povo negro tem seu ponto de vista centrado, tomando nossa própria história como centro; então, nos enxergamos como agentes, atores e participantes ao invés de marginalizados na periferia da experiência política ou econômica. (ASANTE, 2014, p. 97)

Neste sentido, o intento da disciplina foi colocar como temática o conhecimento produzido por povos que não estão no eixo dos saberes trabalhados nesse espaço e, portanto, foram relegados por décadas no PPGEduc da UFPE. Tratamento este semelhante ao que recebem na Educação Básica. Isto é exemplificado quando se fala da lei 10.639/2003, na qual só quem assume são os(as) Professores(as) que têm um compromisso com uma educação equânime – esses(as) mesmos(as) que vivem recebendo o estigma de militantes. Assim se amplia o Programa de Pós-Graduação da UFPE e seu currículo, o qual ainda mantém um diálogo restrito com os centros/eixos hegemônicos da educação da Europa e Estados Unidos.

Faz-se necessário perceber que o cenário atual da educação brasileira exige um diálogo educativo que tenha como concepção a importância com sujeitos(as) e conteúdo que sejam capazes de expandir os olhares para uma educação identitária e inclusiva como foi a disciplina Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais, a qual oportunizou o diálogo entre a academia e a sociedade, representada pelos Movimentos Sociais.

A ementa da referida disciplina é:

Estudo do percurso, desafios e avanços da educação das relações étnico-raciais na sociedade brasileira; Compreensão dos processos de diversidade étnico-racial na formação político, econômica e cultural do Brasil; Conceitos envolvendo a educação das relações étnico-raciais nas abordagens acadêmicas e sociais; Concepções

epistemológicas no que se refere ao trato da questão étnico-racial; Abordagem teórico-histórica da produção do racismo e os processos de afirmação das identidades étnico-raciais. (REIS, 2019)

A essência dessa ementa ratifica o que estamos chamando de diálogos epistemológicos, quando trata da abordagem acadêmica e social. São duas vozes que precisam andar em consonância para continuar avançando nos direitos e na Educação dos(as) mais oprimidos(as) pela lógica hegemônica.

Seu objetivo geral é compreender os percursos, desafios e avanços da Educação das Relações Étnico-Raciais na sociedade brasileira. Os específicos são:

- a) identificar os processos de diversidade étnico-racial na formação política, econômica, cultural e educacional do Brasil; b) Apreender conceitos envolvendo a educação das relações étnico-raciais nas abordagens acadêmicas e sociais; c) Conhecer as concepções epistemológicas no que se refere ao trato da questão étnico-racial; d) Analisar as abordagens teórico-históricas da produção do racismo e os processos de afirmação das identidades étnico-raciais (REIS, 2019)

Os objetivos fortalecem a estratégia que o professor Renato Nogueira chama de drible para escapar do apagamento intentado pelas concepções hegemônicas. O pesquisador diz que “acredita que o epistemicídio é a representação do racismo na produção intelectual, responsável por negar a capacidade dos povos não brancos de produzir saber” (NOGUERA, 2017, p.17).

O professor ressalta que a principal referência no Brasil sobre epistemicídio é a filósofa Sueli Carneiro, que descreve o fenômeno em sua tese de Doutorado, publicada em 2005 pela Universidade de São Paulo (USP). Nogueira ressalta que na leitura da referida tese identifica que o epistemicídio se configura pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (NOGUERA, 2017).

Os conteúdos apontados no plano e abordados em sala de aula foram: “Percurso, desafios e avanços da educação das relações étnico-raciais na sociedade brasileira; Os processos de diversidade étnico-racial na formação político, econômica, cultural e educacional do

Brasil; Conceitos envolvendo a educação das relações étnico-raciais nas abordagens acadêmicas e sociais; As concepções epistemológicas no que se refere ao trato da questão étnico-racial; As abordagens teórico-histórica da produção do racismo e os processos de afirmação das identidades étnico-raciais.”. Esses conteúdos que empoderam, centralizam, no sentido afrocêntrico, e libertam das amarras do epistemicídio os(as) discentes que participaram da referida disciplina.

Aprender a dialogar com epistemologias contra-hegemônicas desperta esses(as) sujeitos(as) a acionar suas agências, como resalta Nascimento (2020). Neste sentido, as agências quando incitadas passam a ter uma notoriedade no contexto social e racial, trilhando caminhos em que a sua produção de conhecimento valorize as experiências libertadoras que venham impactar nos indivíduos, tornando-os também agentes constituídos com histórias plurais.

Uma vez que estes(as) têm suas agências ativadas passam a dialogar com uma educação antirracista, sendo capazes de não mais admitir nenhum tipo de injustiça, fomentando propriedade nas suas participações sociais e acadêmicas.

Essas experiências se relacionam. É o que Nilma Lino Gomes aponta em seu livro *Educação e raça: perspectivas políticas pedagógicas*:

As experiências de anos de implementação do Programa IFP no Brasil tem mostrado que um limite importante para opções de programas de pós-graduação provém do reduzido domínio de língua estrangeira. As restrições econômicas e educacionais nas famílias de origem, a qualidade insatisfatório ou desigual do curso idioma estrangeiro, bem como aspectos da cultura brasileira são prováveis razões para que candidatos bolsistas apresentem um déficit no domínio de idioma estrangeiro. (GOMES, 2010, p. 27)

Quando os(as) estudantes periféricos(as) chegam ao referido Programa de Pós-Graduação, mesmo apresentando um déficit nas línguas estrangeiras, superam suas dificuldades nesses espaços que são proponentes do racismo, pois eles(as) driblam até mesmo esta violência, que tanto tenta deixar marcas, enquadrar e amarrar.

A disciplina serviu também para os(as) que dela participaram ampliar suas lentes no exercício de suas funções profissionais, acadêmicas e sociais, ao estimular os(as) participantes a irem a congressos, apresentarem trabalhos, produzir artigos e empreender melhorias nas suas práticas em salas de aula.

Ela contou com uma metodologia participativa quando aconteciam as aulas expositivas dialogadas. Também promoveu a leitura e discussão de textos; construção de Mapas Conceituais; videoconferências; proposições para elaboração de artigos e realização de pesquisas. Sendo assim, driblou a filosofia das metodologias de natureza dura, as quais, por muito tempo, tinham os(as) sujeitos(as) participantes e lógicas dessa disciplina como objeto de estudo e não como indivíduos de pesquisa.

Relacionar-se com métodos e práticas que sejam capazes de promover a libertação das imposições metodológicas traz um crescimento para os(as) participantes e suas ações que já não mais irão se limitar às exigências dos epistemicídios.

Esta vivência contribuiu para que pesquisadores(as), militantes e estudantes absorvam e dialoguem com um universo avaliativo que esteja no cotidiano, de maneira formativa e cumulativa, permitindo um acompanhamento na sua participação e produção individual e coletiva, levando a compreender as suas responsabilidades como pontualidade, assiduidade e avanço na sua produção. Estes são efeitos/ações de uma disciplina desengessada, pois leva seus(suas) participantes a não se frustrarem dos processos excludentes, e sim saber de seus potenciais.

Nascendo, assim, o diálogo permanente na aula, sem hierarquização de professores(as) X alunos(as). Estas trocas foram exercidas desde quando o plano de aula foi divulgado nas aulas, por meio da: apresentação dos nomes dos(as) estudantes que irão conduzir a aula, tema desta, objetivos, questões problematizadoras, sequência didática, atividade complementar e suas respectivas referências.

Notoriamente a estrutura do plano de aula não proporcionou aulas em “caixa” (rígida), pois o percurso desta favorece novos diálogos e não um monólogo pautado por professores(as) de concepções hegemônicas.

Na sequência didática do plano foi proporcionado, ainda, um lanche coletivo, no qual, neste momento, extravasamos as problemáticas vividas no contexto de cada um e cada uma, e acentuamos as relações de aquilombamento aprofundando as ações de irmandade que também são trazidas nas atividades individuais com expressões criativas que encantam os(as) que delas compartilharam, demarcando e deixando o sentimento de quando será a próxima aula.

Sendo assim, percebemos que uma das marcas foi o diálogo desde os planos da disciplina aos planos de aulas. Foi um cenário enriquecedor para todos(as) os(as) que vivenciaram, pois já não

saímos do mesmo jeito que entramos. Como diz Chico Science, “Um passo à frente e você já não está mais no mesmo lugar”. Esse passo foi dado e o engrandecimento dos(as) alunos(as) foi notório quando vimos nossa evolução em congressos, apresentando artigos, terminando Mestrados e ingressando em Doutorados.

Estar sedimentado em diálogos é fundamental para novas lógicas epistemológicas, as quais trazem para o centro do conhecimento acadêmico sujeitos(as) que foram obrigados(as) a conviver com as invisibilidades, o que, conseqüentemente, propiciaram a esses(as) participantes da disciplina, Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais serem capazes de exercer uma autoavaliação e disseminar uma educação antirracista e inovadora.

## **CAMINHOS BIBLIOGRÁFICOS DO AQUILOMBAMENTO ACADÊMICO**

A partir das diretrizes supracitadas, fomos guiados(as) a conhecer, identificar, compreender e analisar processos, conceitos e teorias que, juntamente com a didática aplicada, levou-nos a aferir avanços e retrocessos no que tange ao emprego e às provocações existentes no ensino das relações étnico-raciais no Brasil. Neste intuito, faremos nesta sessão um delineamento dos conteúdos, das formas de aplicabilidade dos conteúdos, do juízo de valor apreciado na didática, das reflexões obtidas através da bibliografia sugerida e da forma de avaliação.

A forma como as aulas eram conduzidas variava de grupo para grupo, no entanto, as duas primeiras aulas foram ministradas pelo Professor Edilson Fernandes e pela Professora Conceição Reis, respectivamente. Na aula inaugural nos foi apresentado um panorama das pesquisas com escopo étnico-racial na Universidade Federal de Pernambuco. O que nos revelou o quanto precisamos avançar para a difusão desta temática na academia.

Na segunda aula, a Professora Conceição Reis construiu uma linha do tempo que, em linhas gerais, instigou o debate sobre o percurso, os desafios e os avanços legais da Educação das Relações Étnico-Raciais do período colonial aos anos de 2010. Neste momento há, de certa forma, um nivelamento do conhecimento acerca da EREER no Brasil para os discentes participantes.

Nas demais aulas os grupos procuravam inserir nos conteúdos ações culturais que fizessem alusão ao tema. Tivemos exposição de

contos africanos, recital de poemas, dinâmicas, jogos, roda de afoxé, além de muita música e o uso de nossa oralidade como fonte de conhecimento.

No mais, fazia-se a análise do texto, em alguns momentos com uso da apresentação em Power Point, outras vezes com o uso de vídeos, para exemplificar o que foi visto na leitura, assim como o debate acerca da nossa compreensão. Se, porventura, algo soasse equivocado, havia uma intervenção mais incisiva através das falas da Professora e de quem estudasse com mais afinco aquele conteúdo específico.

### **O VALOR GERADO QUANDO NOS SENTIMOS REPRESENTADOS(AS)**

Depois de aplicado o conteúdo, seja de modo expositivo ou interativo, havia um momento para compreensão da importância daqueles textos. A sensação era de absorção; ponto a ponto íamos adquirindo domínio daquela linguagem ou transferindo por meio da oralidade quais aspectos subjetivos estavam ali colocados e imbricados ao nosso cotidiano.

Não era simplesmente introduzir elementarmente; fazia-se a compreensão e exemplificação daquelas teorias no nosso cotidiano de enfrentamento, seus avanços e, porventura, retrocessos. Sim, muitas vezes nos encontramos com políticas retrógradas, ou simplesmente não tínhamos conhecimento de que certos assuntos poderiam ser tratados por autores(as) negros(as).

Pudemos conhecer um leque bibliográfico nunca visto em outras disciplinas na Pós-Graduação em Educação na UFPE – o que assusta – dado o fato de ser um ambiente que “democratiza” o conhecimento. Por que não se estudam teóricos(as) negros(as) nas universidades na mesma intensidade que se estudam teóricos brancos?

Acreditamos que esse tenha sido o mais intenso juízo de valor adquirido nas disciplinas, semana após semana, descobrindo textos e teorias afrocêntricas e afrodiaspóricas que podem servir de base para pesquisas nas mais diversas áreas, seja com recorte étnico-racial ou não. Ao fim da disciplina todos(as) entregaram um artigo que fizesse menção à bibliografia utilizada.

Além da escrita do artigo os(as) discentes preparam como culminância da aula final uma exposição: “Autoria Negra na Construção do Conhecimento”. Naquela ocasião fomos curadores(as) de um belíssimo trabalho realizado pelo artista plástico Fernando Nascimento.

Neste encerramento, homenageamos o Professor Kabengele Munanga, que esteve presente prestigiando os 19 quadros em que nas telas estavam pintados intelectuais negros e negras, brasileiros(as) e estrangeiros(as).

## REFLEXÃO BIBLIOGRÁFICA E O SENTIMENTO DE PERTENÇA

Foram trabalhados cerca de 20 textos, entre artigos e livros. Dentre esses destacaremos aqueles em que houve forte interação, debate e reflexão em sala de aula. Seguiremos uma ordem cronológica dos debates, pois entendemos que essa cronologia intensificou o nosso envolvimento tanto interpessoal quanto com a temática EREER.

Sendo assim, iniciamos as aulas a partir de uma avaliação dos caminhos legislativos e as políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais através da leitura do artigo de Souza, Reis e Menezes (2013). Este texto tem por objetivo apontar “que especificidades e caminhos as políticas de educação das relações étnico-raciais vêm traçando através da legislação brasileira” (SOUZA; REIS; MENEZES, 2013, p. 8).

A partir desse trecho é que a linha do tempo foi construída, pautando avanços, retrocessos e estagnações do processo legal da inserção da EREER na educação brasileira. E, ainda, a perpetuação do racismo na estrutura estatal da constituição até o chão da escola.

No que tange aos caminhos legislativos sobre a Educação para População Indígena, observamos em Reis (2013) que não está muito diferente da população negra; os povos indígenas tiveram o direito ao acesso à escolarização negado por séculos.

Nesse sentido e, como já mencionado, seguindo uma ordem de apresentação dos textos em sala, chegamos ao ponto da discussão no qual se fazia necessário o debate sobre políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial, sobretudo no âmbito educacional.

Isto nos fez refletir desde a autodeclaração de raça e cor até as reivindicações do direito à educação. Situou-nos, ainda, quanto aos tipos básicos de políticas públicas as quais o Brasil postula como elemento para a sociedade.

Dentre os textos indicados na bibliografia está o Parecer N.º CNE/CP 003/2004, elaborado por quatro conselheiros, os quais genuinamente relatam a importância da Lei 10.639/03 para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. São os conselheiros:

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto Ângelo e Marília Ancona-Lopez.

Observem, a ementa da disciplina ERER juntamente com a bibliografia utilizada traçam um caminho orgânico, ou seja, um mecanismo gradual de desenvolvimento do pensamento das relações étnico-raciais, ajudando-nos de maneira cirúrgica, porém simples, para entender todo o contexto nacional da disputa que envolve a Política e efetivação de políticas públicas.

Após análise de nosso contexto político, adentramos em textos, um pouco mais teóricos, ou que definem conceitos e utilizações lexicais no que diz respeito às relações étnico-raciais. Foi quando visitamos Munanga através de seu texto “Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia” (2003).

Munanga (2003) tem uma leveza especial ao tratar os conceitos de raça, racismo, identidade e etnia. Não classifica nem tão pouco define o uso correto dos termos, mas aborda de maneira sucinta o porquê de uma hierarquização conceitual no Brasil e suas características político-sociais. Apontando para uma utilização de termos que terminam por apaziguar ânimos racistas e antirracistas.

As questões racistas e antirracistas também são visualizadas no texto de Hasenbalg (2005), porém o autor faz uma discussão mais histórica tratando desde a relação senhor/escravo até o arrolamento de causa e efeito que esta causou atualmente no Brasil.

Hasenbalg (2005) trata, portanto, da razão e do resultado nas relações interpessoais entre negros e brancos, suas ambiguidades, seus embates, estrutura e estratificação, produção e distribuição, o surgimento dos movimentos sociais, preconceitos e dominações. Um verdadeiro guia para entender o racismo.

Em seguida, a bibliografia nos leva a outro patamar, elevando o sentido de estudos com recorte étnico-racial. A teoria da Afrocentricidade nos é apresentada através do texto de Asante (2014). Desde nossa formação primária somos tão acostumados à educação eurocêntrica, que pensar a partir de uma perspectiva afro-cêntrica causa até alvoroço.

A teoria da Afrocentricidade implica de fato numa transformação social, desde nossas relações conjugais ao modo de consumo, e, de fato, causa estranhamento, mas, também, muita curiosidade. Faz-nos repensar sobre ser africano(a) no Brasil, ou seja, estrangeiros(as) na terra em que nascemos.

Não menos importante, finalizamos com o texto de Nilma Lino Gomes (2017) *O Movimento Negro Educador: saberes construídos*

nas lutas por emancipação. Em sua análise, a autora faz um apinhado histórico das lutas travadas pelo Movimento Negro por uma Educação que de fato represente a história, a identidade e a cultura do povo negro.

Nilma Lino Gomes trata, ainda, da importância da produção do conhecimento e emancipação que os saberes evocam. Obviamente, aborda as tensões provocadas pela ânsia de liberdade através da Educação, mas, principalmente, mostra-nos que é possível, mesmo que a passos curtos, a tão sonhada liberdade.

## **AS AÇÕES E OS FRUTOS DO AQUILOMBAMENTO ACADÊMICO**

A participação em atividades externas foi um ponto privilegiado na grade curricular da disciplina Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais, com o objetivo de ampliar o espaço de formação, trocar conhecimento e socializar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula; os(as) integrantes da turma foram estimulados(as) a participarem de atividades externas como semanas pedagógicas, encontro de pesquisadores e congressos, citando como exemplos: VII Encontro de Pesquisadores em Educação de Pernambuco – EPEPE; Semana Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco e II COPENE- Congresso Nacional de Pesquisadores(as) negros(as).

### **Semana pedagógica do Centro de Educação – UFPE**

A semana Pedagógica é uma “atividade de integração e socialização da comunidade acadêmica do CE”, com ações que discutem e problematizam as dimensões constitutivas do ser humano, do processo educativo, do processo de formação docente e da sociedade brasileira. Foi realizada no período de 24 a 26 de abril de 2019, no Centro de Educação, no Campus Recife, com o tema “Educação como Direito Social: desafios atuais”.

- 1) “Inovação didática no ensino da história das relações étnico raciais para alunos da educação básica” foi o tema do trabalho apresentado por Tulane Silva de Souza Pedrosa. O propósito do minicurso foi “Promover o debate acerca da inovação político-pedagógica nas escolas de Educação Básica e do ensino de

história das relações étnico raciais no Brasil”. Com um público formado por estudantes de pedagogia, licenciaturas diversas e professores(as) da educação básica, propôs-se trabalhar com a pedagogia de projetos para estimular o desenvolvimento de ideias pedagógicas criativas e inovadoras, na perspectiva de estimular o ensino de história das relações étnico-raciais na Educação Básica. Para o desenvolvimento da dinâmica, a turma foi dividida em grupos com o objetivo de: buscar soluções de problemas, compreender o que é inovar, como se desenvolvem as políticas públicas para a melhoria do ensino e elencar ideias multiplicadoras para o ensino de história das relações étnico-raciais.”.

- 2) “A Presença da Cultura Afro-Brasileira no Carnaval de Pernambuco” foi o título do trabalho apresentado por Irene Késsia das Messes do Nascimento, Renildes de Jesus Silva de Oliveira e Cláudia Vicente da Silva. O artigo foi escrito com o propósito de “Contemplar o que está exposto na Lei 10.639/03 em relação às expressões culturais negras, seu reconhecimento, visibilidade e valorização em ambiente escolar, a fim de combater o racismo”. Neste sentido, foi utilizada como estratégia a aplicação do conhecimento prévio dos(as) estudantes; a mediação de leitura sobre a origem do frevo, do maracatu e de máscaras africanas que integram o carnaval; roda de diálogo sobre a leitura da coleção bibliográfica da militante do Movimento Negro, Inaldete Pinheiro de Andrade: *Maracatu de Real Realeza, Eu e o Coco, Berimba e Berimbal, A menina e Capoeira, A Barriguda e o Baobá*. Em seguida foram realizadas oficinas de dança (frevo e maracatu) com o propósito de apresentar e ensinar as técnicas, ritmos e passos; também foram confeccionadas sombrinhas de frevo e máscaras africanas. De acordo com a citação de Gomes (2014), é necessário “Valorizar a cultura afro-brasileira como um componente nacional e compreender as lutas do Movimento Negro pela igualdade social e racial no país”. Isso levará à valorização da cultura afro-brasileira dentro da sala de aula para visibilização dessas expressões. Neste sentido, as vivências realizadas nessas oficinas trouxeram um significado positivo para os(as) estudantes, quando possibilitaram a descoberta da cultura africana e propiciaram vivências lúdicas e criativas que oportunizaram a expressão oral sobre as experiências, bem como a possibilidade de vivenciar passos e ritmos do frevo e do maracatu.

3) “Quilombo do Saber – Narrativa de Vivência Educativa em Comunidade Negra” foi o título do trabalho apresentado por Maria Lúcia Gomes dos Prazeres e Euclides Ferreira da Costa. O artigo foi escrito com o propósito de “Apresentar a narrativa e vivência de uma liderança negra sobre sua trajetória de apropriação e socialização de conhecimento, em espaço educativo/cultural, aqui chamado de Quilombo do Saber”. Neste sentido, foram buscar na história oral elementos que favorecessem a análise da narrativa da referida liderança, na perspectiva de resgatar elementos da memória que pudessem dar visibilidade ao processo de construção de sua identidade e apontassem para a influência exercida na formação da consciência comunitária dos(as) estudantes. Outro elemento observado foram as ações desenvolvidas no universo das políticas raciais e de sua interlocução com conhecimentos acadêmicos, as quais, para Moura (2015), permanecem em meio às tradições, favorecem a descoberta e o engajamento em novos pertencimentos, possibilitando a formação de novos indivíduos e a construção de um mundo solidário. A partir dessa informação definimos que nosso entrevistado seria Adeildo Araujo, fundador e coordenador político do Movimento Negro Unificado de Pernambuco, idealizador e fundador do Projeto Cultural Terça Negra, e que tem seu fazer educativo cultural que remete à essência do conceito de Quilombo do Saber, visto, nesse trabalho, enquanto espaço político, ideológico que aglutina e ao mesmo tempo irradia vivências, saberes, experiências e conhecimentos educativo-culturais de pessoas e grupos. Ouvir a narrativa, transcrever, sistematizar e registrar o encontro de Adeildo com sua identidade negra, em uma roda de coco é um elemento que favorece a implementação das Ações Afirmativas em espaços educativo/acadêmicos.

**COPENE NORDESTE – Congresso de Pesquisadores/as Negros/as do Nordeste, tema do evento: Epistemologia negra e lutas antirracista**

O COPENE é um congresso de pesquisadores(as) negros(as) que procura debater os estudos das temáticas concernentes às relações étnico-raciais por meio de conferência, mesas de debates, oficinas,

simpósios temáticos e relatos de experiências afro-pedagógicas, atividades político-culturais e lançamentos de livros (impressos e digitais). Foi realizado no período de 24 a 26 de abril de 2019, na Universidade Federal da Paraíba, tendo como eixo de discussão o tema “Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas”.

- 1) “Afrocentricidade e Pós-Colonialidade: Caminhos para a Desconstrução dos Epistemicídios no Ambiente Escolar” foi o tema do trabalho apresentado por Emerson Raimundo do Nascimento e Cledson Severino de Lima. O artigo foi escrito com o propósito de “Abordar epistemologias teóricas e práticas na reflexão-ação ao campo da educação, assim como, possibilitar formas outras de descolonização no espaço da educação escolar”. Neste sentido, propôs discussões referentes à Afrocentricidade e ao pós-colonialismo como abordagens teórico-metodológicas, para compreender estes aspectos na experiência escolar. A oficina contou com a participação de Ativistas dos Movimentos Sociais, Professores(as), Educadores(as) Populares que participaram de forma entusiasmada da discussão. O motivador central foi “Identificar como a teoria da Afrocentricidade, a partir da perspectiva Afrocentrada, é localizada nas narrativas de História Oral de estudantes negros(as) da pós-graduação em Educação da EFPE”. Neste sentido, definiram a hipótese afirmativa de que “A pessoa negra possui muitas experiências marginais ao longo de sua trajetória de vida. Mas, a partir do momento que tem a oportunidade de encontrar agências mobilizadoras de experiências africanas, inicia um processo de tomada de consciência de seu pertencimento étnico-racial.”.
- 2) “A Sociogênese do Conceito de Etnia Negra em Periódicos Científicos de Educação no Brasil 1975 – 2015” foi o título do trabalho apresentado por Tulane Silva de Souza Pedrosa. O artigo foi escrito com o propósito de investigar: quando e por que surgiu o conceito de etnia negra nos periódicos científicos de educação no Brasil? E qual é o percurso acadêmico dos autores dos artigos que trataram da etnia negra nesse período? Desta forma, traçou hipóteses que afirmam que o conceito de etnia negra surgiu após a promulgação da Constituição Federal de 1988, o que provocou alterações na forma de pensar de grupos e indivíduos da classe popular que ingressaram na vida acadêmica. Neste sentido, elaborou objetivos que dessem conta

de: identificar os primeiros momentos da presença do conceito de etnia negra em periódicos; elaborar sínteses acerca dos artigos encontrados; detalhar seus(suas) autores(as) e analisar suas histórias de vida e os locais e tempo de fala. Como marco teórico orientador definimos a teoria da Sociogênese e Psicogênese definida por Elias (2006, p. 197), que propõe revelar a ordem subjacente às mudanças históricas, suas mecânicas e mecanismos que consistem no diagnóstico e na explicação das tendências estruturadas da personalidade que constituem a infraestrutura do que denominamos de história, pontuando que a opinião pública são motrizes influenciadoras de partidos, governos, mídia e das próprias produções científicas.

- 3) “Os Encantos da Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil” foi o título do trabalho apresentado por Irene Késsia das Messes do Nascimento e Cláudia Vicente da Silva. O artigo foi escrito com o propósito de apresentar a experiência realizada na Educação Infantil, durante a Semana da Consciência Negra, na perspectiva de suprir a falta de conhecimento dos(as) estudantes sobre a temática. Foram utilizadas as orientações da Lei 10.639, a qual estabelece a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas da rede pública e privada da Educação Básica. Neste sentido, passou-se a desenvolver e apresentar a cultura africana e afro-brasileira de forma encantadora, lúdica e prazerosa, utilizando a literatura infanto-juvenil que aborda a temática étnico-racial, de modo a que os(as) alunos(as) da Educação Infantil venham naturalmente expor as suas origens. A fundamentação teórica abarcou os textos de Cavalleiro (2001), Munanga (2003) e Gomes (2017), tendo como resultado o fortalecimento da cultura africana na vida dos(as) estudantes e professores(as), bem como o reconhecimento destes(as) educandos(as) enquanto sujeitos(as) negros(as) e o conseqüente combate ao racismo na sala de aula.
- 4) “Movimento Negro e Escolas Comunitárias: memórias e caminhos de uma educação antirracista” foi o título do trabalho apresentado por Maria Lúcia Gomes dos Prazeres e Euclides Ferreira da Costa. Para integrar o grupo Epistemologia Negra e Lutas Antirracistas foi escrito o artigo “Movimento Negro e Escolas Comunitárias: Memórias e Caminhos de uma Educação Antirracista” com o propósito de analisar, nas narrativas de militantes/educadores(as) negros(as), elementos da visão de

mundo africana, que eram utilizados como conteúdo básico nas práticas pedagógicas desenvolvidas. Para Luz (2013), “As tradições africanas no Brasil, apresentam valores e linguagens onde os indivíduos configuram-se como um território, ao mesmo tempo singular e social, sempre investido do desejo ancestral de continuidade da espécie”. Associada a essa definição, encontramos ainda uma forma de educar as crianças a partir do respeito a seu ambiente de aprendizagem, sua cultura, corporeidade, estética e religiosidade, princípios esses que estão presentes na história de resistência e sobrevivência do povo negro. A partir dessa base orientadora, analisamos as narrativas dos integrantes do Movimento Negro e das Escolas Comunitárias e evidenciamos que suas práticas estão relacionadas à educação antirracista, com foco nos princípios civilizatórios africanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais possibilitou aos(as) participantes uma ampliação nos conhecimentos através de uma “nova bibliografia” que visibiliza autores(as) negros(as) dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), que tem, ainda, como base uma bibliografia eurocêntrica. Essa proposta levou os(as) que vivenciaram a disciplina a se compreenderem como fomentadores(as) de outras epistemologias, capazes de valorizar os(as) que não eram vistos(as) como centro no PPGEdu.

Portanto, a referida disciplina traz para o cerne do PPGEdu novas linguagens que vão além da acadêmica, viabilizando novas práticas educativas reverberadas através da arte e ações culturais voltadas para as temáticas étnico-raciais. Deste modo, dando acesso aos(as) estudantes, pesquisadores(as) e militantes negros(as) para perceberem que esta foi muito mais que uma disciplina, levando-os(as) a conhecerem seus potenciais.

Com as apresentações enfim percebemos novos diálogos entre sujeitos(as) e epistemologias, reinventando a forma de avaliação do referido programa. Ocasionalmente um cenário inovador no contexto da Educação de cunho antirracista, de resistência e de enfrentamento ao machismo, em que sua metodologia e prática participativa promovem o diálogo até entre os(as) mais tímidos(as).

Esta mesma proposta metodológica favoreceu uma difusão do conhecimento sobre a temática no PPGEduc, ao percebermos que os(as) professores(as) realizaram pesquisas sobre o tema da disciplina, mas ainda assim, comprovou-se a incipiência das questões étnico-raciais. Uma vez que o Programa de Pós-Graduação tem no seu objetivo o princípio de uma vivência acadêmica democrática, sua existência continua, majoritariamente, voltada para um modelo de educação hegemônica excludente.

Mediante o exposto, a disciplina ratifica uma “revolução” quando proporciona a exposição (Autoria Negra na construção do Conhecimento), visto que é uma forma de mover para o centro do PPGEduc não só referências bibliográficas, mas autores(as) negros(as) – como foi a presença de Kabengele Munanga na inauguração –, que empolgou toda comunidade acadêmica presente e que ele mesmo se encantou quando viu sua foto na exposição.

Assim como em toda disciplina de pós-graduação, ressaltamos os avanços e retrocessos, fatos esses que também são demonstrados na Educação Básica com a tentativa de perpetuar uma Educação Racista, quando não se vivencia uma disciplina como a ERER, procura-se viver na zona de conforto.

Saindo, portanto, do marasmo acadêmico postulado por centenas de anos nesse ambiente, consideramos que os frutos gerados pela disciplina foram intensos e duradouros. Sobretudo pela inovação provocada pela Exposição Autoria Negra na Construção do Conhecimento.

A Exposição se transformou num grande projeto de extensão e chegou a receber palestrantes intelectuais negros(as) de bastante relevância para a intelectualidade nacional e internacional. Além de Ama Mazama, Molefi Kete Asante, Kabengele Munanga, Henrique Cunha Júnior, recebemos a Professora Petronilha Beatriz, debatendo sobre o parecer da Lei 10.639/03 e avançando no debate sobre a filosofia africana do *Ubuntu*.

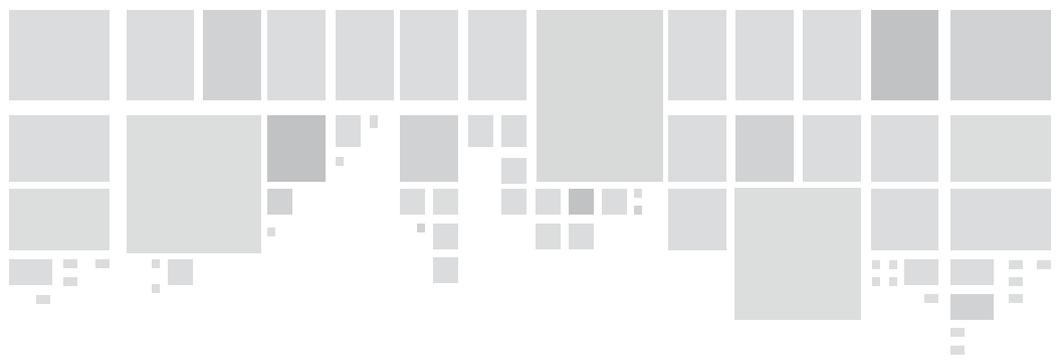
Além disso, devido a circunstâncias pandêmicas, geramos conteúdo antirracista para um site e a Exposição tem acesso mundial, estando no campo virtual. Foi aumentado o acervo, a visibilidade e as possibilidades extensionistas.

Em suma, Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais promoveu um aprofundamento teórico, sendo este realizado com leveza, riqueza e sutileza. Desde já podemos afirmar que o PPGEduc não é mais o mesmo depois desta disciplina ofertada.

## REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: a teoria da mudança social.** Tradução de Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3re1RSJ>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº3/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. **Diário Oficial da União.** Brasília, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.
- ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaio.** v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GOMES, Nilma Lino. Por que ensinar relações étnico-raciais e história da África nas salas de aula? **Ensaio de gêneros.** 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-ensinar-relacoes-etnico-raciais-e-historia-da-africa-nas-salas-de-aula/>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Belo Horizonte: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2005.
- LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira.** Salvador: Edufba. 2013.
- MOURA, Décio Overarth Macedo de. **Dança e transcendência: fragmentos de espiritualidade na contemporaneidade.** 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade

- Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Recife, 2015.
- MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. **Cadernos PENESB-5**, Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Niterói, EdUFF, 2003.
- NASCIMENTO, Emerson Raimundo do. **A Educação em Terreiro Afrocentrada da Nação Xambá**. 119 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, PPGedu, Recife, 2020.
- NOGUERA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do episodicídio na filosofia. **Revista Z Cultural**, [S.L], v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3oKCDK6>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- REIS, Maria da Conceição. Política de Educação Escolar Indígena: Especificidades e Caminhos da Legislação Brasileira. In: MACHADO, Laêda Bezerra; CARVALHO, Liliane M.T. Lima. (Org.). **Gestão e Política Educacional: Abordagens em Diferentes Contextos**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. p. 199-215.
- REIS, Maria Conceição dos. Universidade Federal de Pernambuco. **Ementa**. Plano de Ensino-Disciplina Tópicos Educacionais IV: Educação das Relações Étnico-Raciais. Cód. ED1067, 2019.
- SOUZA, Edilson Fernandes; REIS, Maria da Conceição; MENEZES, Vilde Gomes. Política de Educação das Relações Étnicorraciais: Especificidades e Caminhos da Legislação Brasileira. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. esp., p.08 -30, jan./jun. 2013.



## IDENTIDADES, MEMÓRIAS E DESIGUALDADES

### Ensino remoto em tempos de pandemia no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE

Catarina da Silva Souza  
Dianne Kéthully Delfino da Silva  
Maria da Conceição dos Reis

#### INTRODUÇÃO

Os desafios para o início do novo semestre letivo no ano de 2020, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu/UFPE), eram muitos. Não apenas pela própria natureza da atividade, mas também por acontecer durante uma pandemia e todas as suas consequências na vida dos(as) envolvidos(as), sejam discentes ou docentes. O objetivo era cursar a disciplina “Identidades, memórias e desigualdades” de forma remota com a mesma qualidade e profundidade que estávamos habituados(as) nas atividades presenciais, porém dentro de um contexto de ansiedades, perdas, insegurança e medo que o Covid-19 nos trouxe.

Neste capítulo, ao analisar as experiências dos discentes na referida disciplina, pretendeu-se refletir sobre seus possíveis impactos e contribuições no período de isolamento social, abordando como vivenciaram as atividades da disciplina e quais os desafios encontrados durante este percurso. Afinal de contas, tratar sobre estas temáticas, que já se faziam presentes na nossa sociedade, dentro do caos produzido pelo isolamento social, trouxe à tona um cenário em que as desigualdades sociais tornaram-se ainda mais acentuadas,

uma vez que, “a pandemia de Covid-19 e a crise socioeconômica a ela associada, expuseram a cara mais nítida da desigualdade no país e trouxeram desafios expressivos para as políticas públicas” (TROVÃO, 2020). Desta forma, toda essa discussão tornou-se ainda mais urgente e necessária.

Assim, apresentamos como problemática deste capítulo buscar responder a seguinte questão: como se deu o desenvolvimento da disciplina remota “Identities, memories and inequalities” oferecida pelo PPGedu/UFPE e quais as contribuições para os(as) seus(-suas) estudantes no período de isolamento social? Desta forma, destacamos como nosso objetivo geral compreender como se deu o desenvolvimento do supracitado componente curricular e suas contribuições no período de isolamento social. Para isso, temos como objetivos específicos: identificar os principais desafios enfrentados pelos(as) educandos(as) durante as aulas da disciplina; analisar como os(as) discentes vivenciaram as atividades; apontar como o desenvolvimento da disciplina contribuiu para o momento do isolamento.

As atividades da disciplina foram vivenciadas seguindo aulas síncronas e assíncronas, com início no mês de junho de 2020 e conclusão no mês de setembro do mesmo ano. Antes de iniciarem as aulas, a docente responsável pela disciplina disponibilizou um formulário, através do *Google Forms*, com o objetivo de conhecer o perfil dos(as) estudantes matriculados.

Assim, no total, foram vinte estudantes participando das aulas, destes dez faziam parte do curso de Mestrado e dez do Doutorado, com ingresso no programa entre os anos de 2016 e 2020 e pertencentes às diversas linhas de pesquisa, na qual a de “Teoria e História da Educação” apresentou o maior número, correspondente a 30%; seguido da linha de “Políticas Educacionais, Planejamento e Gestão de Educação” com 20%; “Educação e Espiritualidade”, “Educação e Linguagem” e “Formação de Professores”, todos com 15%; e “Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular” com 5%. Este dado demonstra a heterogeneidade da turma ao mesmo tempo em que nos leva a refletir sobre os motivos que levaram os(as) discentes das diversas linhas de pesquisa a procurarem cursar a disciplina, fato questionado pela Professora logo no início das atividades.

Diante disto, os(as) discentes relataram que a procura pela disciplina deveu-se por diversos fatores, dentre os quais, 60% da turma afirmou que a disciplina tinha relação com seu projeto de pesquisa, 30% alegaram que tinham interesse no tema, mesmo sem ter relação

com seu projeto e os(as) demais afirmaram o interesse em adquirir créditos ou unir o vínculo e a temática da disciplina com o projeto.

Considerando todo o contexto, a disciplina foi vivenciada com o objetivo de compreender os processos de construção de identidades e memórias com ênfase na compreensão dos processos históricos de produção de desigualdades e suas consequências em tempos de pandemia e isolamento social no Brasil. Para isso, as atividades aconteceram através do *Google Classroom* de forma assíncrona e síncrona, com periodicidade quinzenal, nas quartas-feiras, às 15 horas, através do *Google Meet*, totalizando oito encontros. A disciplina foi dividida em torno das três temáticas “desigualdades, memórias e identidades”, e foram formados subgrupos para trabalhar cada uma, além de subgrupos para construção de artigos científicos e relatos de experiências.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da disciplina baseou-se em leitura e discussão de textos indicados na bibliografia básica e complementar disponibilizadas previamente, *lives*, videoconferências, *webnários*, elaboração de artigos, cards, textos e vídeos para publicação nas redes sociais, realização de pesquisas, elaboração de artigos científicos e relatos de experiências.

Diante da exposição de como seria o andamento da disciplina e da real necessidade de boas condições de acesso à internet, os(as) discentes alegaram, em sua maioria, que não apresentariam maiores dificuldades de acesso tratando-se de questões técnicas. Vale salientar que estes(as) que realizaram a matrícula na disciplina estavam cientes da necessidade de recursos técnicos de acesso à internet, fato amplamente discutido pelo referido PPGEdU com o corpo discente e docente, que decidiu por ofertar as aulas remotas no sentido de compreender as diferentes necessidades dos(as) estudantes.

Porém, sabemos que existem diversos outros fatores que podem interferir no bom andamento da disciplina, aspectos estes que estão muito além de questões de ordem técnica. Em se tratando de uma pandemia, as condições emocionais, econômicas, políticas, dentre outras, influenciam significativamente. Segundo Ornell *et al.* (2020) “durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção”.

Questões básicas, de bem-estar familiar e condições de sobrevivência podem interferir significativamente no aproveitamento das atividades. Diferentes realidades de enfrentamento à pandemia são vivenciadas, pessoas que convivem com os chamados grupos

de risco, outras que precisam conciliar suas atividades profissionais também de forma remota, o cuidado com as crianças em casa integralmente e, em muitos momentos, a suspeita, o recebimento de resultados de teste positivo para o Covid-19 e até óbitos entre seus(-suas) familiares.

Sendo a metodologia empregada para a execução deste trabalho a partir da pesquisa participante e a história oral, característica de investigação tanto com um novo tipo de material, bem como uma nova forma do(a) pesquisador(a) se relacionar com o(a) sujeito(a), pela implicação, pelo lugar da subjetividade que podem trazer “problemas de memória, dublados com o problema da imagem de si, cuja seleção é feita com interesses que escapam ao pesquisador” (JOSSO, 2006, p. 131). Além de percorrer um caminho pautado por uma maior valorização da oralidade como instrumento de pesquisa (THOMPSON, 1998).

De forma a viabilizar o processo de pesquisa, para construção deste texto, buscamos disponibilizar um formulário, via *Google Forms*, para todos(as) os(as) discentes após cada temática discutida, quatro ao todo, a fim de identificar como as atividades foram vivenciadas. Assim, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, realizando: tabulação dos dados obtidos através dos formulários e triangulação dos dados com os(as) autores(as) utilizados(as). Vale ressaltar que os(as) participantes concordaram com a participação através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assim, utilizamos nomes fictícios durante as análises, resguardando suas identidades.

Acreditamos que o aprofundamento das reflexões sobre desigualdades, memórias e identidades abordadas neste contexto tenha contribuído para a formação profissional e humana, além de colaborar com as discussões e reflexões sobre os impactos do ensino remoto em tempos de pandemia na vida dos(as) discentes.

## **PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS(AS) ESTUDANTES**

A pandemia provocada pelo Covid-19 causou diversos impactos em todos os setores da sociedade e, em especial, na Educação, uma vez que as autoridades governamentais decretaram medidas de distanciamento social diante do risco de propagação da doença, considerando que ainda não há vacina ou medicamento disponível.

O que podemos afirmar diante de tudo isto é que o setor da Educação, indubitavelmente, teve sua rotina fortemente afetada pela

pandemia. Diante disto, vimo-nos obrigados(as) a adotar a tecnologia para o ensino remoto a fim de dar continuidade ao ano letivo de 2020. Este cenário trouxe muitos desafios, que vão desde o acesso à internet, às questões de escala emocional, perpassando por problemas relacionados à saúde, alimentação, questões financeiras, de relacionamento, fadiga, estresse, dentre tantos outros.

Durante a vivência da referida disciplina, observamos que os maiores desafios giravam em torno de dificuldades emocionais, como por exemplo, insegurança, medo, estresse e ansiedade. De acordo com Ornell *et al.* (2020),

Tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos.

De certa forma, conseguimos observar durante o desenvolvimento da disciplina poucos problemas de ordem técnica quanto ao acesso à internet, porém, momentos de fragilidade emocional, como relatado por Vicente: “Conseguir administrar todas as tensões advindas das perdas e dúvidas em relação a esse novo momento”.

Relacionando ao contexto da utilização das mídias digitais, uma questão que também contribuiu para momentos de insegurança e ansiedade foi quanto ao manuseio destas ferramentas. Apesar de muitos(as), na Pós-Graduação estarem familiarizados(as) com o uso da tecnologia, a utilização de uma plataforma digital para o ensino 100% digital obrigou os(as) estudantes a aprender a utilizá-la rapidamente.

Um fato que podemos observar foi o bom andamento das atividades em relação à metodologia da disciplina. Com certeza esse aspecto foi fundamental para que todos(as) conseguissem concluir o componente curricular de forma satisfatória, como destacamos a seguir:

Não tive quaisquer dificuldades técnicas para participar da disciplina. Os textos foram de fácil acesso, leitura e debate. Os materiais de apoio indicados pela professora e pelos/as colegas também foram excelentes, apresentando ampla variedade de linguagens que só contribuíram para a construção dos saberes. Confesso que meus entraves foram mais emocionais. Por muitas vezes não tinha ânimo, vontade para fazer nada durante dias e dias. (JOANA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Porém, o que percebemos como um dos maiores desafios foi a falta da presença física, das trocas presenciais, dos abraços calorosos que estão acostumados. Sim, os discentes relataram que esta foi uma dificuldade: “o distanciamento, prefiro práticas presenciais” (JÚLIO, Informação via *Google Forms*, 2020).

Diante dos desafios enfrentados neste primeiro semestre de atividades remotas, o que conseguimos identificar foi que, dificilmente, o ensino completamente digital irá substituir o ensino presencial e suas inúmeras possibilidades de troca.

## VIVÊNCIA DA DISCIPLINA NO SEMESTRE REMOTO

Sobre o tema desigualdades, concordamos com Melsert e Bock (2015) ao tratar as desigualdades nas dimensões objetivas e subjetivas, não apenas no que se refere à forma que são realizadas as divisões de classe na sociedade. Visto que seria nessa dimensão subjetiva que seriam construídas as bases para manutenção da estratificação social como a conhecemos hoje.

A partir disso teríamos o contato com a construção da subcidadania; de acordo com esta noção as pessoas seriam dotadas de um caráter de valor, havendo separação de quem seria ou não gente, de quem teria ou não participação social (SOUZA, 2003).

Dessa forma conseguimos elucidar a que propósito serve a manutenção das discriminações que atingem grupos específicos da população (negros, mulheres, LGBT e portadores de deficiência), pois são esses mesmos grupos que são marginalizados: os que permanecem ainda hoje com os menores rendimentos, menor escolaridade e trabalhos mais precarizados, o que pode ser facilmente identificado no relatório da OXFAM (2018).

Dentro da disciplina como forma de facilitar o processo de aprendizagem sobre o tema identificamos uma série de atividades. A começar pela leitura do relatório sobre desigualdades da OXFAM (2018) no momento assíncrono, e no encontro síncrono a realização da discussão de forma a gerar um entendimento sobre o que seria a desigualdade e como ela está posta, bem como o percurso necessário para a sua construção e manutenção. Nas atividades assíncronas seguintes foi realizado o compartilhamento de material sobre o tema, trazendo o racismo, machismo e homofobia como construtores e mantenedores dos processos de vulnerabilidades que fazem

com que tais sujeitos(as), a depender do contexto no qual se insiram, estejam nesse contexto de subcidadãos(ãs).

Nos momentos assíncronos houve a construção de material, *cards*, com a finalidade de disseminação do tema das desigualdades nas redes sociais.

Houve também a realização de uma *Live* no perfil do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) com o tema “A importância de uma educação antirracista”. Foi um momento para discutir o quanto a Educação ainda traz consigo a manutenção de um modelo de educação colonizadora, que nega e invisibiliza a cultura e memória de outros grupos sociais, como o de negros e mulheres.

Foi, ainda, realizado um questionário, através do *Google Forms*, com o objetivo de identificar como se deu o processo de construção da disciplina pelos(as) discentes; se o conteúdo foi apreendido, bem como verificar o sucesso ou o insucesso das metodologias aplicadas nesse processo. Buscamos verificar se os(as) estudantes já tinham alguma aproximação com o tema “desigualdades”; como foi o desenvolvimento da temática na disciplina; se houve alguma mudança na percepção/aprendizagem sobre o tema; como avaliaram a discussão levando em consideração o ensino remoto; além de buscar entender como está o acompanhamento da disciplina e sugestões para sua continuidade.

Diante das respostas, percebemos que apenas um estudante alegou que não havia aproximação com a temática trabalhada antes da disciplina, outros(as) afirmaram uma aproximação com poucas vivências, o que torna importante a forma como o assunto será abordado e seu tratamento, de modo que os objetivos sejam atingidos.

Para isso, buscamos entender como se deu o desenvolvimento desta discussão, considerando as atividades propostas no plano de ensino como leitura de textos, encontros e produções. Observamos que a dinâmica proposta pela docente foi bem aceita pelos(as) discentes, que conseguiram acompanhar as discussões e realizar as atividades.

Tal reflexão se faz necessária, uma vez que, considerando o contexto pandêmico, muitos fatores podem interferir no andamento da disciplina e identificar como os discentes acompanhavam o desenrolar das atividades tornou-se imprescindível para compreender, entre outros aspectos, a assimilação do conteúdo. O que podemos perceber é que esta forma de trabalho possibilitou também uma maior autonomia, como relatou a discente Joana (Informação via *Google Forms*, 2020):

A metodologia empregada possibilitou maior autonomia para que cada uma/um contribuísse a seu modo com as discussões, não se limitando a aula expositiva-dialogada, ao seminário. Todas/os foram agentes ativos no debate, e o material resultante ficou muito bom.

Ao tratarmos sobre o assunto “desigualdades” entendemos que é uma temática bastante presente em nosso cotidiano, o que pode ter como consequência a sensação de que conhecemos bem essa realidade. Porém, percebemos mudanças significativas nesta percepção ao longo da disciplina para a maioria dos(as) discentes.

O texto escolhido como bibliografia básica para esta discussão foi o relatório da OXFAM publicado em 2018, “País Estagnado: um retrato das desigualdades brasileiras” trazendo, de forma concreta, os dados da desigualdade em nosso país, fato que chamou atenção de muitos(as) estudantes, gerando boas discussões e aprofundamento sobre o assunto, como podemos observar na escrita da discente Gabriela (Informação via *Google Forms*, 2020):

[...] o debate a partir principalmente do relatório da ONG OXFAM trouxe uma dimensão muito mais concreta sobre o tema dentro da realidade brasileira, de modo a fundamentar de maneira mais apurada meus conhecimentos.

Vários outros materiais foram utilizados para esta discussão, além de vídeos, documentários, entrevistas, entre outros. O texto escolhido pelo grupo responsável por dirigir esta discussão foi escrito por Miguel Arroyo (2018) intitulado “Reafirmação das Lutas pela Educação em uma Sociedade Desigual?”. Neste texto o autor discute a problemática da desigualdade no país e a luta por uma Educação que valorize e reconheça todos os saberes presentes em nossa sociedade como importantes para tornar possível uma igualdade educacional. Este momento proporcionou aprofundamento e ampliação da temática, como o discente Paulo demonstrou ao afirmar que,

O texto de Arroyo foi fundamental para compreender as desigualdades e as formas de superação desta. Os debates nos levaram a fazer uma crítica a estrutura da nossa sociedade, entendendo que a sociedade capitalista é produtora de desigualdade. O autor, e isto a discussão em sala levantou bem, propõe que os desiguais sejam tratados de forma desigual, isto é, não se trata apenas de igualdade, mas de equidade. A questão central levantada foi, acredito, à raiz do problema, debatemos as desigualdades e suas consequências, ao discutir o que fazer com “os coletivos feitos desiguais”.

O que podemos perceber durante as aulas foi o enriquecedor processo de discussão e reflexão que os momentos síncronos e assíncronos proporcionaram nesta etapa. Os diálogos possibilitaram um olhar diferenciado sobre como a desigualdade se faz presente em nossa sociedade e toda a consequência negativa que esta realidade traz. O que nos faz atentar para o papel do(a) educador(a) de problematizar esta temática na sala de aula. Sobre isto, a discente Tatiana (Informação via *Google Forms*, 2020) relata que:

O trabalho desenvolvido pelo grupo de desigualdade e as contribuições da turma com textos (teses e dissertações), livros, vídeos, cards, posts, permitiram um aprofundamento de um tema delicado, e que possui várias nuances, podendo apresentar-se de forma pontual ou escancaradamente. A condução e o desenvolvimento do tema no transcorrer da disciplina, pelos membros do grupo, e a realização da live com a Profa. Dra. Denise Botelho atenderam todas as expectativas, transformando os encontros síncronos em momentos de reflexão e debate – levantando questionamentos que puderam ser socializados e discutidos com todo.

O que conseguimos perceber destas primeiras atividades foi a possibilidade de desenvolver discussões e reflexões de forma remota, mesmo diante do cenário inicial de ansiedades e incertezas, considerando todo o contexto vivido.

Para execução da temática “memórias” foi utilizado como texto base “História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço” de José D’Assunção Barros (2009). Barros (2009) elucida a relação existente entre o tempo, o espaço e o homem, abordando, dessa forma, como as memórias seriam estruturadoras para a construção de um novo espaço possível. Neste sentido, foi discutido como as memórias coletivas podem ser moldadas de acordo com uma ordem dominante, transformando assim nossa forma de se relacionar com o outro, com o espaço e consigo.

Nessa perspectiva concordamos com os escritos de Ricoeur (1996, p. 09) ao pontuar que “a memória é sempre a memória de alguém (ou de um grupo) que faz projetos e visa o devir”. Sendo a partir de tais projeções que a memória de uma coletividade vai sendo moldada ao longo do tempo.

Como exposto anteriormente, a cada tema aconteceram alguns encontros para discussão: no primeiro encontro foi o debate sobre o texto de Barros (2009), no qual foi possível expor as percepções sobre a temática, reconhecendo-a como criadora de símbolos os

quais são fundantes para a estruturação das identidades individuais e coletivas, corroborando, desta forma, com a permanência de traços culturais, políticos e religiosos em nosso imaginário coletivo.

Para o segundo encontro foi utilizado como texto de apoio “Tempos Vivos e Tempos Mortos” de Ecléa Bosi, no qual a autora assinala quais seriam os tempos tidos como vivos e quais seriam os mortos. Em tempos nos quais a acumulação de bens e exploração do trabalho alheio para geração de riqueza, vemo-nos cada vez mais imersos(as) em atividades que não estão ligadas em nada com a afetividade, sendo essas ações meras reproduções, o que pode ser compreendido a partir da lógica dos tempos mortos.

Já sobre os tempos vivos, estes são os que passeiam pela memória cheios de significado e sentido. São coisas que fizeram parte do nosso passado longínquo ou do periférico que recobrem nossas memórias de afetividade.

Com base nessa linha de pensamento foi realizada uma dinâmica na qual cada um(a) dos(as) participantes escolheu um objeto presente em sua casa que trouxesse alguma memória viva, afetiva.

No momento seguinte foi elaborada uma *live* no perfil do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER), com o tema “Entre a História e a memória: pichações e ditadura militar”, com a facilitação do Professor Msc. Thiago Nunes Soares e mediado pela discente Dianne Silva, assim, a construção do momento se deu a partir da discussão sobre as memórias da resistência.

A construção da *live* aconteceu como meio de obter respostas para as seguintes indagações: como se organizavam os(as) sujeitos(as) coletivos(as) para denunciar as arbitrariedades do Estado? Como a arte ajuda no processo de expressão popular e como esta corrobora para a emancipação dos(as) sujeitos(as)?

O momento foi de crescimento e reconhecimento das memórias das coletividades para a manutenção da homogeneidade de um grupo para que, assim, consigam a obtenção do modelo de sociedade condizente com as aspirações dos sujeitos coletivos.

A memória individual como vimos em Barros (2009) também é, por vezes, construída e reconstruída pelo grupo que se mantém no poder, como meio de garantir sua manutenção, bem como seu status de prestígio.

O sistema de produção capitalista é produtor e reproduzidor de desigualdades das mais diversificadas, visto que um grupo coeso seria mais difícil de ser manipulado e expropriado. Logo, sua tática é a divisão, segregação e subjugação de um grupo sobre o outro.

A partir disto foi discutido sobre como o racismo se estrutura dentro dessa lógica do capital e com isto vai construindo memórias que vão corroborar negativamente na visão de nós mesmos(as) e de nossos pares. Como forma de afunilar a discussão foi utilizada a construção social do cabelo debatida por Nilma Lino Gomes (2006). Nossa memória a respeito de nosso cabelo, na maioria das vezes, vem marcada de dor; a dor por sua vinculação com o feio, com o sujo. E isso ao longo do tempo vai construir uma autoimagem negativa sobre nós mesmas(os).

Para discutir esse tema com a turma foi realizado um vídeo no qual a mãe de uma das discentes fala sobre esse processo de aceitação do cabelo e as implicações desse processo de aceitação.

Após a conclusão das discussões acerca desta temática, aplicamos o terceiro formulário a fim de obter dados a respeito desta vivência da disciplina.

Deste modo, oito alunos responderam ao formulário, e destes apenas três afirmaram algum tipo de aproximação com a temática “memórias”. Assim, durante seu desenvolvimento, observamos através das leituras, encontros e atividades, participações conduzidas com grande entusiasmo e até certa emoção, afinal, neste aspecto lidamos com muitas memórias que remetem às lembranças emocionantes, o que terminou por marcar, de forma um pouco mais afetiva, esta temática, conforme podemos observar nas respostas dos discentes, como por exemplo,

Dos temas propostos para a disciplina, trabalhar com noções e conceitos relacionados a memória foi o que mais me despertou “paixão”. Gostei muito das leituras propostas, não apenas aquelas colocadas como obrigatórias, mas, as sugestões dadas pelas/os colegas. E o texto indicado pelo grupo que mediou o debate, nossa!!! Fiquei maravilhada pelas ideias e sensações que ele me despertou. E a dinâmica de trabalhar com elementos de memória também foi algo muito significativo. O que vivemos naquele encontro foi algo incrível. Queria ter explorado mais e mais, pena que o tempo foi curto. (JOANA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Um aspecto que nos chamou atenção durante estas discussões é o fato de que, muitas vezes, não percebemos o quanto estas temáticas estão relacionadas aos nossos problemas de pesquisa – claro que cada um dentro de suas particularidades. Assim, conforme foi amplamente discutido na disciplina, a memória pode ser considerada um importante instrumento metodológico das mais diversas pesquisas.

Desta forma, conseguimos identificar sua contribuição para o desenvolvimento de algumas pesquisas realizadas, conforme podemos observar nos relatos a seguir:

Sim, bastante. Elas fizeram com que eu me aprofundasse e repensasse algumas abordagens no meu projeto, que ainda estão em andamento, mas certamente irão ter alguma inspiração das discussões da disciplina. (GABRIELA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Sim. Pois trato na minha pesquisa sobre os saberes sagrados e de que forma esses saberes são transferidos de geração para geração, e uma das formas é pela memória dos mais velho. (VICENTE, Informação via *Google Forms*, 2020)

Sim. Com as leituras e o debate feito em sala e na *live* consegui lançar novos olhares para a história oral e para a memória enquanto lugar de disputas, sendo assim, as entrevistas professores sobre a sua prática em sala - parte do meu trabalho - poderei perceber a luta das memórias numa mesma escola, num mesmo grupo de professores (PAULO, Informação via *Google Forms*, 2020)

Podemos afirmar, durante o início da disciplina, que houve um certo entendimento dos estudantes acerca desta temática, mas percebemos durante o percurso, principalmente através das leituras, discussões e análises, mudanças no sentido de aprofundamento, e até um certo amadurecimento, quanto ao papel da “memória” no meio científico.

Mudança de paradigmas faz parte do dia a dia do(a) pesquisador(a); buscamos a partir da compreensão de diferentes olhares e contextos, ressignificar nossos conceitos, considerando a pluralidade e a diversidade existente. Deste modo, percebemos essa mudança de percepção e aprendizagem sobre esta temática nas seguintes afirmações:

Estou ampliando meu olhar para melhor compreender os usos e disputas das memórias ao longo da história. Perceber tal fato me auxiliará na análise das tensões, sempre presentes nas “guerra de narrativas” que permeiam as relações étnico-raciais, por exemplo, e que compõem meu objeto de estudo. (JOANA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Houve sim. Reforço que me fez refletir sobre a importância das memórias. (ALICE, Informação via *Google Forms*, 2020)

Escolhi estar no grupo desse tema porque considero que era o que fazia uma ponte mais nítida com meu projeto (estou trabalhando com

narrativas). A aula com o professor convidado, os textos e discussões com o grupo de trabalho me fizeram compreender mais amplamente algumas dimensões da memória e me permitiram ter um melhor embasamento sobre como estou buscando pensar sobre as memórias dentro do meu projeto e além dele, já que esse é um tema que me interessa muito. (GABRIELA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Diante dos dados obtidos com este formulário, conseguimos identificar aspectos relacionados à temática “memórias” que contribuíram significativamente com o processo de construção e reconstrução deste conhecimento entre os(as) discentes.

A discussão sobre o tema identidades teve início com o texto base “A produção social da identidade e diferença”, de Tomaz Tadeu da Silva (2000). Para o autor, a identidade seria o que faz de nós quem somos, nesse sentido a diferença está no que o(a) outro(a) é.

Tal exemplificação parece bastante difundida, mas nem sempre foi assim; por muito tempo a identidade não possuía esse caráter subjetivo, sendo vista como o reconhecimento do pertencimento de um grupo específico. Trazendo de outra forma: se eu nascesse num grupo de pescadores compulsoriamente seria pescadora, assim nosso grupo seria identificado dessa forma.

As identidades não levavam em consideração aspectos subjetivos da pessoa, e sim as características mais gerais que iriam identificar aquele grupo e o diferenciar dos demais. Sendo que, de acordo com Silva (2000), a construção das identidades e diferenças está em estreita sintonia com relações de poder.

A construção da identidade “uma” faria com que as outras identidades de uma pessoa fossem invisibilizadas corroborando para o seu controle, logo para o controle de um grupo específico.

Ao passo que quando uma determinada identidade foge do controle dos grupos dominantes é acessado um campo, o da “moral”, a fim de inibir a identidade contrastante.

Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se a formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível. Algumas vezes, o objeto do pânico é absolutamente novo e outras vezes é algo que existia há muito tempo, mas repentinamente ganha

notoriedade. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva. Outras vezes ele tem repercussões mais sérias e duradouras e pode produzir mudanças tais como aquelas em política legal e social ou até mesmo na forma como a sociedade se compreende (COHEN, 1972 *apud* MISKOLCI, 2007, p. 9)

Com o passar do tempo as identidades generalistas já não dão conta das individualidades e subjetividades dos sujeitos a partir da conexão com o mundo social moderno e em maior nível na pós-modernidade (MAHEIRIE, 2002). A construção da identidade do homem estaria ligada à subjetividade e o contexto social em que vive.

Silva (2000) dirá que “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo”, dentro disto nos basta dizer que ao passo que nossa identidade estará vinculada a nossa subjetividade ela expressará todas as nossas características pessoais e sociais. Por exemplo: uma pescadora terá a identidade de pescadora, mas também será uma mulher que se identificará com o grupo de mulheres, que pode ser mãe, que pode ser ou não cis, que pode ser ou não ligada à pesca sustentável, ela pode ser ou não da terceira idade, entre outras caracterizações.

O que estamos querendo dizer é que uma determinada pessoa levará consigo inúmeras características que farão ela se identificar com os mais diversos grupos, e todas essas características farão dela um ser único, rico e plural.

Neste sentido, no intuito de chamar a atenção para estas discussões, os(as) estudantes da referida disciplina produziram alguns cards para publicação.

Ao longo do módulo foi realizada uma *live* com a Professora Doutora Auxiliadora Martins, com o tema “A construção social da identidade”, veiculada na página do *Instagram* do LABERER. Na ocasião Auxiliadora versou sobre a dificuldade de construir a identidade de uma mulher negra dentro do espaço acadêmico sendo ele branco-centrado e elitista, e acerca das leituras as quais nos são viabilizadas e quais são as que nos são negligenciadas. A professora nos traz a difícil tarefa que é embasar seus estudos em escritores negros e o quanto sua identidade negra é negada.

Durante o período de realização da disciplina também foi feita a indicação de longas que tratam do tema identidades como forma de aproximação com esta temática, nas sugestões realizadas vemos a identidade em sua forma plural.

Para obter os dados referentes ao tema “identidades” aplicamos o quarto formulário, no qual contamos com quinze respostas. Nele,

apenas três discentes não haviam tido aproximação com a temática antes da disciplina.

Sobre o desenvolvimento do tema, ao longo da disciplina, conseguimos identificar respostas bem significativas, uma vez que, nesta fase da disciplina, já conseguimos relacionar as três temáticas de forma a conseguir contextualizar, identificando possíveis aproximações. Muitos foram os relatos sobre seu desenvolvimento. Neste sentido, destacamos o relato do discente Paulo (Informação via *Google Forms*, 2020),

O debate síncrono feito sobre o tema identidades foi muito instigante, com a participação massiva de todos da turma, inclusive aqueles, que como eu, não tinham muita aproximação com o tema. Acho que essa mobilização foi muito enriquecedora, ouvir diferentes perspectivas sobre o mesmo tema é sempre enriquecedor. A live com a professora Auxiliadora também foi fantástica, desde a apresentação que ela fez do tema ao incentivo dado por ela para lutarmos.

Conforme explicamos anteriormente, alguns(as) estudantes ficaram responsáveis por atividades relacionadas a cada temática, assim podemos identificar, na resposta da discente Carol (Informação via *Google Forms*, 2020), alguns aspectos importantes deste trabalho:

A experiência com a temática foi bem aprofundada porque fiz parte do grupo que apresentou a temática para a turma. Tentei pesquisar o tema em diversas perspectivas: afrocentrada, pós-estruturalista, marxista e outras acrescentadas no decorrer das indicações da *live* participada e das leituras. Além disso, as referências oferecidas na ementa da disciplina auxiliaram também no direcionamento das pesquisas. Não desconsiderando as indicações da própria turma durante os encontros síncronos.

Considerando que um dos principais aspectos da disciplina é a problematização das temáticas com o desenvolvimento das pesquisas de Mestrado e Doutorado, buscamos, mais uma vez, assinalar suas contribuições e aproximações e conseguimos identificar que, em sua maioria, sim, foi possível relacionar a temática “identidades” com suas pesquisas: “Muito, é uma das categorias que observo em minha análise (ANA, Informação via *Google Forms*, 2020). “Sim, porque analisarei a política de ações afirmativas de uma instituição federal de ensino. Essa temática perpassa tais discussões” (JÚLIO, Informação via *Google Forms*, 2020).

Ainda neste aspecto, podemos observar que mesmo alguns(as) discentes relatando que a temática não tinha relação direta com seu objeto de estudo, houve contribuição para formação profissional e humana.

Neste contexto, identificamos as problemáticas das “identidades” aplicadas ao cotidiano, considerando que este é um tema presente em nossa sociedade e que traz elementos para reflexão, análise e compreensão da realidade atual.

Foram abordados os processos de construção da identidade, sua relação com a linguagem, com as mídias, entre outros. Buscou-se problematizar a realidade a partir do entendimento sobre a importância e necessidade desta discussão em meio à pandemia e sua relação com outras temáticas debatidas anteriormente a partir de questionamentos de como está se agravando a desigualdade no Brasil e o nosso papel diante de todo este acontecimento.

Compreendemos nos relatos dos(as) discentes este entendimento e a necessidade urgente de aprofundamento neste aspecto, como destacamos nos seguintes trechos:

Como referido em alguns textos, parece-me que vivemos em um contexto de emergência das identidades e o acirramento das discussões em seu entorno. Como levantado durante a aula, o debate sobre identidade traz a urgência de debater as questões de resistência e, em última análise, de sobrevivência, de modo literal e simbólico, que essas identidades evocam. As discussões nas aulas sobre os textos e a live organizada pelo grupo corroboram mais ainda para essa reflexão. (GABRIELA, Informação via *Google Forms*, 2020)

Essa relação foi bem-marcada pela professora na *live*: a necessidade de se buscar a unidade de sujeitos excluídos a partir de uma identidade de luta, nesse contexto a identidade é fator de questionamentos: por que morrem mais negros que brancos de covid-19? Por que o número de assassinatos de pessoas negras aumentou, enquanto o de pessoas brancas diminuiu? Em tempos de isolamento social e de instabilidade democrática a temática de identidades é fundamental para a conscientização dos oprimidos. (PAULO, Informação via *Google Forms*, 2020)

Ao final desta discussão conseguimos relacionar as três principais temáticas discutidas durante a disciplina, compreendendo, entre outros aspectos, a necessidade de luta contra a hegemonia de uma única identidade, entendendo como uma de suas várias

consequências a elaboração de currículos que legitimam, segundo seus interesses, o que deve ser ensinado e excluído, como também a urgência que temos em ressignificar o que é imposto através, principalmente, da construção de novos olhares, colocando a Educação como aspecto importante neste processo de construção de uma sociedade mais crítica e transformadora de sua realidade.

## CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA PARA O MOMENTO DO ISOLAMENTO

Na intenção de identificar os impactos da disciplina na vida dos discentes, bem como sua percepção de si, consigo mesmo e na interação com o outro, a docente responsável por ministrar a disciplina realizou um formulário autoavaliativo, meio utilizado por ela para guiar o último encontro.

Com base em alguns relatos conseguimos identificar a importância da disciplina nesse momento de pandemia do Covid-19 com base nos seguintes relatos: “Durante a quarentena está com a todas/os foi um refúgio para minhas emoções” (BRENDA, Informação via *Google Forms*, 2020) e

Embora não podendo interagir como eu gostaria nos encontros presenciais a vivência da disciplina a partir da escuta dos colegas e do acesso às leituras foram de extrema importância para a ampliação das minhas referências, principalmente em relação à identidade, tema que conversa com meu objeto de estudo -- que é o ensino da leitura do texto literário. O aprendizado a que tive acesso na disciplina irá contribuir para a fundamentação de projetos de pesquisa futuros que relacionam identidade, memória e literatura. (LUIZA, Informação via *Google Forms*, 2020)

De acordo com o exposto acima, a disciplina teve duas funções fundamentais, sendo a primeira de refúgio e a segunda de retomada desse pensar do objeto de estudo, as quais ambas foram responsáveis por um estado de bem-estar dos(as) discentes. Estivemos por tanto tempo focados(as) e assombrados(as) pela pandemia, corroborando para o nosso adoecimento mental, que ao passo em que desviamos nossa atenção para outra situação possível há um estado de reconforto (ORNELL *et al.*, 2020).

Algo que assume uma relevância é que, para alguns(as) dos(as) discentes, essa disciplina foi a porta de entrada para o Programa de Pós-Graduação, conforme relato da discente sobre sua experiência:

A disciplina foi excelente, como entrei agora no mestrado estava com receio de pagar as disciplinas, mas foi ótimo. A forma como os encontros se organizou, os colegas de turma, dos debates, os textos lidos. O medo desapareceu logo no primeiro encontro, pois o clima era leve, eu me senti muito acolhido pela turma e pela professora. Só tenho a agradecer pelo conhecimento compartilhado e pelo contato. Contato esse que nos emocionou muito na dinâmica do grupo de memórias. (RAYLA, Informação via *Google Forms*, 2020)

A facilitação da disciplina foi colocada enquanto um diferencial para que seu desenvolvimento se desse de forma proveitosa pelos(as) discentes.

A disciplina foi um divisor de águas, está sendo uma experiência única. Sou grata pela forma em que a professora facilita o processo, nos dando abertura para que seja uma construção coletiva. (MARCOS, Informação via *Google Forms*, 2020)

Finalizamos esse quadro com o relato de uma discente sobre sua vivência na disciplina, retratando as batalhas diárias para se manter, mesmo diante das dificuldades impostas pelo período:

As angústias no início da disciplina eram muitas, um cenário de muitas incertezas e confesso que desafiador, trabalhar e estudar em casa, com duas crianças que ainda dependem de mim para quase tudo. No primeiro contato com a turma, senti que o clima era de colaboração e por isso decidi continuar. Confesso que pensei em trancar algumas vezes, mas a forma como as aulas aconteciam me fez acreditar que conseguiria concluir. Agradeço por todos os ensinamentos e pela oportunidade de aprender um pouco mais. (AFRODITE, Informação via *Google Forms*, 2020)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e os pontos de vista sobre os módulos e sobre a forma que foi encaminhada a disciplina é toda diversa. Foram muitas as “batalhas” internas e externas nesse período, muitos, enquanto

a cursavam, adoeceram e/ou tiveram seus(suas) familiares acometidos(as) pelo Covid-19.

A disciplina aconteceu mesmo diante de tantas incertezas de como se daria essa experiência, de como seria o “abrir” da nossa casa para pessoas sem as quais não teríamos a oportunidade de acessá-las fisicamente, também por receio de que nem todos(as) conseguissem meios de acessar as aulas e realizar o acompanhamento necessário.

Entretanto, as perdas foram reais; ao longo do percurso, um dos discentes ingressantes da turma 38, do curso de Mestrado, veio a óbito, como também alguns(as) familiares e amigos(as) dos estudantes(as). Tudo isso ocorreu enquanto acontecia o semestre remoto, e mesmo sem a vinculação física do encontro e do toque, o apoio aconteceu durante o processo.

O semestre letivo e a disciplina foram um desafio, mas conseguimos compreender como a disciplina foi vivenciada, de forma que os conteúdos foram discutidos e assimilados de acordo com objetivo da disciplina.

Através dos formulários disponibilizados, identificamos que a disciplina atingiu seus objetivos pedagógicos de aprofundamento das temáticas e de análise sobre suas aproximações com os objetos de pesquisa de cada aluno(a), porém percebemos também que estas contribuições perpassaram o campo emocional, contribuindo para o período de distanciamento social causado pela pandemia do Covid-19.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual? **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 145, p. 1098-1117, 2018.
- BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n.5, jan./jul. 2009.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
- JOSSO, Marie-Christine. Prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

- MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações** [online]. 2002, vol.7, n.13, pp. 31-44. Disponível em: <https://bit.ly/3ypKEKz>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- MELSERT, Ana Luísa de Marsillac. BOCK, Ana Mercês Bahia. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. **Educação e Pesquisa**, nº 41, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3u2X5ZB>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico – Especial: Doença pelo CoronaVírus 2019**. Disponível em: <https://bit.ly/3fxFhQN>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3hFeXa4>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline Bohrer.; SORDI, Anne; KESSLER, Felix Henrique Paim. **Pandemia do medo e Covid-19: impacto da saúde mental e possíveis estratégias**. Disponível em: <https://bit.ly/3hDWNW>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- OXFAM. **País estagnado: um retrato das desigualdades brasileiras, 2018**. Disponível em: <https://bit.ly/3f772B3>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- RICOEUR, Paul. Entre mémoire et histoire. **Projet**. Paris: nº 248, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3bEJZv6>. Acesso em: 30 ago. 2020
- SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania: para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998
- TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques. **A Pandemia da Covid-19 e a desigualdade de renda no Brasil: um olhar macrorregional para a proteção social e os auxílios emergenciais**. Disponível em: <https://bit.ly/3f10mUQ>. Acesso em: 20 jun. 2020.



## PEDAGOGIAS AFROCÊNTRICAS DO PROJETO MÚSICA E ARTE AFROCENTRADA

Cledson Severino de Lima  
Joice Carla Silva de Oliveira  
Marcelo Ragner Guerra da Silva

Estamos cansados de saber que nem na escola,  
nem os livros onde mandam a gente estudar,  
não se fala de efetiva contribuição das classes  
populares, da mulher, do negro, do índio na nossa  
formação histórica e cultural. Na verdade,  
o que se faz é folclorizar todos eles.  
(GONZALEZ, 1982, p.3)

### INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta uma experiência desenvolvida pelo Projeto de Extensão Música e Arte Afrocentrada do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O objetivo deste projeto é promover intervenções musicais e artísticas nas redes sociais durante o período de isolamento social, a partir do diálogo sobre a musicalidade, arte, práticas e perspectivas afrocentradas que centralizam as pessoas negras.

O projeto em questão é pautado pela teoria da Afrocentricidade, perspectiva epistemológica que guia uma metodologia que põe ao centro as experiências do povo negro. Nas palavras de Asante (2014),

“ela dita a restauração de todo projeto cultural africano. E trava a revogação de nossa liberdade intelectual e teórica” (p. 167). E em consonância com Lima (2020), “acreditamos que um olhar afrocen-trado para a educação das relações étnico-raciais pode proporcionar mais uma visão de mundo que mude os depoimentos dos estu-dantes negros da marginalidade à centralidade” (p. 85).

A implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na educação escolar foi garantida pela Lei de n. 10.639/2003 e depois ampliada pela Lei n. 11.645/2008. Ratificamos aqui a luta das organi-zações sociais, políticas e civil na luta pelo direito à educação pública e de qualidade, como também do ativismo e militância do Movimento Negro e Sociais Negros que garantiram as políticas de ações afirmativas para a ERER na educação escolar brasileira.

Desde então, podemos observar, no cenário educacional do Brasil, o crescimento de planos e programas de ações que cami-nham na direção de diminuir o abismo dos direitos negados aos povos negro e indígena, com finalidade de superar a desigualdade étnico-racial estruturante no país e ratificar o que preconiza a LDBEN n. 9.394/03, garantindo acesso e permanência na educação escolar. Podemos afirmar que, à luz da legislação, o Estado tem avançado. Entretanto, faz-se necessário pontuar que as leis de caráter antirra-cista, de compensar e reparar, parecem manter distância íngreme entre a legalidade e a realidade da ERER na educação escolar.

De modo a estreitar a legalidade e a realidade da educação antir-racista no âmbito pedagógico, um ano e seis meses após a publi-cação da Lei n. 10.639/03, são publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Resolução CNE/CP 01/2004). Elas são a regulamentação orientadora para a garantia dos direitos sociais, econômicos, civis e culturais da população negra perante a sociedade brasileira, bem como as narrativas e comporta-mentos nos modos operantes de como lidar pedagogicamente com as relações entre as pessoas.

Essa resolução reafirma o art. 205 da Constituição Federal, nos dizendo-nos que o Estado é responsável por promover e incentivar, através da educação, a equidade nos direitos e desenvolvimento das pessoas e, em especial, aos povos e suas histórias, culturas e tradi-ções afrodiaspóricas e africanas.

As pedagogias afrocêntricas na Educação Básica e superior foram garantidas diante dessas legislações que possibilitaram prá-ticas educacionais antirracistas e uma maior diversidade pluriétnica

nos pressupostos teóricos que concebem as concepções pedagógicas. Podemos dizer, também, que elas são a enegrificação das conquistas dos povos afrodiáspórico e africano, aquisições que se deram a custo da luta e resistência histórica do povo negro. Respondendo a reivindicação desde os(as) primeiros(as) escravizados(as) que aportaram nesse país (LIMA, 2020).

Entendemos e defendemos que uma educação afrocentrada deve ocorrer na mesma medida em pé de igualdade das demais disciplinas, por exemplo (ALVES, 2020). Apesar das disciplinas não serem da forma que pensamos para a educação escolar, elas poderiam ser entendidas como: Educação em Língua Portuguesa; Educação em Matemática; Educação em Geografia; Educação em História; Educação em Ciências; Educação em Artes, etc. Por que a educação escolar brasileira ainda não implantou a Educação das Relações Étnico-Raciais?

Há, assim, um desafio posto aos componentes curriculares da educação escolar: como tratar a EREER em seus planejamentos anuais e planos de aula? Talvez pedagogias afrocêntricas a partir da música e arte possam ajudá-los, contribuindo para a superação do racismo estrutural e institucional arraigado da Educação Básica à superior, que, de certa forma, orientam as relações sociais, históricas, culturais e econômico no Brasil.

Práticas pedagógicas afrocêntricas para a Educação das Relações Étnico-raciais corroboram com o fim de metodologias que marginalizam perspectivas não eurocentristas e centralizando a enegrificação do povo negro. Por conseguinte, elas diluem comportamentos preconceituosos e discriminatórios, fortalecendo as identidades negras sucumbidas pelo racismo estrutural brasileiro. As intervenções realizadas pelo projeto em tela são um convite à reflexão de práticas que não se limitam ao ambiente escolar; elas são um convite para repensar as relações pessoais. A música e a arte são atividades lúdicas que enfocam o prazer alimentando o espírito e ajudam a entender e superar as formas de discriminação e preconceito.

A seguir, socializaremos as atividades desenvolvidas pelo Projeto Música e Arte Afrocentrada entre os meses de abril e dezembro de 2020, que tiveram como objetivo proporcionar intervenções musicais nas redes sociais durante o período de isolamento social, a partir do diálogo sobre a musicalidade, práticas e perspectivas afrocentradas que centralizam as pessoas negras. Apresentaremos o diálogo da Educação Afrocêntrica à luz da teoria da Afrocentricidade e sua contribuição na implementação da EREER e como se deu sua pedagogia afrocêntrica do projeto de extensão.

## EDUCAÇÃO AFROCÊNTRICA À LUZ DA AFROCENTRICIDADE

Quando os(as) estudantes de licenciaturas estudam Fundamentos Filosóficos da Educação, ou disciplinas afins, ainda se deparam com a hegemonia das escolas filosóficas da: Grécia Antiga; Medieval; Moderno; Pós Kant; Naturalista; Positivista; Material Dialético; Fenomenologia; Existencialismo; Estruturalismo; Pragmatismo e a Filosofia Analítica (VASCONCELOS, 2017). Pouco ou nada se estuda sobre a filosofia indígena, tão pouco a africana ou afrodiáspórica. Essa constatação criou um hiato e atrapalha a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Escolar.

A sistematização de uma educação antirracista se deu em 03 de janeiro de 2003, com a promulgação da Lei nº 10.639/2003. A partir de então se estabelece um divisor histórico para a ERER no país, na qual se atribuiu o ensino obrigatório da História e Cultura Africana, Afro-brasileira na Educação Escolar. Ao mesmo tempo que implodiu uma catarse de estudo dos povos negros e indígenas em todo país, passando para sociedade civil, ONG's, movimentos sociais, políticos e universitários.

A sistematização da teoria da Afrocentricidade, que embasa esse texto e o Projeto Música e Arte Afrocentrada, foi elaborada pelo Professor Pesquisador Dr. Molefi Kete Asante em meados de 1979 e 1980 nos Estados Unidos da América. Ela é uma abordagem epistêmica que prima pela conscientização dos africanos e afrodiáspóricos em qualquer parte do mundo, localizando-os como sujeitos epistêmicos, donos de sua própria história e os permitindo que neguem a marginalidade imposta pela hegemonia ocidental.

Para Asante (2014), uma vez encontrada a centralidade, como sujeitos epistêmicos, avançaremos à fase de agência, propagando a conscientização de sujeitos de fala e lugar. A teoria da Afrocentricidade não quer substituir as teorias em vigor nas pesquisas de Pós-Graduação e na Educação, ela surge das inúmeras lacunas fincadas pelas epistemologias hegemônicas que não conseguem dar conta de todos os problemas de pesquisas de demanda social e da Educação. Não podemos ser ingênuos(as) de acreditar que essa teoria resolverá todos os problemas do povo negro, porquanto, poderá completar as lacunas invisibilizadas que parecem insistir em não considerar que existem outras epistemologias para a Educação Escolar.

O cenário educacional brasileiro historicamente é pautado por uma lógica eurocêntrica, que silenciou e subalternizou os saberes outros da população brasileira, estigmatizando-os e colocando-os

à margem do processo educacional. Diante disto, o Projeto Música e Arte Afrocentrada é uma experiência de Educação Afrocêntrica e contra-hegemônica que enfrenta e resiste ao racismo epistêmico, religioso, institucional e territorial por meio das abordagens afrocentradas.

Njeri (2019) chama essa iniciativa de:

Uma pedagogia afrocêntrica e afro-perspectivada não tem caráter excludente, pois busca na natureza xenofílica negra-africana (DIOP, 2014) a base e paradigma para o relacionamento social. Sendo assim, ao empregá-la no processo educacional, deve-se também fazer o exercício de deslocamento para o eixo civilizatório africano e afro perspectivá-lo a partir da experiência da territorialidade afrodiaspórica, em específico, afro-brasileira (NJERI, 2019, p. 10)

Essa iniciativa exitosa viabiliza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão quando articulou conhecimentos proporcionados pela música, dança, arte e educação direcionados a atender a ERER, a qual consideramos ser obrigatória na Educação Escolar da população brasileira nos últimos anos. O projeto tem como missão alcançar pessoas negras e não negras através da musicalidade e de outras formas artísticas, levando formação afrocêntrica e percepções identitárias dos povos negros de África e da diáspora para populações que de certa forma não têm acesso aos conhecimentos produzidos por negros e negras. Sua missão se constrói a partir da iniciativa de perpetuar e difundir os construtos intelectuais, artísticos e culturais de negros e negras brasileiros e internacionais.

Lima (2020) e Nascimento (2020, p. 114) chamam essa Pedagogia Afrocêntrica de Educação Afrocentrada, ela se dá na:

Experiência de propor o diálogo do que se compreende em educação afrocentrada em terreiro e o que se experimentou ao longo dos anos de vivência no espaço específico é, mais que um meio do pesquisador contribuir com este lugar, um reforço na constituição da própria identidade.

As *Lives* e Ciclos de debate do projeto proporcionaram discussões, vivências e experiências outras, partindo de práticas do cotidiano do povo preto, convidando os(as) participantes a construir coletivamente uma roda de diálogo digital e on-line, por exemplo. Uma circularidade, na qual se construiu uma autoavaliação a qual acreditamos que será replicada em outros ambientes de Educação

Escolar, uma vez que se abordaram epistemologias teóricas e práticas na reflexão-ação ao campo da Educação, assim como possibilitou formas outras de descolonização no espaço educacional.

Acreditamos que esses diálogos venham potencializar possíveis denúncias das estruturas de dominação ideológica, contribuindo nas reflexões e “saltos” ao campo das vivências do homem/da mulher, especialmente na produção epistêmica e pragmática da Educação e cultura brasileira. Além de cooperar para a “reafirmação” não estática dos(as) pensadores(as) latino-americanos(as) e afrodiáspóricos(as) para com a sociedade mundial e algumas “atuais” problemáticas locais/globais como racismo, feminicídio, epistemicídio, lgbtifobia e criminalização dos Movimentos Sociais.

## A PEDAGOGIA AFROCÊNTRICA DO PROJETO MÚSICA E ARTE AFROCENTRADA

O Projeto de Extensão Música e Arte Afrocentrada faz parte do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo um dos projetos da ação deste laboratório chamado de Programa LABERER, que concentra e organiza os projetos: **Memória e Presença Viva de Autorias Negras**, que tem por objetivo promover a visibilidade de personalidades negras no âmbito da ciência, incentivando o estudo e a reflexão sobre suas vidas e a obras, no âmbito das redes sociais, destacando suas contribuições para a Educação das Relações Étnico-raciais; **Inglês Afrocentrado**, que desenvolve habilidades de leitura, interpretação e tradução de textos acadêmicos sobre a abordagem afrocentrada e **Biblioteca Afrocentrada**, que divulga e disponibiliza livros, artigos e demais conteúdos audiovisuais, que tenham autoria negra ou afrodiáspórica.

O objetivo geral do projeto **Música e Arte Afrocentrada** é promover intervenções musicais e artísticas nas redes sociais durante o período de isolamento social, a partir do diálogo sobre a musicalidade, arte, práticas e perspectivas afrocentradas que centralizam as pessoas negras. Os objetivos específicos são: realizar apresentações musicais e artísticas em *lives* nas redes sociais *YouTube* e *Instagram*; debater sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais; refletir sobre as letras das músicas e performances da apresentação. Sua metodologia se diferencia pelo protagonismo dos(as) seus(suas) integrantes,

musicistas e estudantes da Pós-Graduação em socializar rodas musicais e de diálogos a partir dos gêneros da música e da arte negra pernambucana como: Coco; Afoxé, Maracatu, Ciranda e Poesia.

Diante da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo no início do ano de 2020, as atividades presenciais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foram suspensas. Nesse mesmo período, o Programa LABERER iniciou suas atividades de maneira assíncrona e síncrona, sendo necessário se reinventar para se adequar às demandas específicas desse momento. O destaque para o período de abril a dezembro de 2020 foi a participação remota de mais de trinta (30) artistas e musicistas do Estado, de fora dele, e até mesmo de outras nacionalidades, convidados(as) que compartilharam suas produções durante os encontros do Ciclo de Leitura e Debates Afrocentrados na plataforma *Google Meet* e das *Lives* realizadas nas redes sociais, no *Instagram*<sup>1</sup> e socializadas posteriormente no canal do *YouTube*<sup>2</sup>. Os encontros aconteceram semanalmente, às quintas-feiras e aos sábados, respectivamente.

A iniciativa de estudantes de Mestrado, Doutorado e musicistas negros(as) da UFPE busca fazer intervenções musicais a partir do diálogo sobre a musicalidade, as práticas e as perspectivas afrocentradas que centralizam as pessoas negras à luz da teoria da Afrocentricidade e da Música Afro-Brasileira na cidade do Recife proporcionando a relação entre ensino, pesquisa e extensão através de estudos com destaque para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), principalmente nos cursos de Artes, na Música e na Educação em si para contribuir com a formação dos(as) cidadãos(ãs).

As ações exitosas desenvolvidas pelo projeto aconteciam de forma sistemática com reuniões de planejamento; divulgação da sua concepção, elaboração de legendas; formações, em oficinas e minicursos interna e externamente. No período de abril a dezembro de 2020 as atividades aconteceram a cada 15 dias, sendo nas quintas-feiras com Ciclo de Leitura e Debate Afrocentrado e nos sábados *Live* Afrocentrada com performances musicais e artísticas. Os convidados e convidadas, em sua maioria negros(as), eram os(as) próprios(as) autores(as) dos textos e das performances apresentadas. O Ciclo ocorreu via sala virtual *Meet* e a *Live* Afrocentrada ocorreu via *Instagram*. A seguir discorreremos sobre as atividades desenvolvidas pelo Projeto.

1 @labererufpe

2 <https://bit.ly/3uftKLo>

O Projeto Música e Arte Afrocentrada desenvolveu mais de quarenta (40) atividades pedagógicas afrocêntricas, intercaladas entre Ciclos de Leitura e Debate Afrocentrado e *Lives* Musicais e Performances Artísticas. Todas elas foram disponibilizadas na rede *YouTube* do Laboratório das Relações Étnico-Raciais (LABERER)<sup>3</sup>.

A seguir destacamos algumas das atividades pedagógicas afrocêntricas do Projeto Música e Arte Afrocentrada por modalidade:

## CICLOS DE LEITURA E DEBATE AFROCENTRADO

- “A Capoeira Angola e sua Ginga Socioeducativa” foi mediada pelo membro do LABERER e Mestrando em Educação, Cultura e Identidade na UFRPE/FUNDAJ Marcelo Guerra. Esta atividade nos ajudou a compreender como a capoeira pode ser utilizada para o ensino e a aprendizagem, tanto na educação formal, nas escolas quanto durante suas práticas, nas rodas;
- “A Dança no Maracatu de Baque Virado” foi mediada pela Doutoranda em Educação do PPGEduc/UFPE Gina da Silva Guimarães. O ciclo nos permitiu conhecer a história da origem de muitos grupos de maracatus de Pernambuco e da capital;
- “A Arte como Conhecimento e a Compreensão do Processo de Interculturalidade” recebeu o Prof. Dr. Everson Melquiades, Arte/Educador, Ator, Professor de Fundamentos do Ensino da Arte e do Teatro do Centro de Educação;
- “Wilton Santos performando suas obras literárias” contou com a presença do próprio autor sergipano, Wilton Santos. O ciclo despertou o interesse do público a conhecer mais as produções e os(as) artistas negros(as), periféricos(as) e nordestinos(as);
- “Rap, Exú diáspora, panafricanismo e estética afrocêntrica” trouxe Rafael de Queiroz, radialista formado pela UFPE, com Mestrado e Doutorado em Comunicação por esta mesma universidade. Nele conhecemos pensadores(as) negros(as) e suas teorias na interpretação dos constructos midiáticos negros;
- “Mulheres do Samba Reggae”, na sétima edição do Ciclo de Leituras e Debates Afrocentrados, recebeu Ceça dos Prazeres, do Bloco Afro Raízes de Quilombo, Vilma Carijó, do Bloco Afro Daruê Malungo, Paula Santos, do Bloco Afro Ara Ylé e Joana

3 Link do canal *YouTube* do Laboratório <https://bit.ly/3bBGjtR>

- Darc, do Bloco Afro Oba Nyje. Mergulhamos na história cultural e artística do povo negro em Pernambuco;
- “Vivência na educação escolar nas instituições quilombolas e não quilombolas”, ministrada pela Quilombola do Ceará e Graduanda em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Francisca Tainara Eugenio da Silva. Aprendemos sobre saberes dos povos negros através de sua memória e escrita.

## LIVES MUSICAIS E PERFORMANCES ARTÍSTICAS

- “Músicas Afrocentradas no Afoxé Alafin Oyó”, aprendemos ouvindo Fabiano Santos, presidente do Afoxé Alafin Oyó, de Olinda-PE, como as músicas dos afoxés ajudaram na construção, manutenção e resistência da identidade do povo negro brasileiro;
- “Live espetáculo Lucas dos Prazeres: manifestações culturais de Pernambuco”, na qual assistimos e aprendemos com o próprio artista que performou as manifestações africanas e afrodiaspóricas;
- “A música Afrocentrada na Capoeira Angola – instrumentos, linguagens, ritmos, toques, cantos e ritual” trouxe a Contramestra Érida Ferreira, nascida e criada em um Quilombo Urbano na Glória, Rio de Janeiro, Kota de Nkosi, contramestra de Capoeira Angola reconhecida pelo mestre Célio Gomes, que através das loas nos ensinou como a capoeira é uma ferramenta poderosa na educação antirracista;
- “Live musical: Maracatu Nação Baque Forte” trouxe o mestre Jamessom Florentino, do Maracatu Nação Baque Forte, com quem aprendemos mais sobre a origem, resistência e as ferramentas pedagógicas dos grupos de maracatus;
- “Cantautora” trouxe a cantora e escritora Jana Morena, que é Graduanda do curso de Pedagogia CE/UFPE. Aprendemos como as loas africanas e afrodiaspóricas podem construir, fortalecer e empoderar a identidade da mulher negra;
- “Dança a vida e canta a natureza” contou com a presença do moçambicano Tsumbe, que através da música nos mostrou o potencial da Tradição Oral africana e afrodiaspórica para construção do conhecimento.

- “Maroon canta as negritudes e as ancestralidades da vida”, o baiano Maroon, artista, cantor, compositor e Licenciado em Artes e suas Tecnologias pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), com seu violão e voz marcante, apresentou-nos a história de sua família que pôde inspirar outras histórias de sucesso de muitos negros e negras desse Brasil;
- “A música e a busca pela ancestralidade”, a cantora e compositora Amanda Ganimou cantou loas afrodiaspóricas para conhecermos e aprendermos sobre ancestralidade negra;
- “Sara Flor canta a sua ancestralidade”, a cantora e compositora Sara Flor contou sua história através de músicas negras, mostrando-nos o potencial das loas como ferramenta de ensino-aprendizagem;
- “Escrita do vivido: entre memória, identidade e saberes”, a performance poética de Francisca Tainara Eugenio da Silva, Quilombola e Graduada em Pedagogia pela UNILAB/CE, aproximou-nos das tradições orais afrodiaspórica e nos mostrou o quanto a universidade cresceu com suas intervenções;
- “Terça Negra no Recife” trouxe Ana Paula Guedes do Bloco Afro Obirin, que também é cantora e Coordenadora da Terça Negra em Recife-PE. Ela cantou músicas que até hoje são cantadas e refletimos sobre a cena fonográfica para o povo negro.

Essas atividades proporcionaram aos(às) participantes e aos(às) que forem requisitá-las pelas redes sociais do LABERER contribuições para a disseminação de conhecimento acerca da EREER. Ao mesmo tempo, elas podem ser replicadas em outros ambientes, com as devidas adequações ao espaço em que venham ser desenvolvidas. Elas contribuíram e ainda contribuirão no fortalecimento para além da forma de ver o mundo e suas relações pessoais, sociais e culturais. Os ciclos e *lives* afrocentradas corroboram como mais uma forma de pedagogia afrocêntrica influenciando na escrita, estética musical e artística de seus(suas) ouvintes, dando visibilidade para além dos muros da academia.

Alves (2020, p.138) diz:

A reconstrução de narrativas, a recuperação de legados roubados e escondidos pela colonização é sobre todas as pessoas, não só sobre as pessoas não brancas, afinal, a história dominante é um recorte distorcido, cheio de cortes e supressões. Logo, a educação para as relações étnico-raciais precisa ser construída por família, comunidade

e escola, com a consciência de se tratar de uma questão estrutural que a escola não vai 'resolver', mas pode combater, transgredir e revolucionar.

O conjunto desses registros via artigos científicos, vídeos no *Instagram* e no *YouTube*, compartilhados e ainda disponíveis, marcam um registro contemporâneo que cada povo negro desse país carrega consigo. Um legado o qual sabemos que é silenciado e marginalizado pela hegemonia educacional e que carrega toda ancestralidade desde o primeiro africano escravizado que aportou no Brasil e que, diante de uma história de anulação, atravessa o tempo. Logo, estamos diante de vivências que podem alavancar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) nesse país. É óbvio que os povos afro-diaspóricos em torno das escolas públicas e não públicas têm muito a contribuir para a implementação da política da ERER.

A Pedagogia Afrocêntrica de base teórica da Afrocentricidade ajudou a compor perspectivas antirracistas que centralizam os povos negros. Desta forma, o Projeto de Extensão Música e Arte Afrocentrada articulou "caminhos específicos de investigação e análise da realidade social e da subjetividade afrodescendentes", (NASCIMENTO, 2009, p. 181).

Práticas educativas afrocêntricas podem ajudar a equilibrar ou até fazer recuar a hegemonia eurocêntrica no âmbito extensionista. Essas pedagogias enegricam as ciências humanas, exatas e da natureza. De modo a localizar as perspectivas negras em pé de igualdade com as ciências que predominam nesses campos dos projetos de extensão universitários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, é um caminho árduo e adverso que atravessam as Pretagogias e as políticas de ações afirmativas, assim como suas práticas nos ambientes oficiais de educação formal e não-formal. Mesmo antes do ambiente pandêmico, agravado com o caos global de distanciamento, higiene e saúde pública.

As propostas remotas advindas de grupos culturais, grupos de estudo, instituições comprometidas com o fomento dos valores civilizatórios africanos e afro-diaspóricos, por meio remoto nesse presente momento, ampliaram os horizontes das capacidades tecnológicas,

criativas e solidárias. A ampliação das teias com formatos de convivência quilombola por meio dos meios de comunicação virtuais ganharam certa visibilidade, aliadas a fatos rotineiros do genocídio, como a morte de George Floyd, os meninos Miguel e João Pedro, e outros(as). Confirmando como o vírus do racismo consegue ser tão letal quanto a Covid-19.

As construções de relações virtuais coletivas não são a melhor forma de construção pedagógica antirracista, mesmo que tenhamos priorizado o contato direto da oralidade, do cooperativismo, porém esse “novo normal” nos compeliu a formatar as propostas de relação virtual. Converter essa relação superficial das redes em possibilidades pedagógicas se faz como uma missão para os educadores e educadoras inseridos(as) na atual Educação.

A partir do momento que as redes sociais não possuem grande peneira de censura etária, social, de gênero ou de classe social, estas se mantêm como um lugar propício à hostilidade dos racistas, dos machistas e dos fascistas. Pois os perfis e páginas *fakes* podem ter um administrador da página que reproduz comportamentos combatíveis. Os perigos das redes sociais representam, também, perigo aos Movimentos Sociais em tempos sombrios.

De fato, esta é uma problemática a mais na relação de sobrevivência do povo preto em diáspora, que deve ser incluída nas pautas que englobam a EREER em tempos de pandemia e pós-pandemia.

Os aprendizados trazidos da musicalidade, da arte e das produções literárias afrocentradas trouxeram, por via remota, informações incomensuráveis. As horas focalizadas para ouvir irmãos(ãs) de várias partes do Brasil, em *lives* e encontros fechados, possibilitou-nos o acesso às artes por meio da oralidade com detalhamento de informações e explicações que facilitam de certa forma o entendimento das complexidades e dos fundamentos filosóficos em afroperspectivas que rompem com a lógica de dominação e monopólio do capitalismo e da máquina da colonialidade. O enfrentamento musicalizado por educadores(as) que utilizam da música nos seus processos socioeducativos, por instrumentos com a Capoeira Angola, o Maracatu, o Samba Reggae, do Afoxé, em comunidades periféricas da Região Metropolitana do Recife, representa a efetivação da EREER em processos de Educação não-formal e a relação dessas com a Educação Escolar é essencial para a salvaguarda cultural e a disseminação da cultura de paz.

O relacionamento afetivo entre as tradições culturais de matrizes africanas e indígenas e a comunidade escolar faz efetivar as leis

10.639/03 e 11.645/08 e tira do papel a realidade democrática e igualitária para nossa sociedade.

Enfim, o aquilombamento virtual proposto pelo LABERER é parte do fomento à resiliência do povo preto em diáspora e no caos pandêmico. Esta nova vertente de organização, mobilização e ativismo fornece às populações de terreiro, centros culturais periféricos, instituições e pesquisadores(as) voltados à História, à Cultura e à Literatura Negra visibilidade e uma certa proteção ao ostracismo e às diversas mazelas da sociedade brasileira atual.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Gieri Toledo. **Relações Étnico-Raciais, Ensino e Afrocentricidade: Corpo-identidade de meninos negros**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro/Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2020.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- ASANTE, Molefi. **Afrocentricidade: A teoria de Mudança Social**. Tradução de Ana Ferreira e Ama Mizani. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.
- BRASIL. Resolução CNE/CP 01/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**. Brasília, 22 de junho de 2004.
- GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, estamos aí. **Mulherio**, São Paulo, ano II, n. 5, p. 3, jan./fev. 1982.
- LIMA, Cledson Severino de. **Teoria da Afrocentricidade e Educação: Um olhar afrocentrado para a educação do povo negro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2020.
- NASCIMENTO, Emerson Raimundo do. **A Educação em Terreiro Afrocentrada da Nação Xambá**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2020.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na Maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** – RESAFE, n. 31, p. 4-17, mai./out. 2019.

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. Curitiba: InterSaber, 2017. (Série Fundamentos da Educação)



## PROJETO INGLÊS AFROCENTRADO

### Aprender inglês para além do idioma

Sarah de Paula Morato  
Yure Gonçalves da Silva  
Elizama Pereira Messias

#### INTRODUÇÃO

A comunicação é uma ferramenta que permite ampliar, compartilhar e acessar conteúdos e saberes que complementam e expandem o nosso processo formativo. O inglês é um idioma que possibilita conexões tanto com pessoas quanto com informações do mundo inteiro. A língua inglesa, para além de contribuir com o acesso a fontes bibliográficas basilares para o desenvolvimento acadêmico e científico, viabiliza outras projeções universitárias e profissionais, por exemplo, o acesso a Programas de Pós-Graduação no Brasil e no mundo. O domínio de um outro idioma é de interesse e necessidade da sociedade, principalmente por questões de desenvolvimento econômico e profissional dos(as) sujeitos(as) nela inseridos. Por isso, o direito a uma outra língua está presente de forma obrigatória na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96), apesar disto, a maioria das pessoas chegam ao ensino superior sem o domínio de um segundo idioma, pois a escola básica não dá conta desta tarefa, sendo necessário ingressar em cursos que em sua maioria são pagos, colocando um grande número de pessoas de baixa renda, a maior parte delas negras e negros, distantes deste aprendizado.

O intenso processo de globalização que o mundo vivencia, apesar de trazer benefícios tecnológicos, comunicacionais, entre outros, revela as profundas desigualdades no que se refere ao acesso, por parte das camadas menos abastadas, a tais benefícios, queremos aqui destacar o acesso à Educação. Reflexo desse sistema excludente está a dificuldade do acesso à aprendizagem de outros idiomas, entre eles, a língua inglesa que é a mais falada no mundo globalizado, como aponta Ortiz (2006) ao destacar que a língua inglesa dentre tantas possui uma posição privilegiada no processo de globalização.

Levando em consideração estas e outras inquietações, nasce o Projeto Inglês Afrocentrado que é realizado pelo Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais – LABERER/UFPE/CNPq, em parceria com o Curso de Inglês *Aya Education*, o Laboratório de Gestão, Política de Saúde, Esporte e Lazer – LABGESPP/UFPE/CNPq, a Biblioteca Setorial do Centro de Educação – BibCE e a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco. O projeto surgiu em março de 2019, na modalidade presencial, quando docentes e discentes desses laboratórios perceberam a necessidade de conhecer a teoria da Afrocentricidade a partir das obras de língua inglesa na intenção de adotarem novos olhares para as pesquisas sobre educação das relações étnico-raciais. Desde então, novos usos e sentidos têm sido produzidos a partir desta experiência, na direção de construir relações de ensino-aprendizagens profícuas e afrocêntricas, com o uso de metodologias e abordagens específicas, numa perspectiva construtivista (piagetiana) para assimilação e acomodação de aprendizagens (prévias e novas, respectivamente), enfocando o desenvolvimento e adaptação dos(as) sujeitos(as) em suas relações com o mundo.

Neste relato de experiências temos como objetivo descrever como as atividades do Projeto Inglês Afrocentrado foram construídas e contribuíram para o desenvolvimento de habilidades de leitura, tradução e interpretação de textos acadêmicos na língua inglesa, utilizando a abordagem e teoria da Afrocentricidade como recursos metodológicos e teóricos. Os encontros do projeto se iniciaram a partir da realização de um diagnóstico que serviu de base para elaboração do planejamento e avaliação contínua e processual. Ao final do ciclo formativo foi aplicada uma avaliação de saída. Como fonte para a escrita deste texto iremos analisar estes dois instrumentos, realizando reflexões sobre as experiências que ocorreram ao longo do projeto. Os resultados apontam que os encontros do Projeto Inglês Afrocentrado contribuíram para o desenvolvimento no idioma inglês

e para o conhecimento da vida e obra de intelectuais negras e negros pelos(as) seus(suas) participantes.

## INGLÊS AFROCENTRADO, DIÁLOGOS E APROXIMAÇÕES EM SEUS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. (ASANTE, 2009, p. 93)

Levando em consideração a construção do conceito de Afrocentricidade, suas implicações e repercussões dentro do nosso contexto acadêmico e a necessidade de aprendizagem da língua inglesa para acesso e melhor aprofundamento das concepções e reflexões escritas por Molefi Kete Asante<sup>1</sup> e Ama Mazama<sup>2</sup>, principais autorias que vêm sistematizando e difundindo a teoria da Afrocentricidade, emerge a inevitabilidade da construção de uma metodologia de ensino da língua inglesa específica que atendesse às necessidades da população negra acadêmica e de todos(as) aqueles(as) que desejarem dialogar com tal perspectiva. Ao tomar como base a teoria da Afrocentricidade corroboramos com uma perspectiva teórica que aborda as experiências africanas e afrodiáspóricas como centro para compreensão de suas próprias histórias e culturas, muitas vezes negadas pela hegemonia do eurocentrismo acadêmico (REIS; LIMA; NASCIMENTO, 2019).

O princípio pedagógico do projeto, aqui apresentado, é a articulação entre ensino, extensão e pesquisa, preconizado no artigo 207 da Carta Magna de 1988 quando dispõe que as universidades obedecerão a tal princípio. Esta determinação reforça a responsabilidade da Instituição de Ensino Superior (IES) na construção de canais de

- 1 Filósofo, poeta, historiador, dramaturgo, pintor e cientista estadunidense, intelectual preto, baluarte nos estudos sobre os povos africanos. Molefi Kete Asante é o sistematizador da categoria contra hegemônica da Afrocentricidade.
- 2 Intelectual negra, professora universitária, militante e autora de livros. Ama Mazama é pesquisadora da teoria da Afrocentricidade, das religiões e línguas africanas, cultura e educação afro-americana, literatura e cultura caribenha.

interlocução e articulação com a sociedade, que levem em consideração a produção basilar de conhecimentos científicos com o necessário rigor metodológico. Nessa perspectiva, nos somamos ao apontamento feito Libâneo, Oliveira e Toschi (2003) que indicam o papel da educação superior no formar para as mais diversas áreas do saber, profissionais comprometidos com a promoção de produções culturais, técnicos e científicos, incentivando processos criativos, a evolução do raciocínio científico e do pensamento reflexivo.

Como Gadotti, este projeto pensa a extensão a partir da perspectiva freireana de Educação Popular. Diz ele: “Paulo Freire nos ensinou que devemos partir da leitura do mundo, da leitura da realidade, dos problemas concretos da comunidade que se apresentam sempre como um “todo” (GADOTTI, 2017, p. 12). O paradigma da Afrocentricidade compactua com a concepção freireana ao centralizar as produções, história e cultura do povo negro no seu lugar de origem. “Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam” (ASANTE, 2014, p. 3). É sobre ter consciência dos constantes processos de silenciamentos e apagamentos à que são submetidas as produções culturais e científicas da população negra, ao passo que, agenciamos estratégias e mecanismos de valorização e reconhecimento de suas contribuições históricas para a construção das sociedades.

Na medida em que, através do projeto, propomos uma nova visão sobre os sujeitos negros e negras em seus processos de elaboração cultural e epistemológico estamos contribuindo com os diálogos que fortalecem a implementação da educação das relações étnico-raciais (ERER). A mesma, se caracteriza como uma educação direcionada a todos os aprendizes (brancos, indígenas, negros e pertencentes as comunidades tradicionais) para a desconstrução do racismo estrutural e erradicação de práticas excludentes e discriminatórias que transformam as diferenças em desigualdades, (re)produzidas inclusive nas escolas e universidades. A ERER encontra seu respaldo jurídico na Lei nº 10.639/2003, seguida pela lei nº 11.645/08, que alteram a LDB instituindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura, africana, afro-brasileira e indígena nas escolas de Educação Básica.

É a partir da Educação para as Relações Étnico-Raciais que práticas que compactuam com a invisibilidade e o epistemicídio da população negra são combatidas, em espaços institucionalizados ou não, proporcionando “(...) aprendizagens entre brancos e negros, trocas

de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa e equânime.” (BRASIL, 2004, p. 6).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, a EREER apresenta “pedagogias de combate ao racismo e as discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas tendo como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra (BRASIL, 2004, p. 7). Esse despertar se refere a tomada de consciência da branquitude para as contribuições históricas, econômicas, científicas e políticas dos sujeitos negros para a formação da nossa sociedade, que tem uma população superior a 45% de pessoas que se autodeclararam negras.

As atividades do projeto Inglês Afrocentrado integram as áreas do conhecimento: Educação e Linguagem, que se articulam de maneira interdisciplinar com Sociologia, Antropologia, Epistemologia, Saúde, entre outras, ao tratar conteúdos que envolvem as relações étnico-raciais na África e no Brasil, contribuindo para consolidar a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão na garantia do direito a uma educação de qualidade que contribua para fortalecer a identidade negra e para reeducar relações étnico-raciais com vistas a atingir a equidade.

É nessa atmosfera científica e política que se estrutura o Projeto Inglês Afrocentrado, contribuindo para uma formação acadêmica que tem por base a afroperspectividade<sup>3</sup>, difundindo e sistematizando conhecimentos na Língua Inglesa de maneira afrocêntrica e interdisciplinar, promovendo assim a interação transformadora entre Universidade e Sociedade.

## **DIÁRIO DO PROJETO INGLÊS AFROCENTRADO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Em meio a um contexto dilemático, sendo atravessados pela pandemia da Covid-19, retomar as atividades acadêmicas e adaptá-las para o ambiente virtual têm sido uma forma de resistir e de contribuir na construção do conhecimento em meio as adversidades. Diante desta realidade o Projeto Inglês Afrocentrado foi adaptado

3 Segundo Nogueira, Duarte e Ribeiro (2019) “uma abordagem filosófica que tem como referências a afrocêntrica, o quilombismo e o perspectivismo ameríndio.”.

para realização remota, tendo como objetivos: 1) promover a leitura, interpretação e tradução de textos na língua inglesa que apresentem Afrocentricidade enquanto abordagem epistemológica para os estudos da temática étnico-racial; 2) contribuir para superar as dificuldades com o idioma inglês ajudando na construção de conhecimentos e produções textuais com abordagem afrocentrada.

Os encontros ocorreram duas vezes por semana contabilizando duas horas semanais entre maio e dezembro de 2020, com ações de pesquisa e formação acontecendo de forma online, através do aplicativo *Google Meet*. O público-alvo foi composto por 51 componentes (uns de forma mais intencional, outros não) das instituições parceiras do projeto. A parceria com o LABGESP se configura através da participação dos seus membros na equipe de execução; com o Curso *Aya Education* a parceria se dar através da sua condução nos encontros de formação em inglês; com a Rede de Mulheres Negras através da participação de 10 mulheres nos encontros de formação.

Durante os encontros havia a exposição a ferramentas de leitura na língua inglesa contribuindo para a leitura e interpretação de textos de autores afrocentrados; após o desenvolvimento de atividades para a habilidade de leitura e interpretação, iniciamos a tradução de um artigo do inglês para o português sobre Abdias do Nascimento, escrito por Molefi Kete Asante, autor da teoria da Afrocentricidade. Além das atividades de leitura, os participantes também desenvolveram habilidade de produzir perguntas e exercitaram sua oralidade na videoconferência<sup>4</sup> com o Prof. Dr. Molefi Kete Asante, onde conversaram diretamente com o professor. As videoconferências com autores<sup>5</sup> e pesquisadores que tem o inglês como principal língua tem sido uma estratégia utilizada para aproximar os discentes de contextos reais do uso do idioma.

Nos momentos de inglês instrumental foram trabalhadas ferramentas de leitura para textos acadêmicos, auxiliando na interpretação e entendimento, mesmo sem o discente possuir noções avançadas do idioma. Através dos materiais relacionados sobre a Afrocentricidade possibilitou-se aos integrantes a oportunidade de conhecer, no idioma original, assuntos e teorias que não são amplamente discutidas em português. Os conteúdos e práticas que

4 Este momento formativo, está disponível para ser assistido no canal do *Youtube* do LABERER, a partir do link: <https://bit.ly/3wmlhHY>

5 Entre as autorias convidadas para a vídeo conferência, o projeto recebeu a Profa. Dra. Ama Mazama, outro baluarte da teoria da Afrocentricidade, o vídeo está disponível no link: <https://bit.ly/3bEsGui>

partem dos interesses dos participantes que ao mesmo tempo são proponentes e aprendizes, estimulam a autoconfiança no processo de aprendizagem e propiciam a criação de um ambiente de acolhimento, pertencimento e fortalecimento identitário que ultrapassam os limites do material pedagógico.

Como parte do processo pedagógico elaboramos uma diagnose a fim de obtermos informações sobre o perfil de entrada dos candidatos. Tendo por base as informações extraídas, analisadas e sistematizadas nesta diagnose foram elaborados os planejamentos dos encontros, contendo atividades específicas (individuais e coletivas) com vistas a solucionar bloqueios e dificuldades de aprendizagem da língua inglesa, com atenção às especificidades pedagógicas de cada educando. Durante a execução/implementação do planejamento das aulas, todo o projeto foi avaliado e é com base nessa avaliação processual que a prática pedagógica segue sendo (re) elaborada para o alcance dos objetivos pactuados.

Todo esse processo pedagógico que se inicia com a diagnose, atravessando a construção e reconstrução da prática educativa, o persistente acompanhamento docente e a avaliação, somados as atividades de pesquisa, demandaram uma (re) adaptação instrumental e metodológica para que acontecessem remotamente de maneira híbrida, com momentos síncronos e assíncronos, através de plataforma online.

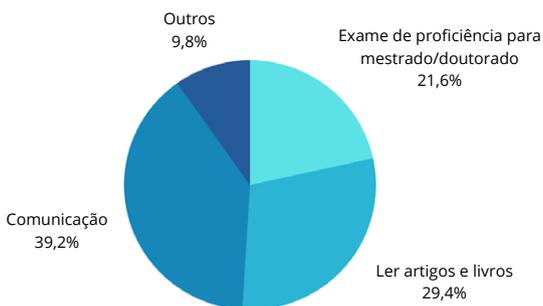
Com as ações desenvolvidas buscou-se evidenciar a articulação entre a extensão através do diálogo com a comunidade e a participação de atores externos a universidade; a pesquisa por possibilitar apreensão e investigação das abordagens teóricas afrocentradas; e o ensino através de todo o processo de construção da prática pedagógica com o protagonismo dos aprendizes da UFPE e, também, de outras instituições, na equipe de coordenação: planejando, avaliando, lecionando e produzindo textos.

## **DIAGNOSE DE ENTRADA DOS(AS) PARTICIPANTES: MOTIVAÇÕES E CONHECIMENTOS PRÉVIOS PARA SULEAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Fazendo jus a perspectiva construtivista da pedagogia, que defende a importância dos conhecimentos prévios para que ocorra a produção dos novos conhecimentos e para entendermos o perfil de entrada dos inscritos, elaboramos um questionário estruturado,

a partir do google formulários contendo 12 perguntas, esta ficha de diagnose foi aplicada no ato da inscrição, ao todo 51 pessoas responderam. O primeiro bloco de perguntas tentou dar conta de aspectos identitários dos inscritos abrangendo informações sobre a vida acadêmica, profissional e seu envolvimento com ações e projetos sociais. Os dados revelaram um grupo bastante heterogêneo e rico em experiências. Levantar informações sobre as identidades e experiências dos participantes, ainda mais sendo eles jovens e adultos inseridos no mundo do trabalho e na dinâmica social de maneira autônoma, permite ao docente, instrutora do projeto, maior segurança na escolha dos textos, dos materiais pedagógicos e atividades, buscando uma maior aproximação e envolvimento com o universo cultural deles.

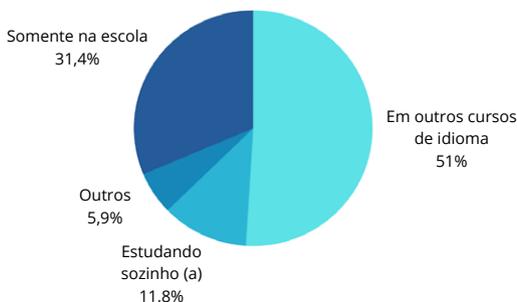
O segundo bloco de perguntas tentou dá conta das expectativas e experiências dos respondentes com o idioma, sendo composto pelas seguintes questões: Por que quer aprender inglês? Qual a sua experiência com o idioma? Qual seu nível de habilidade na escrita em inglês? Qual seu nível de habilidade na leitura em inglês? Qual seu nível de habilidade na fala em inglês? Qual seu nível de habilidade de ouvir inglês? Tomamos estas questões como objeto de análise pois, acreditamos que são fundamentais para produzirmos alguns entendimentos e percepções sobre o público-alvo, aferindo o nível de habilidade dos discentes, na escrita, na fala, na leitura e no ouvir a língua inglesa. Vejamos as respostas dos inscritos no projeto:



**GRÁFICO 1:** Por que quer aprender inglês?

**FONTE:** Elaborado pelo/as autor/as (2021).

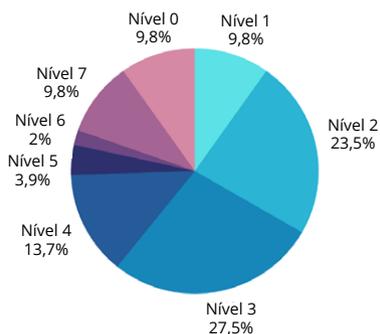
O primeiro gráfico nos aponta algumas motivações que despertaram nos discentes do Projeto Inglês Afrocentrado o desejo pela aprendizagem da língua inglesa, assim distribuídos: vinte pessoas, 39,2% disseram que desejavam aprender inglês para fins de comunicação. Outras quinze pessoas, 29,4% nos informaram da importância desse conhecimento para a leitura de livros e artigos, de forma que os permitisse explorar outras bibliografias, que porventura não estão disponíveis na língua portuguesa. 21,6% dos entrevistados, ou seja, onze pessoas nos comunicaram da necessidade da aprendizagem da língua inglesa para a realização do exame de proficiência para mestrado/doutorado. Por último e não menos importante 9,8% dos interrogados, cinco pessoas alegaram ter outras motivações para estudar a língua inglesa.



**GRÁFICO 2:** Qual a sua experiência com o idioma?  
**FONTE:** Elaborado pelo(as) autor(as) (2021).

Neste segundo gráfico, consolidamos as respostas dos discentes sobre sua experiência com idioma (inglês), obtivemos o seguinte resultado: 51% dos(as) entrevistados(as), vinte e seis pessoas nos informaram que tiveram contato com a língua inglesa em cursos que frequentaram. Dezesesseis sujeitos(as), 31,4% dos(as) respondentes, comunicaram-nos que só tiveram contato com o idioma durante a vivência na escola. 11,8% do universo dos(as) pesquisados(as), seis pessoas, externaram que estudam o idioma sozinhos(as). Enquanto 5,9%, três indivíduos, expuseram outras experiências com o idioma. Os resultados revelam a importância da experiência escolar que aparentemente abre as portas para um conhecimento inicial que

tenta ser complementado com o ingresso nos cursos de inglês. Um aspecto que não foi contemplado neste momento, mas que emerge nas respostas dos(as) participantes é como foi a experiência deles(as) nestes outros cursos? O que os fizeram continuar ou abandonar estas formações?



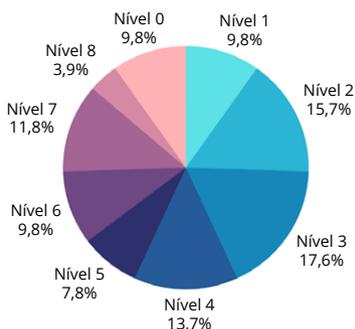
**GRÁFICO 3:** Qual seu nível de habilidade na escrita em inglês?

**FONTE:** Elaborado pelo(as) autor(as) (2021).

Acerca do nível, elencamos a possibilidade de marcação dentro de uma escala de zero a dez (0 a 10) para cada questão. Perguntas desta natureza dependem da capacidade de autoavaliação e auto-percepção que os(as) respondentes têm a respeito de si mesmos(as) e de suas experiências, não sendo aplicada uma verificação através de exame escrito ou oral.

Vejamos as respostas sobre o nível dos(as) participantes com a escrita da língua inglesa: cinco pessoas – 9,8% informaram estar no nível 0; outras cinco pessoas – 9,8% afirmaram estar no nível 1; doze dos(as) entrevistados(as) – 23,5% no nível 2; cerca de catorze pessoas – 27,5% estão no nível 3 (três) da escrita; sete pessoas – 13,7% estão no nível 4 de habilidade; outros dois indivíduos – 3,9%, disseram estar no nível 5; no nível 6 de habilidade da escrita apenas uma das pessoas – 2%; e cinco sujeitos(as) da pesquisa – 9,8%, sinalizaram estar no nível 7 da escrita. Os dados revelam uma maior concentração de pessoas entre os níveis 0 a 4 da escrita no idioma inglês, demonstrando uma grande lacuna neste aspecto de conhecimento

do idioma. Nenhum(as) dos(as) respondentes galgaram os níveis mais elevados dentro deste aspecto.



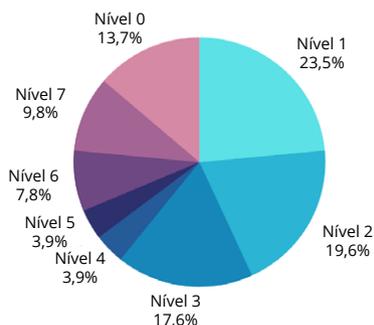
**GRÁFICO 4:** Qual seu nível de habilidade na leitura em inglês?

**FONTE:** Elaborado pelo(as) autor(as) (2021).

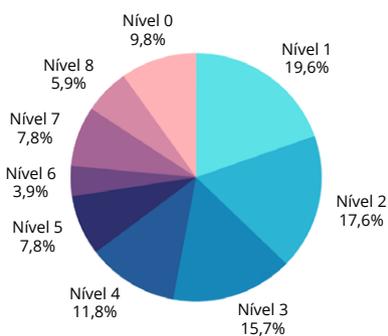
O Gráfico acima apresenta o nível (0 a 10) dos(as) entrevistados(as) com relação à habilidade de leitura em inglês. As informações supracitadas nos permitem o seguinte entendimento: cinco pessoas – 9,8% afirmam estar no nível 0 da leitura; outros(as) cinco sujeitos(as) – 9,8% informaram estar no nível 1; oito pessoas – 15,7% afirmaram estar no nível 2; nove participantes – 17,6% informaram estar no nível 3; quatro indivíduos – 7,8% apontaram estar no nível 5; mais cinco pessoas – 9,8% comunicaram estar no nível 6; seis dos(as) entrevistados(as) – 9,8% informaram estar no nível 7; e, por fim, duas pessoas – 3,9% avaliaram estar no nível 8. Com estes dados mais uma vez identificamos que a grande maioria dos(as) entrevistados(as) se encontram entre os níveis iniciais, no intervalo entre 01 e 05, na habilidade de leitura, com um leve aumento entre os níveis 07 e 08 com a presença de oito pessoas nesta condição.

Em se tratando do nível (0 à 10) de habilidade na fala dos(as) entrevistados(as), os resultados nos dão as seguintes informações: sete sujeitos(as) – 13,7% informaram estar no nível 0; doze pessoas – 23,5% assinalaram o nível 1 de habilidade na fala; temos outros dez participantes – 19,6% assinalaram o nível 2; enquanto que 9 indivíduos – 17,3% no nível 3; apenas dois sujeitos – 3,9% apontaram estar no nível 4; duas pessoas – 3,9% informaram estar no nível 5; quatro entrevistados(as) – 7,8% afirmaram estar no nível 6; enquanto que

cinco indivíduos – 9,8% afirmaram estar no nível 7. Os dados revelam que, quanto à fala do idioma inglês, 50% dos(as) respondentes se localizam entre os níveis 0 a 2, demonstrando uma enorme concentração de baixa habilidade quanto a este aspecto de aprendizado do idioma.



**GRÁFICO 5:** Qual seu nível de habilidade na fala em inglês?  
**FONTE:** Elaborado pelo(as) autor(as) (2021).



**GRÁFICO 6:** Qual seu nível de habilidade de ouvir inglês?  
**FONTE:** Elaborado pelo(as) autor(as) (2021).

Os(as) participantes entrevistados(as) também foram questionados acerca do nível de habilidade de ouvir inglês, nesse sentido o gráfico acima nos dá os seguintes apontamentos: cinco pessoas – 9,8%

assinalaram o nível 0; outros dez sujeitos – 19,6% afirmam estar no nível 1; nove pessoas – 17,6% informaram estar no nível 2; outros oito indivíduos – 15,7% informaram estar no nível 3; enquanto seis pessoas – 11,8% assinalaram o nível 4; temos quatro respondentes – 7,8% que afirmaram estar no nível 5; enquanto apenas duas pessoas – 3,9% dos(as) participantes assinalaram o nível 6; temos quatro pessoas no nível 7; e, por fim, três pessoas – 5,9% figuraram no nível 8.

Com a diagnose de entrada, verificamos que mais da metade dos(as) participantes do Projeto Inglês Afrocentrado não possuíam habilidade de ouvir, falar, ler e escrever em inglês, apesar destas mesmas pessoas já terem tido contato com outros cursos do idioma. Também observamos que o objetivo da maioria dos(as) participantes é ler na língua inglesa, tanto para se comunicar com novas fontes quanto para prova de proficiência para exames de Mestrado e/ou Doutorado. Com o objetivo de dar conta das especificidades que cada indivíduo apresentou durante a entrevista, elaboraram-se planos de aula e intervenções didático-pedagógicas que sulcaram as práticas educativas que foram desenvolvidas ao longo do curso, ou seja, essas informações nos guiaram quanto ao planejamento e estrutura dos materiais utilizados com o objetivo de promover uma melhor interação e envolvimento com o idioma.

## **PERFIL DE SAÍDA DOS(AS) DISCENTES: SUPERANDO OS DESAFIOS PARA AVANÇAR NO CONHECIMENTO DO IDIOMA**

Após um processo de formação com encontros periódicos, que tiveram a duração de sete meses, chegamos à etapa de verificação do desenvolvimento dos(as) discentes. Para tanto elaboramos uma ficha de avaliação de saída, a qual 07 (sete) participantes responderam. Para subsidiar nossas reflexões neste texto tomamos como referência cinco das nove perguntas elaboradas e exemplificamos a partir dos depoimentos de dois informantes que aqui são identificados como participante A (PA) e participante B (PB).

No que se refere à primeira pergunta: como você avalia a sua capacidade de leitura após ter participado do projeto? As respostas dos participantes mostram um avanço na habilidade de leitura e que o Projeto Inglês Afrocentrado contribuiu para o desenvolvimento no idioma, como é possível verificar a seguir: “A minha capacidade

foi ampliada, hoje consigo fazer melhores leituras com as estratégias vivenciadas no curso. O trabalho coletivo de traduzir um texto também foi bem legal” (PA, 2020); um outro participante destaca: “Considero que estou no nível de compreensão. Não conheço todas as palavras, entretanto consigo entender a ideia central na maioria dos textos e ouvidas em inglês” (PB, 2020).

As respostas demonstram que o bloqueio e as dificuldades com o idioma foram superados, possibilitando que os(as) discentes consigam entender melhor textos em inglês e se desenvolvam ainda mais no idioma.

Nesta segunda pergunta indagamos aos(às) aprendizes sobre “como é a sua relação com o idioma após a participação no projeto?”. As respostas da maioria indicam que a relação dos(as) participantes com a língua inglesa melhorou após a participação no Projeto Inglês Afrocentrado, como demonstramos a seguir: “Perdi o medo. Agora tenho tranquilidade em olhar para um texto completamente em inglês e não me desesperar” (PA, 2020). E “Sinto-me curioso até demais. Se eu não compreender de primeira corro para o dicionário. Estou mais próximo da língua inglesa e percebi como eu tinha fobia dela até entrar no projeto.” (PB, 2020).

Esses depoimentos apontam que antes de participarem do projeto os(as) discentes associavam o idioma inglês com o sentimento de medo, o que foi superado após o contato com nosso material, lições e metodologia. Com a terceira pergunta tivemos como objetivo receber *feedback* sobre o material utilizado durante as lições, indagando: “como você avalia o material que utilizamos?”. As respostas dos(as) aprendizes demonstram um alto nível de satisfação com o material utilizado e indicam a importância de acessar textos que em sua maioria não estão traduzidos para o português, como é possível notar nas falas a seguir: “Riquíssimo! Uma raridade para os estudos negros. Muitos, ou a maioria, não tem tradução para o português.” (PA, 2020). E ainda: “O material também foi bem direcionado e objetivo; fazendo com que não perdêssemos o foco do que era importante.” (PB, 2020). Estas respostas indicam a importância da identificação dos(as) discentes com os textos utilizados como sendo um dos aspectos que contribuem para a motivação e para a manutenção do foco.

A última pergunta que aqui apresentamos indagou os(as) aprendizes a respeito do conhecimento que possuíam sobre os autores utilizados em sala: “você conhecia os autores que estudamos? Como foi ter contato com os conteúdos Afrocentrados?”. As respostas

apontam para a importância de se estudar com referenciais negros, que além de proporcionarem perspectivas diferentes das eurocêntricas também contribuíram para o envolvimento dos(as) discentes com o idioma.

Um dos aprendizes nos informou quanto aos autores trabalhados: “Sim. Conhecia a fundo um eu não conhecia os demais por estarem em inglês. O projeto além de ensinar inglês me deu oportunidade de conhecer muitos autores e autoras afrocentradas, bem como suas ideias” (PB, 2020).

Esses comentários expressam a necessidade de ressignificar o estudo do Inglês, e passarmos a associá-lo também como forma de comunicação e conhecimento de ideias e conceitos de pessoas negras em África e Diáspora. Após analisar a diagnose de saída concluímos que os encontros do Projeto Inglês Afrocentrado contribuíram para o desenvolvimento no idioma inglês e para o conhecimento da vida e obra de intelectuais negros e negros pelos(as) seus(suas) participantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inglês, para além de contribuir com o acesso a fontes bibliográficas para o desenvolvimento acadêmico e científico, possibilita outras projeções universitárias e profissionais, proporcionando um aumento de oportunidades para o indivíduo. O domínio de uma outra língua é de interesse e necessidade da sociedade, principalmente, por questões de desenvolvimento econômico e profissional dos(as) sujeitos(as) nela inseridos. No entanto, as profundas desigualdades, no que se refere ao acesso à Educação, dificultam a inserção de pessoas de baixa renda no processo de globalização que estamos inseridos(as) atualmente, destacando a língua inglesa que possui uma posição privilegiada.

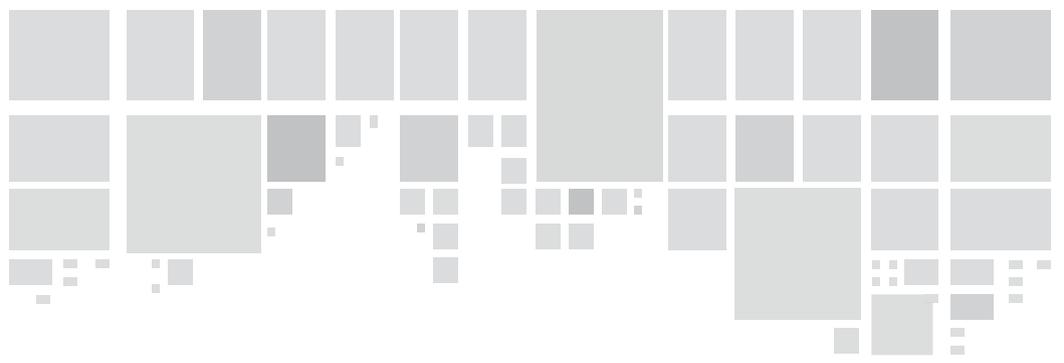
Diante disso, o projeto inglês afrocentrado desenvolveu a leitura, interpretação e tradução de textos na língua inglesa que apresentavam a Afrocentricidade enquanto abordagem epistemológica para os estudos da temática étnico-racial. A partir da fala dos(as) discentes se compreende que este contribuiu para superação das dificuldades com o idioma inglês e ajudou na construção de conhecimentos e produções textuais com abordagem afrocentrada.

Assim sendo, conseguimos observar a importância da atividade de extensão para colaborar com uma atmosfera científica e política, contribuindo para uma formação acadêmica que tem por base a afroperspectividade, difundindo e sistematizando conhecimentos na Língua Inglesa de maneira afrocêntrica e interdisciplinar, promovendo assim a interação transformadora entre Universidade e Sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Tradução de Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei no 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira'.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº3/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial da União. Brasília, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo: IPF, 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação)
- NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Afroperspectividade no ensino de filosofia**: possibilidades da lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3wjtjRB>. Acesso em: 28 fev. 2021.

- ORTIZ, Renato. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RECIFE, UFPE. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução N° 9/2017, de 13 de julho de 2017**. Regulamenta a inserção e o registro da Ação Curricular de Extensão (ACEx) como carga horária nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação da UFPE.
- RECIFE, UFPE. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (CCEPE). **Resolução N° 7/2018, de 24 de setembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para as Reformas Curriculares dos Cursos de Licenciatura da UFPE e dá outras providências.
- REIS, Maria da Conceição; LIMA, Cledson Severino; NASCIMENTO, Emerson Raimundo. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 31, p.119-135, mai./out. 2019



## MEMÓRIA E PRESENÇA VIVA DE AUTORIAS NEGRAS

Contribuições para a EREER e para centralização  
do povo negro

Elizama Pereira Messias  
Cláudia Vicente da Silva  
Suzana Kalline Santos de Souza

### INTRODUÇÃO

As autorias negras se manifestam nos mais variados âmbitos da ciência, das artes em geral, nos saberes e fazeres dos povos tradicionais, nas práticas religiosas, na tradição oral e em tantas outras formas de produzir e divulgar conhecimentos. No que se refere à produção do conhecimento acadêmico, não é de hoje que temos uma intensa produção de livros, teses, teorias diversas, descobertas e experimentos exitosos desenvolvidos por pesquisadoras(os, es) negras(os, es). A partir da vivência acadêmica no âmbito da UFPE e em pesquisas exploratórias nas bases de dados desta mesma instituição é possível constatar a ausência das autorias negras nas bibliografias de disciplinas da Graduação e Pós-Graduações, nas indicações bibliográficas de seleções para Mestrado e Doutorado, no sistema de busca das bibliotecas, entre outros, o que nos leva a refletir sobre os impactos do racismo na difusão e recepção dos conhecimentos produzidos pelas(os, es) pesquisadoras(os, es) e pesquisadores negros(os,es).

Neste texto temos como objetivo relatar a experiência pedagógica desenvolvida pelo projeto de extensão “Memórias e Presença Viva de Autorias Negras”, realizado pelo LABERER desde 2019, em parceria com a Biblioteca Setorial do Centro de Educação. O projeto integra

o Programa LABERER e foi contemplado com o edital de Pesquisa e Criação Artística da ProexC/UFPE em dezembro de 2019. Diante do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, este foi adaptado para realização em formato virtual. Assim, nosso foco são as ações realizadas de julho a dezembro de 2020 de forma remota.

O LABERER – Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais atua, desde 2018, desenvolvendo ações de pesquisa, ensino e extensão a partir da temática das relações étnico-raciais no Brasil, atuando tanto em ações voltadas para o ensino superior como na sociedade, em especial na Educação Básica. Contando atualmente com 29 membros da comunidade interna e externa da UFPE (professores(as), técnicos(as), estudantes da graduação, estudantes da pós-graduação em Educação, militantes e ativistas do Movimento Negro de Pernambuco), que compõem a equipe de execução do programa.

O Projeto “Memória e Presença Viva de Autorias Negras” tem como objetivo incentivar o estudo e reflexão sobre a vida e obra dos(as) autores(as) retratados(as) na coleção de telas “Autoria Negra na Construção do Conhecimento”, destacando suas contribuições para a educação das relações étnico-raciais.

Durante o isolamento social a comissão executora do projeto desenvolveu uma série de ações em formato virtual. Como fonte de informações para a construção deste texto lançamos mão da versão escrita do projeto e do material produzido e divulgado nas redes sociais do LABERER, assim como de nossas reflexões construídas enquanto componentes da comissão executora do projeto.

Este texto é composto por duas seções, sendo a primeira esta introdução onde o leitor pode obter informações sobre o contexto mais amplo de realização do projeto, já na segunda seção discorreremos sobre diálogos possíveis, através das ações do projeto e as reflexões sobre o racismo no Brasil, as autorias negras e a teoria da Afrocentricidade, tentando apontar como as ações do projeto puderam contribuir para a educação das relações étnico-raciais e para a centralização do povo negro. Finalmente fechamos o texto com algumas reflexões e considerações.

## **MEMÓRIA E PRESENÇA VIVA DE AUTORIAS NEGRAS, DIÁLOGOS POSSÍVEIS E REFLEXÕES SOBRE SUAS AÇÕES EM AMBIENTE VIRTUAL**

O projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras tem sua origem com o processo de estudos e pesquisas da primeira turma da

disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE no primeiro semestre de 2019, tendo como docente a professora Dra. Maria da Conceição dos Reis. A disciplina visava a promoção do debate sobre Educação e Raça, na ocasião constatou-se a ausência de autorias negras nas bibliografias das disciplinas ofertadas pelo programa.

Os estudantes escolheram 20 autores(as) com relevante contribuição no âmbito da academia, elaboraram resumos biográficos e convidaram um artista local para pintar retratos figurativos destes(as), gerando uma coleção de 20 telas que foram doadas à Biblioteca Setorial do Centro de Educação, ocasionando, ainda em 2019, a realização de exposições e intervenções educativas, tanto nesta biblioteca como em outras instituições da sociedade, a exemplo do IFPE – campus Recife e do Instituto Pró-Criança.

O contexto do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 impôs a todas as pessoas processos de reflexões, sofrimentos, angústias e adaptação a outras formas de desenvolverem suas atividades cotidianas. Como ainda estamos vivenciando esta crise sanitária global é difícil dimensionar de forma completa seus impactos nas subjetividades dos indivíduos, no entanto, no que se refere aos aspectos econômicos e sociais a crise escancarou de forma bastante dramática as disparidades sociais no que diz respeito ao acesso à saúde, ao saneamento básico, à educação, às tecnologias e à renda.

Neste contexto, sem a previsão do término da crise e diante da necessidade de dar prosseguimento às atividades, o Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras foi adaptado para realização em ambiente virtual através das seguintes atividades: inserção das telas no *site* do LABERER, dando origem a exposição virtual que está em processo permanente de construção e reconstrução, a pintura de novas telas, introduzindo sete novas autorias na exposição.

São elas: Inaldete Pinheiro, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmino dos Reis, Henrique Cunha Júnior, Amílcar Cabral, Léopold Sédar Senghor e Ana Célia da Silva. Também ocorreu a realização de 07 (sete) *lives* na rede social *Instagram*; 09 (nove) encontros de leituras e debates realizados em sala virtual do *Google Meet*; a realização de 02 (duas) oficinas e 02 (dois) minicursos que tiveram como objetivo instrumentalizar os(as) integrantes do LABERER e seus(suas) parceiros(as) para atuar de maneira mais qualificada nos ambientes virtuais. Nesta seção analisaremos de maneira exploratória estas atividades que foram ofertadas virtualmente pelo projeto.

As autorias negras contempladas nas ações desenvolvidas foram os pensadores e pensadoras da coleção de quadros “Autoria Negra na Construção do Conhecimento” e, também, as(os) colaboradoras(es) do projeto que gentilmente participaram das atividades promovidas através da mediação, das formações, das *lives* e dos estudos realizados.

O projeto estabelece um diálogo importante com a teoria da Afrocentricidade, esta, como um de seus núcleos centrais, propõe buscar, entre outras coisas, uma interpretação do mundo e dos acontecimentos a partir de uma perspectiva africana. Sendo, sobretudo, ao povo africano do continente e/ou da diáspora, propondo assim uma reorientação psicológica, econômica, histórica e social a partir de um sistema de valoração, orientação e centralidade. Esta ideia teórica foi sistematizada por Molefi Kete Asante, na década de 1980, o que o fez ser considerado pai da Afrocentricidade. No entanto, a utilização deste termo é anterior, e data de 1961, quando Kwame Nkrumah, então presidente de Gana, propôs a criação de uma Enciclopédia Afrocêntrica.

Estudiosos(as) como Maulana Karenga, Linda James Myers e Ama Mazama, por exemplo, ajudaram a difundir e consolidar a teoria da Afrocentricidade no campo teórico. Inclusive, é a partir do livro *O Paradigma Afrocêntrico* (2009) de Ama Mazama que a Afrocentricidade ganha corpo e se materializa no campo dos estudos sobre Africanidades. A teoria está dividida em cinco categorias, são elas: Centralidade, Marginalidade, Localização, Agência e Conscientização. Esta categorização permite, segundo Asante (2009), efetuar uma “proposta epistemológica do lugar”.

O lugar que foi negado na história aos(às) africanos(as) não é apenas físico, podemos dizer que foi também mental, psicológico, cultural, epistêmico, etc. No geral, o povo negro não sabe quem foi, não sabe de sua história, de sua tradição, e o pouco conhecimento em algumas áreas como na música e na religiosidade o faz achar que se conhece, mas a verdade é que sabem pouco de si.

Sabem pouco da importância do seu povo no processo de construção das sociedades antigas, sobre seu legado para a Filosofia, a Medicina, a Arquitetura, entre outras. A Afrocentricidade fala sobre a precisão da história considerar veemente o surgimento da civilização humana tendo o continente africano como lugar de origem.

É possível identificar uma correlação entre os pressupostos apresentados pela teoria da Afrocentricidade e a implementação da lei 10.639/03, na medida em que esta última altera a lei de diretrizes e

bases da educação (LDBEN 9.394/96) e institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

Conhecer a história do povo negro e situar as tensas relações produzidas pelo racismo ao longo da história é um passo fundamental para o fortalecimento das identidades negras, para o desenvolvimento de ações que promovam a mudança social e que contribuam para a centralização do povo negro.

### **CURSOS E OFICINAS: CONTRIBUIÇÕES PARA ATUAÇÃO NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DA VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS**

Para comunicar conceitos, histórias e concepções em ambiente virtual é necessário se apropriar de uma linguagem que tem suas especificidades e que está em constante renovação. Assim, não basta deter o saber, é preciso comunicá-lo de forma eficiente, atentando para as diferentes estratégias e técnicas empregadas atualmente nas redes sociais.

Com o objetivo de instrumentalizar os(as) seus(suas) componentes e parceiros(as), o LABERER promoveu, no segundo semestre de 2020, quatro atividades formativas que foram facilitadas por duas mulheres negras, que além de possuírem *expertise* em suas respectivas áreas, sendo uma do campo da comunicação e outra atuante no campo dos museus, e que também pesquisam sobre relações étnico-raciais, isto possibilitou ter um olhar diferenciado para os conteúdos e as metodologias, lançando mão de exemplos e conceitos que valorizam as memórias e identidades de negras e negros.

Uma primeira atividade formativa que contou com a participação de aproximadamente 16 pessoas, dentre membros do LABERER e alguns(as) parceiros(as), foi o minicurso “Exposições Virtuais: Caminhos e Possibilidades”. Nesta formação foram introduzidos alguns conceitos do campo das exposições e da museologia com o intuito de compreender o conceito de exposições virtuais, proporcionando reflexões acerca das narrativas sobre o povo negro comumente presente nas exposições sejam elas físicas ou virtuais.

Na sequência ocorreu a oficina “Produção De Materiais Gráficos e Redes Sociais” que teve como intencionalidade ajudar os membros do LABERER a promoverem conteúdos e estratégias de comunicação para o *site* e para a exposição virtual “Autoria Negra na Construção

do Conhecimento”. As duas atividades foram facilitadas por Vanessa Marinho, historiadora, que atua no campo dos museus e da pesquisa sobre o patrimônio cultural e as relações étnico-raciais.

Ambas tiveram como finalidade a melhoria da qualidade das intervenções da equipe nos ambientes virtuais contribuindo para construir a identidade visual do projeto, para a estruturação do *site* e para a produção de conteúdo. Como exemplo temos a identidade visual do projeto, que pode ser constatada no *site* do LABERER, que foi elaborada por integrantes da comissão de comunicação de forma compartilhada com seus pares a partir de algumas reflexões realizadas durante as formações.

Elementos como formas, cores, texturas, conteúdos e interatividade são pensados tendo como princípios para a valorização das memórias e de elementos estéticos que identificam a população negra de maneira a valorizar seus traços, sua corporeidade, sua arte e suas formas de expressão.

Dando sequência às ações formativas tivemos a oficina “Edição de Vídeos Filmora”, que teve como foco “ajudar os participantes a promoverem atividades relacionadas a utilização de aplicativos e softwares de edições”. A atividade contou com a participação de 12 pessoas e contribuiu para introduzir a técnica da edição de vídeos curtos, alguns(as) integrantes do laboratório passaram a agregar este conhecimento nas suas intervenções.

O minicurso “Elaboração de Artigos Jornalísticos e Nivelamento Textual” foi a última atividade formativa do ano de 2020 e contou com a participação de aproximadamente 45 pessoas dentre membros do LABERER e agentes externos, e teve como objetivo “disseminar o método jornalístico de escrita com o propósito de nivelar textualmente todos os interessados em escrita de redações dissertativas argumentativas”.

Estas duas atividades foram ministradas por Tulane Sousa, que é Jornalista, Doutoranda em Educação/UFPE, realizando pesquisa no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais, ela também é integrante do LABERER.

Sendo os vídeos curtos e a linguagem jornalística bastante utilizadas nas diversas formas de comunicação em ambientes virtuais, com a realização destas duas ações formativas foi possível instrumentalizar os(as) participantes para a escrita de textos e edição de vídeos curtos tendo como contexto da produção as relações étnico-raciais no Brasil.

Todas as ações formativas ofertadas aliaram conteúdos práticos, o saber fazer, a conceitos de cada campo específico, a saber:

exposições virtuais, intervenções em redes sociais, edição de vídeos curtos e produção de textos jornalísticos, em articulação com conceitos do campo da Educação das Relações Étnico-Raciais.

Também se buscou fomentar o fortalecimento das identidades negras, a visibilidade dos(as) sujeitos(as) negros(as) como produtores(as) do conhecimento e o desvelamento do racismo em suas múltiplas formas de expressão, contribuindo para centralizar nossas histórias, memórias, identidades e formas de agir no mundo através de conteúdos comunicacionais que valorizam as autorias negras promovendo a circulação de elementos visuais que positivam nossas memórias e identidades, assim como transmitem informações relevantes.

### **CICLOS DE LEITURAS E DEBATES: CONECTANDO O PÚBLICO COM A VIDA E OBRA DE AUTORIAS NEGRAS**

Uma coleção de 26 telas com pinturas figurativas de autorias negras de diferentes localidades do mundo. Pintadas a partir da técnica de óleo sobre tela pelo artista Fernando Nascimento, natural do município de Vitória de Santo Antão no estado de Pernambuco. Somadas a 26 resumos biográficos sobre estas autorias. Este é o acervo que compõe a exposição “Autorias Negras na Construção do Conhecimento”<sup>1</sup>.

Os resumos foram produzidos por estudantes e pesquisadores(as) vinculados(as) ao LABERER e a outros grupos de pesquisa. Este acervo foi doado à Biblioteca Setorial do Centro de Educação, estando disponível para empréstimos da coleção completa para outras instituições e para a realização de exposições nos diversos *campi* da UFPE.

As autorias, mulheres negras e homens negros, produziram conhecimento de grande relevância para a desconstrução do racismo em suas múltiplas dimensões com ênfase na Educação. A maioria destes(as) autores(as), porém, não são indicados(as) nas bibliografias das disciplinas da Pós-Graduação em educação, só para dar um exemplo. Também é possível que não encontremos referências de grande parte deles no sistema de busca de nossas bibliotecas.

Dar visibilidade e divulgar as obras destas e outras autorias negras em sua relação com a Educação das Relações Étnico-Raciais tem sido uma das tarefas do projeto Memória e Presença Viva de

1 Acesse a exposição virtual no link: <https://bit.ly/3bBkDOE>

Autorias Negras. Uma das estratégias utilizadas para isto foi a realização da programação virtual denominada “Ciclos de leituras e debates de autorias negras”. Os estudos e debates funcionaram através da indicação de uma autoria por mês, com a realização de dois encontros com periodicidade quinzenal para ler e debater textos escolhidos com a mediação de pesquisadoras(es) convidados(as).

Antes de cada encontro os textos eram disponibilizados ao público a fim de embasar o debate. No segundo semestre de 2020 tivemos as seguintes autorias: Mês de agosto – Inaldete Pinheiro – Mediação de Odailta Alves; setembro – Lélia Gonzalez com mediação de Rejane Pereira e Graça Elenice Braga; outubro – Clóvis Moura com mediação de Carlos Silvan; novembro – Henrique Cunha Júnior com mediação dele mesmo, de Euclides Costa e Cícera Nunes; dezembro – Audre Lorde com mediação de Denise Botelho. Todos os encontros foram gravados e estão disponíveis no banco de dados do LABERER, os textos também estão arquivados em nuvens e acessíveis através de links<sup>2</sup>.

Muitos são os aprendizados e reflexões decorrentes deste processo que contou com a participação de, em média, 70 pessoas, além dos(as) mediadores(as) dos debates. De maneira geral é possível dizer que o estudo da vida e obra de cada uma destas autorias abre um leque de possibilidades em temas e debates que tangenciam múltiplos aspectos, tais como saúde da população negra, literatura escrita por mulheres negras, política, relações de gênero, linguagem, desigualdades raciais, educação, história do povo negro, arquitetura, etc.

Esta iniciativa também pode servir como fonte de inspiração e referência para processos criativos no campo da literatura, das artes visuais, música, dança dentre outras. A incursão sobre textos, livros, biografias, vídeos, poemas, crônicas das autorias estudadas, articulam teoria e prática e põem no centro do debate memórias, trajetórias e histórias geralmente silenciadas na academia.

Isto tem uma importância simbólica e epistemológica na vida de estudantes negros(as, es) que nem sempre são dimensionadas, contribuindo para o reconhecimento de nosso lugar na história frente a outros povos e nações e promovendo uma educação antirracista e promotora da equidade étnico-racial.

O Brasil foi o último país do ocidente a abolir a escravatura e no princípio do pós-abolição não houve políticas de inserção desses

2 Para acessar toda a programação do projeto e os links dos eventos promovidos e textos disponibilizados acessar: @labererufpe e o canal LABERER/UFPE no Youtube.

indivíduos na sociedade. Consideraremos aqui que esse processo se materializou fundamentalmente justificado numa ideologia de superioridade entre as raças de viés sistemático e opressor, o qual embasou o sequestro de milhões de pessoas, desumanizou e objetificou, reduzindo-as a objetos mercantis, e que alicerça a construção e desenvolvimento social e econômico da sociedade brasileira, reconhecendo e evidenciando, portanto, seu caráter estrutural.

No pós-abolição o racismo segue com novas roupagens, contudo, assume o mesmo papel no que toca ao aprofundamento das desigualdades e discriminações vivenciadas pela população negra em múltiplas dimensões.

Como resultado, no Brasil, cotidianamente, a população negra convive com o desprazer de se enxergar hegemonicamente compondo as estatísticas de violências, discriminação, ocupando os postos de trabalho subalternizados, sejam formais ou informais, na linha de frente na retirada de direitos, sendo impedidos de professar sua cultura religiosa, e, sobretudo, tendo que lidar com outras estruturas opressoras que também determinam suas condições de vida como questões de classe, e, no caso das mulheres negras, o enfrentamento ao machismo.

É válido salientar ainda que, segundo o Professor José Jorge de Carvalho (2003), um dos pioneiros na abordagem da sub-representação da população negra na Pós-Graduação, é necessário evidenciar que esta defasagem vai além dos(as) discentes e se estende aos(às) docentes negros(as, es) (na Pós-Graduação) e que não há razão para colocar os processos seletivos enquanto imunes às críticas nem mesmo resumi-los à meritocracia.

A ausência de professores negros faz incidir sobre os alunos negros, pobres e ainda sobre onerados financeiramente, uma tripla discriminação: a injustiça simbólica de carecer de figuras modelares de identificação que os ajudem a construir uma auto-imagem positiva e suficientemente forte para resistir aos embates do meio acadêmico racista em que têm que se mover. (CARVALHO, 2003, p. 306-307)

A afirmação do discurso meritocrático nos processos de ingresso tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação é, portanto, a manutenção dessa lógica, visto que conseqüentemente ocasiona a impossibilidade da criação de perspectivas no que toca à carreira acadêmica e ocupação de espaços de poder por discentes pertencentes à população negra, além de contribuir com ciclo de produção e

reprodução de conhecimentos tidos como hegemônicos, os quais, em sua materialidade, impossibilitam e invisibilizam ainda a projeção de novas narrativas.

Já é hora, portanto, de perguntar: por que, após tanto tempo, temos universidades ainda tão brancas? Isto não é resultado de uma prática racista que está na sociedade apenas: resulta de um esforço sistemático (mesmo que quase nunca verbalizado) feito pelos próprios acadêmicos. (CARVALHO, 2003, p. 304)

Em reflexão sobre o silêncio acerca do racismo, colocado por ele como “acadêmico”, Carvalho (2003) afirma que esse processo se deve à ignorância e à desinformação que são resultantes de um processo eficiente de mecanismos de disfarce acionados no interior da academia branca.

### **LIVES NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*: CONECTANDO O PÚBLICO COM AS AUTORIAS NEGRAS E COM A REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO E O ENSINO DA ARTE**

Sendo o *Instagram* uma das redes sociais mais utilizadas nos últimos tempos, sobretudo pelo público mais jovem, foi ela a rede social escolhida para a realização de *Lives* quinzenalmente. No quadro a seguir é possível encontrar alguns exemplos da programação:

**QUADRO 1:** *Lives* do Projeto: Memória e Presença Viva de Autorias Negras

| <b>Tema/data da Live</b>                                                                    | <b>Síntese da Divulgação</b>                                                                                                                                                     | <b>Mediadoras(es)</b>                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Vida e obra de Inaldete Pinheiro, escritora e ativista do Movimento Negro/PE.<br>01/08/2020 | A ciência, as universidades e as escolas desconhecem e, em muitos casos, negam e desqualificam a produção das/os intelectuais negras e negros para a construção do conhecimento. | Inaldete Pinheiro<br>Ceça Reis                              |
| Ensino de Arte, Visualidades e Autorias Negras<br>13/08/2020                                | A conversa vai abordar representação e representatividade de negras e negros, as visualidades, ensino de arte, autorias negras e educação das relações étnico-raciais.           | Vanessa Marinho<br>Everson<br>Melquiades<br>Elizama Messias |

| Tema/data da <i>Live</i>                                        | Síntese da Divulgação                                                                                                                                                                                                              | Mediadoras(es)                     |
|-----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| Narrativas sobre negritude nos museus brasileiros<br>29/08/2020 | Quem nunca ouviu a expressão “isto é coisa de museu”? Você já parou para pensar sobre estes locais? Qual o papel destas instituições em nossa sociedade? Como negras e negros geralmente são representados nos museus brasileiros? | Daiane Carvalho<br>Elizama Messias |
| A Atualidade do pensamento de Lélia Gonzalez<br>12/09/2020      | Uma pergunta que não quer calar: Quantos textos escritos por mulheres negras você já leu ao longo da sua vida? Então estes são alguns motivos para você participar da nossa <i>live</i> .                                          | Élida Santana<br>Elizama Messias   |

**FONTE:** Autoria própria.

Ao todo foram realizadas 07 *lives* que abordaram a vida e obra da autoria do mês chamando atenção para a programação que se iniciava, ou destacando aspectos da relação entre Arte e relações raciais no Brasil com a participação de artistas e arte-educadoras(es). Esta programação se constituiu como um espaço de encontro, de troca de saberes e de construção de conhecimentos.

Como é possível observar no quadro acima, os textos elaborados como legenda para os convites das *lives* procuraram instigar a curiosidade do público sobre o tema tratado, além de fornecer algumas informações introdutórias, colaborando com o debate e reflexão.

Um momento marcante foi a primeira *live* do mês de agosto na qual a homenageada foi Inaldete Pinheiro, escritora, pesquisadora do campo da saúde da população negra e uma das fundadoras do Movimento Negro no estado de Pernambuco. A atividade contou com a mediação da Profa. Dra. Maria da Conceição dos Reis que teve a satisfação de entrevistar a própria Inaldete Pinheiro, destacando momentos significativos da sua produção literária e da sua militância.

Em setembro foi o momento de o LABERER estreitar sua parceria com o GEPERGES/UFRPE, através da mediação da *live* sobre o pensamento de Lélia Gonzalez, que ainda contou com a participação da Mestra Élida Santana, integrante deste grupo.

Estes são alguns exemplos das *lives* que versaram sobre as autorias negras, mas além destas foi importante conversar sobre o

campo das Artes Visuais em articulação com as questões étnico-raciais, com destaque para a participação de artistas e arte-educadores(as) falando sobre seus processos criativos e pedagógicos, destacando como estes elementos refletem sua identidade étnico-racial e como colaboram para discutir a temática com o público.

Com as atividades formativas abertas ao público em geral o LABERER pôde dar a sua contribuição para a discussão da temática das relações étnico-raciais em ambiente virtual; mesmo em um contexto tão difícil marcado por inúmeros desafios e situações por vezes desoladoras, o projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras pôde proporcionar um respiro através da arte e de discussões relevantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo sido contemplado por um edital de Pesquisa e Criação Artística da Proexc/UFPE/2019, o Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras desenvolve suas atividades em formato virtual ao longo do segundo semestre de 2020, através de oficinas, minicursos, *lives* e momentos de leituras e debates sobre algumas autorias contempladas na exposição “Autoria Negra na Construção do Conhecimento”. Além destas atividades de mediação, a coleção de telas foi ampliada com mais sete pinturas elaboradas pelo artista convidado Fernando Nascimento.

As ações desenvolvidas em parceria com a Biblioteca Setorial do Centro de Educação foram planejadas e realizadas pela comissão executiva do projeto, contando para isto com momentos de estudos e planejamento. Durante sete meses foi possível ressignificar nossas práticas se adaptando ao formato virtual com o objetivo de dar continuidade às ações de promoção das autorias negras.

Neste sentido, muitos conhecimentos foram construídos; ampliamos nossas parcerias e qualificamos nossas intervenções nos ambientes virtuais. Neste percurso o subsídio proporcionado pelo edital de pesquisa e criação artística da Proexc/UFPE foi substancial para que conseguíssemos concretizar as ações e objetivos do projeto.

A despeito das dificuldades iniciais consideramos que a realização do projeto em ambiente virtual proporcionou uma ampliação do público que contou com pessoas de fora do estado de Pernambuco, tanto na condição de ouvinte como na condição de palestrante, fortalecendo parcerias e trocas de conhecimentos.

Os artefatos artísticos publicados nas redes sociais e os eventos produzidos foram fruto de um processo coletivo de construção, colocando estudantes em posição de protagonismo na mediação, elaboração, organização e escrita de textos, relatórios, releases e outros gêneros textuais. No processo de construção destes produtos havia uma preocupação com o que cada imagem iria expressar para o público, entendendo a importância destas para a valorização das identidades negras.

Com as ações realizadas foi possível contribuir para a visibilidade das autorias negras da coleção, ao mesmo tempo em que estudantes da Graduação, da Pós-Graduação, membros do LABERER e convidados(as) também desenvolviam seus processos autorais enquanto mediadores(as) de debates, facilitadores(as) de oficinas, produtores(as) de textos, fotógrafos(as), socializadores(as) de pesquisa e de experiências, produtores(as) de eventos virtuais, elaboradores(as) de cards e de artes para divulgar as ações.

Ou seja, ao trabalhar as autorias negras também constituímos nossos processos autorais e contribuímos para centralizar nossas histórias, memórias e identidades, promovendo a educação para as relações étnico-raciais.

## REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- CARVALHO, José Jorge de. **As Ações Afirmativas como resposta ao Racismo Acadêmico e seu impacto nas Ciências Sociais Brasileiras**. p. 303-340. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3owpHJm>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um paradigma. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128.



## VISIBILIDADE INTELECTUAL NEGRA NA BIBLIOTECA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFPE

Adilson dos Ramos

Amanda Carla Ganimo do Nascimento

### INTRODUÇÃO

Nosso intuito é estabelecer uma reflexão com base nas experiências resultantes da parceria entre a Biblioteca Setorial do Centro de Educação da UFPE (BIBCE/UFPE) e o Laboratório de Estudos das Relações Étnico-Raciais da UFPE (LABERER/UFPE) no ano de 2019 com o Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras.

O tema em questão é oriundo da constatação da ausência ou presença insuficiente de autorias negras no Sistema Pergamum da UFPE, mesmo sendo autorias com grande relevância para os estudos acadêmicos. O Pergamum possui cerca de 300 mil títulos e mais de 1 milhão de exemplares cadastrados, de acordo com o Sistema de Bibliotecas da UFPE (SIB/UFPE). Sobre Abdias Nascimento, por exemplo, importante ator, dramaturgo, escritor, artista plástico, poeta, professor universitário e ativista dos direitos civis da população negra, existem apenas cinco obras. Já entre as produções de Lélia Gonzalez, outra intelectual com estudos na área de política, filosofia e antropologia, nada foi encontrado. Esses números pequenos ou inexistentes se repetiram para outros(as) autores(as) considerados relevantes para a comunidade acadêmica.

Portanto, o Projeto Memória e Presença Viva de Autorias Negras surge com o objetivo de promover a visibilidade de personalidades negras no âmbito da ciência, através da itinerância de quadros, com incentivo ao estudo e à reflexão sobre as vidas e obras dos(as) autores(as) retratados(as) na coleção, com destaque para as suas contribuições para a educação das relações étnico-raciais.

Neste sentido, para o desenvolvimento desse texto começamos com uma abordagem conceitual sobre Memória Social a partir das visões de teóricos no sentido de ser a memória social um conceito em construção.

No segundo momento, abordamos a Preservação da Memória Social a partir da relação entre Memória, enquanto conhecimento móvel, traduzível e permutável; e, também, sobre o sentido da Biblioteca como lugar de memória.

Em seguida, fazemos uma reflexão sobre os enfrentamentos à invisibilidade. Recorremos a dicionários da língua portuguesa para entendermos o significado do termo “invisibilidade” e confrontamos os significados com a ideia de “invisibilidade” aplicada a grupos sociais subjugados e subalternizados. Com base na situação, analisamos a importância da inserção da BIBCE/UFPE nesse contexto.

Nas considerações finais expressamos nossas impressões sobre o que se pode realizar a partir desta pesquisa. Fazemos algumas recomendações que julgamos relevantes para o aprofundamento do tema ou para outros temas inerentes às relações étnico-raciais e bibliotecas.

## **MEMÓRIA SOCIAL EM DISCUSSÃO**

Sem um conceito único e definitivo, torna-se ampla a discussão entre os mais diversos autores que pesquisam sobre a memória social. Gondar e Dodebei (2005) são uns desses estudiosos que percebem essa diversidade conceitual quando dizem que a memória social parte da sua polissemia, da sua transversalidade ou transdisciplinaridade. Enquanto Maurice Halbwachs (2003) faz a ligação entre memória individual e coletiva, ao indicar que os indivíduos não podem guardar o passado por si só. Logo, a sua preservação se faz através do processo de geração do grupo social a que pertencem, vinculando suas memórias à tradição e à estabilidade de suas experiências. Já Le Goff (1990) diz que a memória é resultado de um sistema dinâmico

de uma organização, na qual só existirá com a sua manutenção e reconstituição.

Nem todas as memórias são visíveis, mantidas ou reconstituídas. Pollak (1989) fala sobre o silenciamento das memórias e afirma que as razões para que isso ocorra são bastante complexas. Ele traz estudos de esquecimento da memória por sentimento de culpa ou vergonha, mas, também, por questões políticas e de poder. É demonstrado pelo autor que a memória coletiva pode ser criada com base em uma ordem opressora e isso pode afetar toda a sua construção. Logo, ele aconselha que os estudos se voltem para onde haja conflito e competição entre memórias concorrentes. Com base no que foi dito por Pollak, entendemos que as memórias coletivas são diversas e o estudo sobre elas são de total importância para que sua história seja preservada.

## **PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL**

Bibliotecas são consideradas espaços importantes para a guarda dos saberes, tendo em vista que, com o seu processo de organização e dinamismo na forma de viabilizar a informação, podemos ter acesso às diversas culturas e a suas produções. Segundo Silveira (2010), a biblioteca também tem como definição ser um “lugar de memória”, que tende a reafirmar tais conhecimentos e torná-los móveis, traduzíveis e permutáveis. Rodrigues (2015, p. 243) define a biblioteca como “lugar onde a memória coletiva encontra sua materialização”. Essa materialização pode ser identificada em diversos suportes como livros, quadros, partituras, películas de filmes, entre outros. Ou seja, a matéria nada mais é que o documento e esse deve ter como seu principal destaque não a sua forma, mas a busca por fomentar e preservar a memória social (DODEBEI, 1997).

Mesmo as sociedades em um contexto globalizado, nos quais as interferências culturais são mútuas, a procura pela singularidade por parte de vários grupos reforça a busca pelo sentimento de pertencimento a uma determinada cultura de origem. Nesse sentido, podemos entender a motivação de conservação daquilo que percebemos como Memória Coletiva ou Social, para que esses grupos tenham a capacidade de permanência ou ressignificação.

Quando um projeto como “Memória e Presença Viva de Autorias Negras” se apresenta é com o intuito de preservar um legado memorial

e sua contribuição social, política e científica que esses(as) pensadores(as) representam para uma sociedade. Em um país que sofre com o racismo estrutural, o epistemicídio surge, termo esse criado por Boaventura Sousa Santos e citado por Ribeiro (2019), para representar o “apagamento de produções e saberes produzidos por populações oprimidas”. Sendo assim, trabalhos como “Memória e Presença Viva de Autorias Negras” podem combater essas intencionalidades de extinção memorial de determinado grupo. Quando memórias coletivas são viabilizadas de maneira igualitária, sem prejuízos à sua imagem, há um fortalecimento identitário das comunidades, que buscam respostas no passado para um melhor entendimento do presente e com isso responder as indagações futuras, e assim impedir qualquer processo de invisibilidade e ou desaparecimento.

## ENFRENTAMENTOS À INVISIBILIDADE

O dicionário *Michaellis* (2021) aponta a invisibilidade como “Qualidade de invisível, do que não tem visibilidade.” [...] “1 Que não pode ser apreciado pelo sentido da visão; que não tem visibilidade; que não se vê;” “2 Que não se deixa ver; que não aparece por pertencer ao domínio da imaginação;” “3 Que não é visível a olho nu devido a sua extrema pequenez”.

No *Dicionário Informal* (2021), invisibilidade significa “Algo não visível, não visto, imperceptível aos olhos humanos”. Já o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2010) considera o termo “invisibilidade” como derivado do termo “invisível”: “01. Que não se vê, não se pode ver. 02. De que não se tem conhecimento: perigo invisível; ameaça invisível. [...]”.

O dicionário *Michaellis* (2021) não especifica o significado de “invisibilidade” a partir de uma categoria, como faz o *Dicionário Informal* ao fazer referência ao termo como algo relacionado ao ser humano. Interpretamos o “invisível” como consequência do imperceptível. Mesmo que o *Dicionário Informal* não faça referência à intencionalidade do “invisível/invisibilidade” sob a ótica social, colocamo-nos dispostos(as) a direcionar nossa reflexão à ação sociopolítica.

A invisibilidade como instrumento para atingir ou subjugar algo, alguém, grupos sociais, memórias a fim de torná-los insignificantes, sem sentido, sem importância ou imputar-lhes a subalternidade. Para que torná-los visíveis? A resposta possível de construção está

diretamente relacionada ao que o *Dicionário Aurélio* se refere sobre invisibilidade “[...] 02. De que não se tem conhecimento: perigo invisível; ameaça invisível”.

Podemos, então, propor o seguinte questionamento: que tipo de perigo ou ameaça representaria a visibilidade dos grupos subalternizados? Teríamos como possível resposta a quebra da hegemonia de um grupo dominante e de seus padrões normativos. Na perspectiva de destruição do grupo dominante? Podemos dizer que não, mas na perspectiva de retirar os segmentos sociais subjugados da condição de subalternos, levando-os a conquistar o reconhecimento e a afirmação do próprio protagonismo histórico e contemporâneo.

Como instrumento para realização do referido propósito, temos a “visibilidade” e os meios necessários e possíveis para reforçá-la na raiz da sociedade e vivenciá-la continuamente, na direção da contribuição no reforço da viabilidade dos costumes, da cultura e de toda a produção intelectual dos seguimentos subalternizados. Quando nos referimos à viabilidade recorremos a um dos significados atribuídos ao termo por parte do *Dicionário Michaelis* (2021) “[...] Condição ou estado de via pública ou caminho por onde se pode transitar”.

A partir da afirmação do *Dicionário Michaelis* (2021) podemos trazer os seguintes questionamentos: a qual via pública podemos nos referir? Que caminho podemos transitar para contribuir com a visibilidade e a conseqüente viabilidade da cultura e da produção intelectual dos segmentos subalternizados?

Na busca por respostas suscitamos o risco em potencial de destruição da memória encontrada nas bibliotecas universitárias federais, uma vez que nosso objeto de trabalho é a coleção de quadros produzida e doada pelo LABERER/UFPE à BIBCE/UFPE para fins de guarda, preservação e disseminação. Ao assumir a responsabilidade em torno da coleção de quadros, a BIBCE/UFPE reforça a própria missão institucional e contribui incondicionalmente para o processo de visibilidade da produção intelectual negra nacional e internacional através de ações de combate ao racismo e à invisibilidade a fim de barrar ao que Galindo (2010) se refere no tocante às diferentes formas de menosprezo ao patrimônio memorial, a resultar em dano à memória coletiva.

No contexto de racismo e de mentalidade institucional alinhada ao movimento de supremacia do pensar científico/acadêmico europeu e norte-americano, vale refletir sobre o que diz Benedita da Silva (2002, p. 22-25, apud GROSS, 2014, p. 225), “A invisibilidade é uma das grandes crueldades do racismo. [...] é um dos maiores

instrumentos para perpetuar o preconceito e o racismo no nosso país”. Mais adiante, GROSS (2014) ainda chama atenção para o papel dos meios de comunicação social a partir da opinião de Benedita da Silva ao se referir à responsabilidade e à função da mídia no combate à invisibilidade.

Ao estender a visão de Benedita da Silva às bibliotecas percebemos que elas atuam como a mídia porque elas também são instrumentos de comunicação. A BIBCE/UFPE assume o mesmo perfil na medida em que se coloca como palco para a expressão do pensamento e da produção cultural negra, a qual comunica e disponibiliza à sociedade eventos e atividades temáticas inerentes às relações étnico-raciais e, assim, cumpre o que é previsto na lei.

Para Galindo (2010), o resgate, a guarda, a preservação e a garantia de acesso aos valores culturais são exigências legais por parte do Estado. Vale citar os Artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 que respalda a BIBCE/UFPE e o LABERER/UFPE no propósito de garantir os instrumentos que visibilizam e viabilizam a produção intelectual das autorias negras.

Uma vez identificadas em catálogos, as coleções criam, de imediato, um registro civil e um link de pertencimento social entre o acervo e seus utilizadores, especialistas ou amadores, públicos ou privados. O catálogo cria um ente com identidade memorial que, ato-contínuo a sua divulgação, passa a ser um bem do patrimônio universal, e, como tal, sujeito à proteção e amparo legal do Estado (GALINDO, 2010, p. 260).

Quanto à questão que trata dos caminhos a percorrer para promover a visibilidade e a viabilidade da produção intelectual dos segmentos subalternizados, a parceria entre BIBCE/UFPE e LABERER/UFPE produziu exposições itinerantes da coleção de quadros de autorias negras durante o ano de 2019. A exposição intitulada “Memória e Presença Viva de Autorias Negras” percorreu os *campi* da UFPE: Biblioteca do Centro de Educação e Centro Acadêmico do Agreste em Caruaru; o Instituto Federal de Pernambuco e a sede do Projeto Pró-Criança.

Promovemos, também, rodas de diálogos e mesas redondas na BIBCE/UFPE sobre temas ligados às relações étnico-raciais com a participação de estudantes, docentes, técnicos(as) da UFPE e de outras instituições de Ensino Superior, estadual e municipal de Ensino Médio e Fundamental, da comunidade externa à UFPE, como

representantes de coletivos que trabalham no combate ao racismo em outras instâncias sociais, apresentações de manifestações culturais negras na capoeira, na música e na dança afrocentrada.

## VIVÊNCIAS NA BIBCE/UFPE EM PARCERIA COM O LABERER/UFPE

A cada mediação desenvolvida nos espaços da Biblioteca do CE, um(a) autor(a) da exposição era destacado(a) com o intuito de dar vida a cada quadro representado. A primeira homenageada a ser exposta na roda de diálogo foi a historiadora Beatriz Nascimento, dando ênfase em sua vida e obra para a geração dos debates entre os(as) participantes com o objetivo de valorizar as suas contribuições para os estudos étnicos-raciais.

Assim como Beatriz Nascimento, outros dois autores foram expostos nas rodas de diálogo na Biblioteca. Foram eles: Petronilha Beatriz (Doutora em Ciências Humanas – Educação) e Hampâtê Bâ (Escritor Malinês).

A Biblioteca do CE recebeu um acervo com 19 telas pintadas por Antônio Fernando Nascimento, artista plástico de Vitória de Santo Antão/PE. Os quadros retratam intelectuais negros e negras de diversas localidades, com suas áreas específicas de conhecimento e inclui em cada peça um resumo biográfico sobre eles(as). Tais obras ficaram expostas no salão de entrada da biblioteca, para dar maior visibilidade e destaque à exposição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre Memória Social através dos teóricos referenciados propõe pesquisas sobre o fortalecimento identitário dos grupos sociais, considerando o fato da preservação da memória iniciar a partir desses grupos. Sugerem-se abordagens que tenham como propósito a existência da memória instrumentalizada pela organização, manutenção e reconstrução a fim de evitar o esquecimento, a invisibilidade e o silenciamento no sentido de propor políticas públicas de fortalecimento da Memória Social. Isso implica diretrizes e ações de preservação que considerem o processo de materialização da Memória Social nas bibliotecas universitárias.

As pesquisas precisam considerar o caráter permanente e transitório dos suportes informacionais e também o novo perfil em gestão nas bibliotecas, tendo em vista o fato de a Memória Social preservada possa ser instrumento de ressignificação para os grupos sociais subalternizados, a exemplo das memórias das autorias negras que, disseminadas, subsidiam discussões e promovem o fortalecimento identitário e, conseqüentemente, desaceleram ou impedem as ameaças de extinção da identidade e da memória do povo e do legado negro.

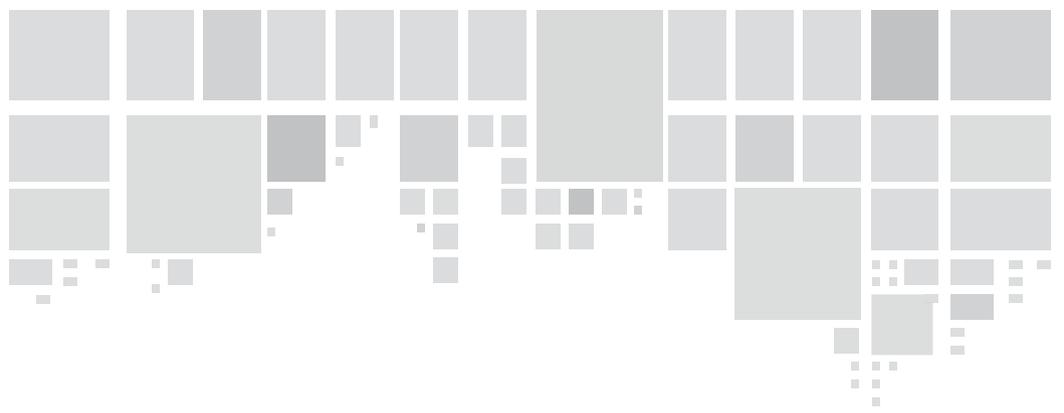
Verificamos a necessidade de estender a experiência da BIBCE/UFPE com o LABERER/UFPE para as demais bibliotecas universitárias federais, considerando as áreas temáticas de cada uma delas e suas respectivas autorias negras em todas as áreas do conhecimento como forma de diversificar os métodos de disseminação, de comunicação da informação em seus variados formatos e identidades sociais.

Recomendamos que os grupos que estudam e pesquisam sobre as relações étnico-raciais criem parcerias com suas bibliotecas universitárias correspondentes, uma vez que é possível estabelecer pontes a partir de um trabalho que se complementa na medida em que as atividades suscitam instrumentos que desafiam as pessoas envolvidas a buscar mais parcerias, até porque as instituições as quais essas pessoas são vinculadas se encaminham para além dos muros de concreto. Nessa perspectiva, a biblioteca se torna partícipe do contexto educacional porque se coloca como instrumento didático e pedagógico ao ensino, à pesquisa e à extensão e amplia seu público-alvo, uma vez que se encontra em diálogo contínuo com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- DODEBEI, Vera. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. Rio de Janeiro. 1997. 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2SaKHte>. Acesso em: 27 dez. 2020.

- GALINDO, Marcos. Patrimônio memorial e instituições públicas no Brasil. In.: BARRIO, Ángel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Hélio (Orgs.). **Inovação Cultural, Patrimônio e Educação**. Recife: Massangana, 2010. p. 251-263.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- GROSS, Daniele. Raça Identificada: A Quebra da Invisibilidade Negra. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3fujFA5>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- DICIO**: Dicionário Informal. São Paulo: [s.n.]. Disponível em: <https://bit.ly/33Yxqf>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- MICHAELLIS: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://bit.ly/3bDYK1l>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RODRIGUES, Márcia. Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva. **Em questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3oDXhgD>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/33VrI8C>. Acesso em: 17 dez. 2020.



## **SOBRE OS AUTORES**

### **Adilson dos Ramos**

Bibliotecário, Mestre em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, Especialista em arquivo. Coordenador da Biblioteca Setorial do Centro de Educação da UFPE. Integrante do LABERER. E-mail: [adilsonram@gmail.com](mailto:adilsonram@gmail.com)

### **Allysson Leonan Cunha da Silva**

Graduando no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, integrante do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da UFPE, E-mail: [allysson.leonan@ufpe.br](mailto:allysson.leonan@ufpe.br)

### **Amanda Carla Ganimo do Nascimento**

Bibliotecária, Mestranda em Ciência da Informação pelo Departamento de Ciência da Informação da UFPE, Especialista em Mediação Cultural pela UFPE e Coordenadora da Biblioteca Setorial do Centro de Artes de Comunicação da UFPE. Integrante do LABERER. E-mail: [amandaganimo@gmail.com](mailto:amandaganimo@gmail.com)

### **Catarina da Silva Souza**

Licenciada em Educação Física, Mestre e Doutoranda em Educação. Professora adjunta da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. E-mail: catarina.souza@ufape.edu.br

### **Cláudia Vicente da Silva**

Licenciada em História, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu), integrante do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da UFPE. E-mail: claudia.vicente@ufpe.br

### **Cledson Severino de Lima**

Professor da Uninassau, Professor Técnico da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, lotado na Unidade de Educação das Relações Étnico-Raciais, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Coordenador do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da UFPE, Integrante da Afrocentricidade Internacional Brasil, Licenciado em Pedagogia e História. E-mail: cledsonfugao@hotmail.com

### **Dianne Kéthully Delfino da Silva**

Assistente social, Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. E-mail: dianne.kethully@ufpe.br

### **Elizama Pereira Messias**

Pedagoga, Mestra e Doutoranda em Educação pela UFPE; Especialista em Museus, Identidades e Comunidades/FUNDAJ; Professora da Educação Básica; Produtora Cultural; Pesquisadora sobre relações étnico-raciais e patrimônio cultural; Coordenadora do LABERER/UFPE/CNPq. E-mail: elizama18nova@gmail.com

### **Emerson Raimundo do Nascimento**

Professor de História, Especialista em Formação de Educadores, Mestre em Educação (UFPE), Professor da Secretaria de Educação. E-mail: historiaemerson@gmail.com

### **Joice Carla Silva de Oliveira**

Licencianda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: joicecarla.historia@gmail.com

### **Marcelo Ragner Guerra da Silva**

Mestrando em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). E-mail: ej.marceloragner@gmail.com

### **Maria da Conceição dos Reis**

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do Centro de Educação da UFPE. Líder do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais da UFPE. E-mail: maria.conceicao@ufpe.br

### **Maria Lúcia Gomes dos Prazeres**

Pedagoga, Especialista em Educação e Psicomotricidade (FAFIRE) e em Arte Terapia e Linguagens Corporais pela Faculdade Integrada de Vitória de Santo Antão, Mestre em Ciências da Religião (UNICAP). Professora Convidada na FAFIRE. E-mail: luciaprazeres@hotmail.com

### **Sarah de Paula Morato**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Coordenadora do Projeto Inglês Afrocentrado do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais - LABERER/UFPE/CNPq; Fundadora e *CEO* da *Aya Education* e membra do LABERER. E-mail: moratosarah@gmail.com

### **Suzana Kalline Santos de Souza**

Graduanda do curso de Serviço Social, Pesquisadora em Desigualdades e Direitos Humanos, Ativista, Educadora Social, Colunista na Revista Virtual Voz ERER, Integrante do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (LABERER) da UFPE. E-mail: suzana.santos0052@gmail.com

### **Tulane Silva de Souza Pedrosa**

Jornalista, Especialista em Políticas Educacionais e Inovação pela Escola de Inovação e Políticas Públicas da Fundação Joaquim Nabuco,

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco,  
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco.  
E-mail: tulane.souza@ufpe.

### **Yure Gonçalves da Silva**

Técnico em Logística; Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, membro do Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais – LABERER/UFPE/CNPq e integrante do Grupos de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades – GEPIFHRI/UFPE/CNPq.  
E-mail: yure.goncalves@ufpe.br

**Título** Educação das relações étnico-raciais  
numa abordagem afrocentrada

**Organização** Maria da Conceição dos Reis

**Formato** *E-book* (PDF)

**Tipografia** Open Sans

**Desenvolvimento** Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE  
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397  
*E-mail:* [editora@ufpe.br](mailto:editora@ufpe.br) | *Site:* [www.editora.ufpe.br](http://www.editora.ufpe.br)



**PROGRAD**  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO